

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO

JAQUELINE TAVARES DA SILVA

O CLAUSTRO DAS MULHERES ASSEMBLEIANAS: limites e horizontes discursivos
nas igrejas pentecostais – Pernambuco (2001-2022)

Maceió-AL
2024

JAQUELINE TAVARES DA SILVA

O CLAUSTRO DAS MULHERES ASSEMBLEIANAS: limites e horizontes discursivos
nas igrejas pentecostais – Pernambuco (2001-2022)

Defesa de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador (a): Prof.^a. Dr.^a. Arrizete Cleide de Lemos Costa

Maceió-AL

2024

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586c Silva, Jaqueline Tavares da.

O claustro das mulheres assembleianas : limites e horizontes discursivos nas igrejas pentecostais – Pernambuco (2001-2022) / Jaqueline Tavares da Silva. – 2024.

161 f. : il. color.

Orientadora: Arrizete Cleide de Lemos Costa.

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 147-150.

Anexos: f. 152-161.

1. Igreja pentecostal – Pernambuco. 2. Assembleia de Deus. 3. Mulheres – Igreja. 4. Práticas religiosas. I. Título.

CDU : 284.57-055.2 (813.4)

Folha de Aprovação

JAQUELINE TAVARES DA SILVA

O CLAUSTRO DAS MULHERES ASSEMBLEIANAS: limites e horizontes discursivos nas igrejas pentecostais – Pernambuco (2001-2022)

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 27 de fevereiro de 2024.

Documento assinado digitalmente



ARRIZETE CLEIDE LEMOS COSTA

Data: 15/04/2024 18:54:05-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a. Dr.^a. Arrizete Cleide de Lemos Costa (Orientadora)
Universidade Federal de Alagoas

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente



JANAINA CARDOSO DE MELLO

Data: 06/05/2024 19:19:58-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a. Dr.^a. Janaína Cardoso de Mello (Examinadora Extrema)
Universidade Federal de Sergipe

Documento assinado digitalmente



MARIA JEANE DOS SANTOS ALVES

Data: 14/05/2024 22:47:34-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a. Dr.^a. Maria Jeane dos Santos Alves (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Sergipe

AGRADECIMENTOS

Após um ciclo de muito conhecimento acadêmico, profissional e especialmente pessoal, encerro essa página da minha vida acreditando que somente a determinação, o foco e a confiança no que fazemos podem nos proporcionar momentos como este, onde a fé em nós mesmos nos levam a grandes conquistas. Entretanto, reconheço que não estou só, nunca estive, por isso, meu coração se enche de alegria ao saber que minha família, amigos e companheiros de trabalho, de mestrado, professores, estiveram ao meu lado por toda essa trajetória que se tornou um pouco mais longa, só para me lembrar que nem sempre a vida ocorre 100% como planejamos.

Dessa forma, gostaria de dar nomes, sabendo que nomear é permear de significados, é pertencer e valorizar cada gesto de carinho, paciência e amor que recebo constantemente pelos meus. Sem mais delongas, agradeço infinitamente a minha querida e amada mãe, Ivaneide Tavares da Silva, mulher, analfabeta, mãe de onze filhos (Genileide, Janaina, Genilson, Janailson, Gilson, Joab, Jaqueline, Jaliel, Elienai, Eliel e Sarah), esposa amada, avó de muitos, dona de casa, que me convenceu a encher minha casa de plantas e a “falar com elas”, que nos alimenta não só o corpo, mas o espírito, compreensiva, gentil, braba, soridente, e sempre pronta para nos dar um colo e um abraço apertado. Mainha, por você luto, por você choro, com você danço e oro!

Agradeço também a esse homem extraordinário chamado José Lucas da Silva, conhecido pelos nove de pai. Ao homem que criou os seus filhos com todas as dificuldades do mundo, mas que sempre esteve lá em todos os momentos em que no silêncio minha alma angustiava. Ao homem vendedor de algodão doce, pitomba, de cesta básica. Motorista, cobrador, assembleiano, que sempre deixou os seus sonhos de lado para poder prover o nosso lar e as necessidades dos seus filhos como uma prioridade. A todas as passagens de ônibus que o senhor conseguiu pagar para que sua filha conseguisse ser a primeira da casa, e da família no geral a se formar na universidade, e quem diria, painho, uma mestra, a primeira novamente!

Aos meus irmãos toda gratidão do mundo pela paciência que tiveram comigo, pelos momentos em que perdi de estarmos juntos para poder dar conta do trabalho em tempo integral e do mestrado. Só vocês sabem dos momentos de solidão na escrita dessa dissertação. Em especial, a minha “vidinha”, Sarah Letícia, que chegou em nossas vidas quando nossa mãe já estava em uma idade avançada para ter filhos, mas que transbordou meu coração de um amor inefável. A minha doce Nicole, que como sempre, enche-me de orgulho. E a minha

galerinha, a nova geração da família Tavares: Nate, Nicolas, Mikaely, Samuel e as pequeninas, Laura e Ayla.

Ao meu grande e melhor amigo Rafael, que em todos os momentos esteve ao meu lado, trazendo-me a alegria e o equilíbrio que eu precisava, e é claro, a todo o suporte, as dicas acadêmicas que foram valiosíssimas para conclusão dessa pesquisa. Galego, você também é minha família, nos achamos desde a faculdade e estaremos juntos até o fim! A minha amiga Jaque, por todas as aventuras que vivemos, e por todo apoio que me oferece. A Kaio, que também chegou para ficar. A Yasmim, a Alice, a Gabriel e a minha querida Natália, com seu jeito meigo e acolhedor. Não poderia deixar de agradecer a meu querido Lucas, esse ser vibrante que consegue debater todos os assuntos que envolvem a pesquisa com seres humanos, sem esquecer do toque que somente a literatura pode ofertar, você é gigante! A querida Ju, que me fez embarcar nessa de fazer uma *tattoo* igualzinha, você terá sempre morada em meu coração.

Meus agradecimentos também estão voltados aos meus estudantes, de Iratama e São Pedro, ambos distritos de Garanhuns, escolas de campo, que me abraçaram e me acolheram. Sou grata por fazer das minhas aulas de História um espaço vivo de discussões, de paixão e entusiasmo e não um monólogo disfarçado de diálogos.

E, por fim, aos meus mestres, meus professores do mestrado, que contribuíram de todas as formas na continuidade da minha formação acadêmica, profissional e pessoal, em especial ao prof^o Pedro Aberlado e a Prof^a Irinéia, que me incentivaram desde as primeiras aulas nessa pesquisa. A minha orientadora prof^a Arrizete, pelo aprendizado compartilhado que certamente somou na minha vida. Gratidão, porque “não estou só”, essas palavras foram ditas em minha defesa da Qualificação, mas serão sempre um lembrete. De que preciso continuar.

DEDICATÓRIA

Dedicamos esse trabalho de pesquisa a todas as assembleianas que foram o motivo maior dessa jornada acadêmica.

“O olhar de Clio mudou e voltou-se para outras questões e problemas, para outros campos e temas”.

Pesavento

RESUMO

Essa pesquisa analisa uma das maiores e mais antigas denominações pentecostais do Brasil. A Assembleia de Deus tem uma presença significativa em todo o país, incluindo no estado de Pernambuco. Desse modo, a participação feminina nas atividades e lideranças da igreja é uma discussão que varia de acordo com as denominações e regiões, diante disso, algumas áreas ou congregações específicas podem ter uma participação feminina mais ativa, enquanto outras podem ser mais tradicionais em suas perspectivas de gênero. Em Pernambuco, assim como em outros estados, é comum que as mulheres desempenhem diversos papéis nas congregações, tais como: participação nos cultos, seja cantando, testemunhando ou orando; no Círculo de Oração, onde elas se reúnem para orar, testemunhar, interceder e estudar a Bíblia; em missões, tanto localmente quanto no exterior; no ensino, principalmente quando ensinam classes bíblicas, especialmente para crianças, adolescentes e outros grupos de mulheres, como também na pregação ainda que sensível no tocante a ministração da pregação final nos cultos. Nesse caso, a cultura e a sociedade em Pernambuco, como em outras partes do Brasil, influenciam a dinâmica da igreja e a participação feminina. Vale ressaltar que as igrejas variam em suas práticas e teologias, por isso, para obter uma compreensão mais precisa da atuação das mulheres assembleianas em Pernambuco, buscamos nos orientar a partir da perspectiva da História Cultural e das representações, como também da história das mulheres enquanto campo de investigação, assim como o uso da história oral, dessa feita dialogamos com Michelle Perrot (2007); Roger Chartier (1990); Michel de Certeau (1998); José de Assunção Barros (2020), entre outros. Para tanto, procura-se compreender os processos históricos referentes à construção do pensamento assembleiano; suas práticas socioculturais e religiosas diante do seu lugar de produção, tendo em vista a difusão da *Doutrina e dos Usos e Costumes* assembleianos por meio dos textos literários da instituição, usados como sistema cultural a partir da perspectiva foucaultiana (2004); assim como a hierarquia eclesiástica e administrativa e as práticas culturais, que, neste caso, também são práticas religiosas que se fazem presentes na atualidade assembleiana. Essa pluralidade de enfoques permite uma análise de discurso acerca das vivências das mulheres assembleianas e suas atuações no seio congregacional, tendo como recorte temporal os anos que se seguem entre 2001 a 2022.

Palavras-chave: Mulheres. Igreja Pentecostal. Pernambuco. Práticas religiosas. Poder. Discurso.

ABSTRACT

This research analyzes one of the largest and oldest Pentecostal denominations in Brazil. The Assembly of God has a significant presence throughout the country, including in the state of Pernambuco. Therefore, female participation in church activities and leadership is a discussion that varies according to denominations and regions. Therefore, some specific areas or congregations may have more active female participation, while others may be more traditional in their perspectives. of gender. In Pernambuco, as in other states, it is common for women to play different roles in congregations, such as: participation in worship, whether singing, witnessing or praying; in the Prayer Circle, where they gather to pray, witness, intercede and study the Bible; on missions, both locally and abroad; in teaching, especially when they teach biblical classes, especially for children, teenagers and other groups of women, as well as in preaching, although sensitive in terms of the final preaching in services. In this case, culture and society in Pernambuco, as in other parts of Brazil, influence church dynamics and female participation. It is worth mentioning that churches vary in their practices and theologies, therefore, to obtain a more precise understanding of the role of assembly women in Pernambuco, we seek to orient ourselves from the perspective of Cultural History and representations, as well as the history of women as field of investigation, as well as the use of oral history, this time we dialogued with Michelle Perrot (2007); Roger Chartier (1990); Michel de Certeau (1998); José de Assunção Barros (2020), among others. To this end, we seek to understand the historical processes relating to the construction of Assembly thought; its sociocultural and religious practices in relation to its place of production, with a view to the dissemination of the Assemblies' Doctrine and Uses and Customs through the institution's literary texts, used as a cultural system from the Foucauldian perspective (2004); as well as the ecclesiastical and administrative hierarchy and cultural practices, which, in this case, are also religious practices that are present in the Assembly today. This plurality of approaches allows for a discourse analysis about the experiences of assembly women and their actions within the congregation, taking as a time frame the following years between 2001 and 2022.

Keywords: Women. Pentecostal church. Pernambuco. Religious practices. Power. Speech.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1 - Matriz central da Assembleia de Deus em Pernambuco, localizada em Recife..... | 42 |
| Figura 2 - Distribuição da Santa Ceia por parte dos obreiros na IEADPE | 45 |
| Figura 3 - Atual Pastor Presidente Ailton José Alves em Pernambuco | 54 |
| Figura 4 - Lista da Mesa Diretora da CGADB e Presidentes de Convenções no N e NE..... | 58 |
| Figura 5 - Cantora Eliã Oliveira louvando no templo central do Recife | 61 |
| Figura 6 - Escola Bíblica de Férias 206 e 2017 em Garanhuns –PE (EBF) | 62 |
| Figura 7 - Sumário da Escola Bíblica de Obreiros de 2013..... | 63 |
| Figura 8 - Jovens da campanha evangelizadora..... | 75 |
| Figura 9 - Foto da capa da entrevista | 79 |
| Figura 10 - Corpo abjeto..... | 82 |
| Figura 11 - Logomarca da Assembleia de Deus em Pernambuco | 87 |
| Figura 12 - Sizely Brito pregando na Assembleia de Deus em Pernambuco..... | 88 |
| Figura 13 - Influência da Igreja sueca sobre o movimento assembleiano no Brasil..... | 89 |
| Figura 14 - Pr. André de Alencar ministrando a palavra no segundo dia do 15º Congresso de Mulheres em Garanhuns -2022..... | 96 |
| Figura 15 - 15º Congresso de Mulheres IEADPE 2022..... | 97 |
| Figura 16 - 16º Congresso de Mulheres IEADPE 2023..... | 98 |
| Figura 17 - Sizely Brito em entrevista ao MapaCast | 112 |
| Figura 18 - Culta da Família - IEADPE 2023..... | 114 |
| Figura 19 - Formatura do Discipulado - 2023..... | 117 |
| Figura 20 - Irmã Zezé em Paris..... | 123 |
| Figura 21 - Irmã Zezé na Alemanha | 124 |
| Figura 22 - Irmã Zezé nos Estados Unidos..... | 124 |
| Figura 23 - Irmã Zezé e irmã Cecília | 128 |
| Figura 24 - Divulgação de eventos onde a irmã Zezé foi a pregadora..... | 129 |
| Figura 25 - Irmã Zezé no MapaCast | 129 |

TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 - As três grandes ondas do pentecostalismo..... | 44 |
| Tabela 2 - Comissão Especial..... | 47 |
| Tabela 3 - Lições Bíblicas (CPAD) | 65 |
| Tabela 3 - Classificação Geral dos Dons | 126 |

GRÁFICO

Gráfico 1 - Igreja Assembleia de Deus - Crescimento Demográfico 2000..... 50

Gráfico 2 - Igreja Assembleia de Deus - Crescimento Demográfico 2010..... 50

LISTA DE ABREVIATURAS

ADnews - Assembleia de Deus notícias

ADVEC - Assembleia de Deus Vitória em Cristo

CADB - Convenção das Assembleias de Deus no Brasil

CGADB - Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil

CONAMAD - Convensão Nacional de Ministros da Assembleia de Deus de Madureira

CPAD - Casa Publicadora das Assembleias de Deus

D. I.P - Departamento de Imprensa e Propaganda

EBD - Escola Bíblica Dominical

EBF - Escoal Bíblica de Férias

EMAD - Escola de formação de missionários Assembleia de Deus

FAECAD - Faculdade Evangélica das Assembleia de Deus

IBAD - Instituto Bíblico das Assembleias de Deus

IBGE - Instituto Brasileiro Geográfico e Estático

IEADPE - Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco

ICP - Instituto Cristão de Pesquisas

ISER- Instituto Superior de estudos da Religião

SENAMI - Secretaria Nacional de Missões

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 14 |
| 2 A TRADIÇÃO RELIGIOSA JUDAICO-CRISTÃ | 38 |
| 2.1 A instituição Igreja Assembleia de Deus no Brasil | 39 |
| 2.2 A hierarquia patriarcal | 54 |
| 2.3 O papel da mulher na doutrina ortodoxa assembleiana: as lições bíblicas | 64 |
| 3 REPRESENTAÇÕES DA MULHER NA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS | 70 |
| 3.1 Usos e costumes assembleianos | 70 |
| 3.2 Mentes sucateadas..... | 77 |
| 3.3 Corpos abjetos e corpos adestrados | 81 |
| 3.4 Mulheres preletoras, memórias interrompidas | 87 |
| 4 AS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS DA MULHER ASSEMBLEIANA NA PÓS-MODERNIDADE | 93 |
| 4.1 As narrativas dissonantes | 102 |
| 4.2 Assembleianas na cidade | 118 |
| 4.3. Irmã Zezé de Garanhuns - uma missionária fora da curva | 123 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: por novas performances na história da mulher pentecostal | 133 |
| REFERÊNCIAS | 141 |
| ANEXOS | 146 |
| Anexo 1 - Escala semanal de Obreiros - Garanhuns/PE | 147 |
| Anexo 2 - Escala de Obreiros para o Círculo de Oração - Garanhuns/PE..... | 149 |
| Anexo 3 - Questionário Sizely Brito..... | 150 |
| Anexo 4 - Questionário Natália Moraes | 152 |
| Anexo 5 - Membros da Assembleia de Deus por residência | 154 |

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa surgiu com intuito de investigar a representação das mulheres evangélicas de segmento pentecostal como um grupo específico, mas que possui particularidades frente aos desafios contemporâneos na manutenção do modo como vivem e como se veem. Desse modo, é preferível a compreensão de que “em cada caso o modo de representação e a temporalidade são diferentes” (BHABHA, 2013, p. 69). Usaremos como recorte temático a igreja Assembleia de Deus por se tratar do maior expoente pentecostal no Brasil: segundo os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística - IBGE (2010), os fiéis assembleianos correspondem a 12.314.410 de um total de 25.370.484 de pentecostais no Brasil.

Nessa perspectiva, estaremos delimitando nosso objeto de estudo a partir das duas primeiras décadas do século XXI, entre 2001 a 2022, no tocante aos novos paradigmas que foram se reconfigurando no interior da instituição, assim como a manutenção e a sujeição eclesiástica aos dogmas estabelecidos, surgindo desse modo uma dicotomia frente aos desafios enfrentados e a escolha identitária de seus membros, especialmente as mulheres.

Para tanto, procura-se compreender os processos históricos referentes à construção do pensamento assembleiano; suas práticas socioculturais e religiosas diante do seu lugar de produção, tendo em vista a difusão da *Doutrina e dos Usos e Costumes* assembleianos por meio dos textos literários da instituição, usados como sistema cultural a partir da perspectiva foucaultiana (2004); assim como a hierarquia eclesiástica e administrativa e as práticas culturais, que, neste caso, também são práticas religiosas que se fazem presentes na atualidade assembleiana. Essa pluralidade de enfoques permite uma análise de discurso acerca das vivências das mulheres assembleianas e suas atuações no seio religioso.

Partindo desse pressuposto, ao refletir sobre as mulheres assembleianas como categoria analítica, torna-se crucial repensá-las em suas relações sociais, em função da família, do lar e da igreja. Por isso, percebemos que é necessário adotarmos uma postura onde as inserimos num contexto histórico, político e social. Logo, teremos assim às questões no que se refere a essas mulheres: de fato possuem identidades fixas? Se perpetua uma padronização comportamental tida como ideal? Estão adquirindo com o tempo – de maneira velada – ferramentas norteadoras de resistência na difícil tarefa de permanência?

Em relação a teoria adotada nessa pesquisa utilizaremos a princípio o texto de José D' Assunção Barros sobre *O problema histórico e a escolha da documentação adequada*, na obra *A fonte histórica e seu lugar de produção*, onde diz ele que, “as fontes históricas, como se sabe, constituem a base empírica que traz legitimidade ao discurso do historiador” (BARROS, 2020, p. 22). Ouvir o que uma fonte nos diz, não é uma tarefa de fácil abstração, por isso a necessidade de se entender o universo das fontes para que se possa ter uma adequação da análise com o problema histórico levantado, expõe Barros.

Diante disso, a pesquisa se fará a partir das principais produções literárias da Assembleia de Deus e da História Oral. Sendo assim, as principais fontes escritas da literatura assembleiana utilizadas são os textos publicados pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD); o jornal *Mensageiro da Paz*; as *Lições Bíblicas*, como também o ADNEWS - jornal oficial da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco (IEADPE). A partir desse *corpus* documental¹ emprega-se a importância da imprensa para a propagação das mensagens aos seus leitores, o que corroborou com a promoção tanto comercial, educacional, espiritual e, acima de tudo, comportamental de seus membros. Nessa perspectiva também estaremos usando as mídias digitais de algumas mulheres assembleianas e de outros espaços midiáticos, tais como, *podcast*, além das redes sociais oficiais da instituição IEADPE.

Pensando na escrita produzida por essas revistas e jornais que tinham, e ainda tem, como objetivo principal ações que visavam a moral, a ética, a conduta e o modo de vida que os assembleianos deveriam levar: ou seja, para além dos cultos semanais a doutrinação se configura de forma escrita através desses suportes que configuravam e modificavam durante décadas a maneira que seus membros deveriam “testemunhar”, tanto nos espaços públicos quanto nos privados, a identidade assembleiana.

Por essas palavras, entendemos a urgência em se tratar dessas fontes em relação as mulheres, pois tais publicações foram e ainda são escritos majoritariamente por homens, salvos algumas pequenas exceções, como no caso de Frida Vingren, pioneira das assembleias que contribuiu na escrita do jornal *Mensageiro da Paz* e sua atuação de forma geral com o crescimento das Assembleias de Deus no norte e sudeste do país em sua implementação. Nesse sentido, procura-se consultar os

¹ *Corpus* documental, segundo Barros é “a escolha das fontes que serão utilizadas para que se torne possível uma pesquisa de história sobre qualquer tema ou objeto de investigação” (BARROS, 2020, p. 08).

periódicos considerando seu lugar social de produção, seus apontamentos históricos de formação da imprensa, assim como a participação das mulheres nessa conjuntura, tendo como foco a Casa Publicadora das Assembleias de Deus - CPAD, que poderá servir para o estudo enquanto instrumento de informação e averiguação das mudanças ocorridas pelas mulheres e para as mulheres com o advento do século XXI. Portanto, é necessário destacar que os processos de idealização das mulheres assembleianas estão oscilando entre sua entrada no mercado de trabalho e as novas correntes de pesquisas e difusão sobre os estudos de gênero, negar essa verdade é não perceber a eficácia dessas transformações na vida das mulheres que também chegaram nos portões da cultura religiosa pentecostal, portanto, assim como “as palavras, como as ideias e as coisas que elas pretendem significar, tem uma história” (Scott, 1990, p.71), as mulheres assembleias são sujeitos de memórias e identidades múltiplas que carregam também seus significantes perante a historicidade de suas vidas. Continua ela,

Penso que não podemos fazer isso sem conceder uma certa atenção aos sistemas de significado, quer dizer, aos modos pelos quais as sociedades representam o gênero, servem-se dele para articular as regras de relações sociais ou para construir o significado da experiência. Sem significado, não há experiência; sem processo de significação, não há significado (SCOTT, 1990, p.82).

A presente pesquisa também se utiliza da História Oral, uma vez que ela é uma metodologia de pesquisa que envolve a coleta de testemunhos e memórias por meio de entrevistas gravadas, nesse caso, para esse estudo em especial usaremos de entrevistas presenciais como também por meio de entrevistas gravadas em *podcast*. Para tanto, aplicou-se dois questionários semiestruturados, um dirigido a irmã Sizely Brito e outro a Natália Moraes, além das entrevistas feitas ao *MapaCast* com a irmã Zezé de Garanhuns e a irmã Sizely Brito. Nesse sentido, recorreremos ao universo das mídias digitais para demonstrar que as mulheres assembleianas estão cada vez mais tendo visibilidade e credibilidade na sociedade, assim como rompendo o silêncio da qual são mantidas na instituição da IADPE. Portanto, parte-se do pressuposto que a entrevista “é uma relação que se insere em práticas culturais particulares e que é informada por relações e sistemas de comunicação específicos. Em outras palavras, não existe uma única "maneira certa" de entrevista” (THOMSON, 2000, p.48).

A História Oral proporciona um olhar diferenciado sobre a experiência humana, permitindo que historiadores, antropólogos e outros pesquisadores acessem perspectivas que frequentemente são omitidas ou marginalizadas em fontes escritas tradicionais, pois “a tradição oral é discurso dinâmico, constantemente em contato com a atualidade mais contemporânea e, assim, integralmente originária da história”

(JOUTARD, 2000, p.40).

A História Oral, embora tenha raízes ancestrais na tradição de contar histórias, começou a ganhar reconhecimento como método formal de pesquisa no século XX. Com o advento da tecnologia de gravação, os pesquisadores puderam registrar e preservar relatos orais com precisão. Durante os anos 1960 e 1970, ela foi instrumentalizada, principalmente, para documentar as vidas de indivíduos que eram frequentemente excluídos das narrativas históricas convencionais, como mulheres, minorias e trabalhadores. E nessa perspectiva, segundo Alistair Thomson,

Uma das mudanças mais significativas nos últimos 25 anos de história oral foi o reconhecimento de que a, assim chamada não confiabilidade da memória pode ser um recurso, em vez de um problema para a interpretação e a reconstrução históricas” (2000, p.52).

Diante disso, a grande importância da História Oral está em sua capacidade de dar voz àqueles que foram historicamente silenciados.

Nessa visão, afirma Thomson que,

As entrevistas de história oral também permitem explorar aspectos da experiência histórica que raramente são registrados, tais como relações pessoais, vida doméstica e a natureza de organizações clandestinas. Elas oferecem uma rica evidência sobre os verdadeiros significados subjetivos, ou pessoais, de eventos passados (THOMPSON, 2000, p.51).

Conduzir uma pesquisa baseada em História Oral requer planejamento e consideração meticolosos. Alguns passos importantes incluem: Definição clara do objetivo da pesquisa; seleção cuidadosa dos entrevistados. preparação de um conjunto de perguntas ou tópicos; gravação de alta qualidade das entrevistas e transcrição e análise dos depoimentos.

Entretanto, a História Oral não está isenta de críticas. Algumas das preocupações levantadas incluem: a confiabilidade da memória humana; a influência do entrevistador no depoimento do entrevistado e a necessidade de contextualizar e corroborar os relatos orais com outras fontes. Mas ainda assim, a História Oral oferece uma abordagem diferenciada para entender o passado/presente. Ao capturar vozes, memórias e perspectivas ela enriquece nosso entendimento da história e amplia o escopo da compreensão histórica. Ao mesmo tempo, como qualquer metodologia, deve ser usada com consciência, reflexão e rigor.

A historiografia brasileira passou a dar ênfase às pesquisas relacionadas a gênero e religião por volta da década de 1990, principalmente no campo da história cultural, portanto, ainda há muito a se fazer quando o assunto envolve a vida privada/pública das mulheres que estão enraizadas na vida religiosa. Buscaremos conhecer as representações tidas como “verdades absolutas” encaixadas em seu perfil e de como tais representações coletivas são assimiladas e difundidas pelo meio evangélico pentecostal: para tanto, recorreremos ao campo de investigação da História das Mulheres, seguindo os pressupostos da História Cultural.

Dessa maneira utilizamos o conceito de Joanna Scott, onde esclarece que:

Gênero é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, “gênero” tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT, 1990, p.75).

Ademais, é sabido que a História Cultural foi adotada pelos historiadores brasileiros a partir 1980 e desde então tem-se tornado cada vez mais “uma história problematizadora do social, preocupada com as massas anônimas, seus modos de viver, sentir e pensar”, como bem descreve Ronaldo Vainfas sobre a contribuição da *Escola Nova* no fazer historiográfico na obra *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia* (1997, p. 194). Nessa perspectiva, a história interdisciplinar abriu-se ainda mais para o diálogo entre as ciências sociais.

Desse modo, entendemos a que “a chamada história cultural é uma história plural, apresentando caminhos alternativos para a investigação histórica, do que resulta, muitas vezes, uma série de desacertos e incongruências” (VAINFAS, 1997, p. 221).

A "Nova História Cultural" no final do século XX teve, segundo Peter Burke (2008, p. 41), a contribuição de historiadores como Roger Chartier, Michel de Certeau, Emmanuel Le Roy Ladurie e Daniel Roche na França, Natalie Davis e Lynn Hunt nos Estados Unidos, Carlo Ginzburg na Itália, Hans Medick na Alemanha. Estes enfatizaram a necessidade de explorar a cultura não apenas como um reflexo da sociedade, mas como um espaço ativo de produção e resistência. Desse modo, utilizaremos a História Cultural na perspectiva de Roger Chartier, particularmente, pelo seu debate em torno das representações culturais e das práticas de leitura. Seu trabalho rejeita a noção de que os textos possuem um único significado, enfatizando, em vez disso, a variedade de formas como são recebidos e interpretados por diferentes públicos. Para Chartier, a cultura não é passivamente absorvida, mas ativamente apropriada e adaptada pelos indivíduos. Em *A História Cultural: Entre Práticas e Representações* (1990), ele argumenta que os textos são moldados tanto por seus criadores quanto por seus consumidores. Roger Chartier também insiste na ideia de que a cultura é um campo de luta, onde diferentes grupos competem por domínio e representação. Ele destaca as constantes negociações e tensões presentes na produção cultural. Seguindo sua linha de pensamento,

A definição de história cultural pode, nesse contexto, encontrar-se alterada. Por um lado, é preciso pensá-la como a análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou de um espaço. As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, tal como o não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras (CHARTIER, 2002, p.27).

Por outro lado, apreendemos às contribuições de Michel de Certeau, conhecido por sua análise das práticas cotidianas e a maneira como as pessoas se apropriam e se adaptam aos espaços, linguagens e outros aspectos culturais para seus próprios fins. Em *A Invenção do Cotidiano* (1998), Michel de Certeau explora como as pessoas não são simplesmente consumidores passivos da cultura. Em vez disso, eles "inventam" o cotidiano através de táticas que subvertem, negociam e adaptam os produtos e normas culturais. Certeau diferencia "estratégias" – usadas por instituições e estruturas de poder para controlar ou ordenar o espaço, e de "táticas" – maneiras criativas pelas quais as pessoas operam dentro dessas estruturas para encontrar sua própria agência e significado. Em suma, tanto Chartier quanto Certeau tiveram um impacto duradouro

na história cultural, influenciando a maneira como os historiadores abordam a cultura como um espaço de negociação e resistência. Suas ideias ressoam nos estudos contemporâneos sobre mídia, literatura, arte e outras formas de expressão cultural.

Através das lentes proporcionadas por Roger Chartier e Michel de Certeau, a história cultural é vista não apenas como um registro do passado, mas como uma ferramenta vital para entender a contínua evolução e negociação da cultura. Em um mundo cada vez mais globalizado e interconectado, suas perspectivas sobre apropriação cultural e práticas cotidianas são mais relevantes do que nunca. O presente estudo que ora desenvolvemos, incorpora algumas das ideias centrais de Chartier e Certeau, mas, para uma compreensão completa e profunda, é recomendado revisar diretamente suas obras principais e a vasta literatura secundária que discute e expande suas teorias.

Enquanto campo de investigação e linha de pesquisa, a história das mulheres passa a ser nosso recorte mais específico, uma vez que a diversidade da condição social das mulheres, seja em espaço físico, cultural, econômico, religioso, nos possibilitam compreendermos uma época, uma determinada sociedade, e acima de tudo as práticas socioculturais discursivas que nos permitem conduzir um estudo voltado às múltiplas identidades coletivas que coabitam nos lugares de produção e manifestações do modo de ser e viver de uma determinada comunidade discursiva e de variados grupos sociais.

Nesse sentido, este trabalho investiga às experiências históricas das mulheres assembleianas diante do contexto social atual brasileiro entre 2001 a 2022, marcado pelo crescimento do pentecostalismo – fenômeno abrangente e complexo, em que o sagrado abarca uma dimensão na qual,

[...] a religião enquanto processos civilizatórios demandam para horizontes discursivos imagéticos em um dado tempo e lugar de invenções dos cotidianos que fornecem argumentos de sustentação ético-moral e político-ideológico” (RÊGO, 2020, p. 74).

O pentecostalismo é uma corrente do protestantismo que teve seu início no começo do século XX, e o Brasil é um dos países onde essa tradição religiosa cresceu de forma mais significativa. Ao longo do século XX e XXI, as igrejas pentecostais e neopentecostais têm desempenhado um papel central na reconfiguração do campo religioso brasileiro. A relação entre gênero e religião na historiografia pentecostal brasileira é um tema complexo e multifacetado. Alguns pontos de destaque em relação as mulheres no pentecostalismo são: o papel central que exercem, embora muitas vezes as estruturas hierárquicas dessas igrejas sejam dominadas por homens,

as mulheres desempenham um papel central na vida das congregações pentecostais. Elas são, muitas vezes, a maioria dos fiéis e ativas em diversas atividades; a liderança religiosa, pois, algumas igrejas pentecostais, diferentemente de outras tradições cristãs, permitem que as mulheres ocupem cargos de liderança, como pastoras ou evangelistas. Essa inclusão tem sido vista como uma forma de *empowerment* feminino, mas também gerou debates teológicos e culturais dentro do movimento pentecostal. As igrejas pentecostais são conhecidas por suas normas estritas relacionadas à moralidade e ao comportamento. Isso frequentemente se traduz em expectativas específicas para as mulheres, desde vestimentas modestas até papéis tradicionais dentro da família.

Enquanto isso, o crescimento do pentecostalismo no Brasil tem levado a um aumento na pesquisa acadêmica sobre o tema. As questões de gênero, particularmente a experiência das mulheres dentro dessas igrejas, tornaram-se um foco importante. Pesquisadores como Maria das Dores Campos Machado têm explorado a relação entre gênero e pentecostalismo no Brasil, abordando temas como a participação política das mulheres pentecostais e as tensões entre tradição religiosa e modernidade. Em suma, a relação entre gênero e religião na historiografia pentecostal brasileira é rica e contraditória, refletindo as tensões entre tradição e mudança que caracterizam o pentecostalismo brasileiro. Estudar essa relação é crucial para entender as transformações recentes na sociedade brasileira e a influência crescente das igrejas pentecostais na política e cultura do país

Logo, procuramos discorrer sobre os *Usos e Costumes* assembleianos em Pernambuco, no que se refere, especialmente, à vida das mulheres nessa instituição; sobre como os seus corpos se tornaram o baluarte assembleiano na prerrogativa do processo de santificação; como a vigilância e as punições são representadas nessa instituição; como a hierarquia eclesiástica e administrativa se retroalimentam; sobre quais são os papéis executados pelas mulheres e, por fim, como se dá o reconhecimento de suas funções, partindo da visão dessas mulheres sobre as atividades que são bem mais aceitas ou, por outro lado, lhes são impostas.

Diante disto, pensamos nos desdobramentos ocorridos na sociedade em relação à mulher na pós-modernidade, essa frequentemente caracterizada pela rejeição de grandes narrativas e pelo ceticismo em relação às noções tradicionais de verdade, representa um período de desestabilização e reconfiguração das identidades. No

contexto desta transformação cultural, o papel e a experiência das mulheres sofreram mudanças significativas.

A pós-modernidade questiona os conceitos tradicionalmente aceitos de feminilidade, permitindo que as mulheres explorem e definam sua identidade além dos limites anteriores. A ideia fixa de "mulher" como uma categoria estável é desconstruída, dando espaço para identidades múltiplas e fluidas. A era pós-moderna testemunhou um aumento na representação das mulheres em diversos setores da sociedade. O empoderamento feminino tornou-se central nas discussões, e a participação das mulheres em áreas anteriormente dominadas por homens, como política, ciência e negócios, aumentou consideravelmente.

O feminismo pós-moderno crítica e expande as narrativas feministas anteriores. Enquanto os movimentos feministas do passado muitas vezes buscavam uma narrativa única de "experiência feminina", o feminismo pós-moderno reconhece a diversidade e a multiplicidade das experiências das mulheres, levando em conta questões de raça, classe, sexualidade e outras interseccionalidades. A revolução digital e a ascensão das redes sociais transformaram a experiência das mulheres na pós-modernidade. Enquanto as plataformas *online* oferecem novas formas de expressão e ativismo, elas também apresentam desafios, como a objetificação feminina e o *cyberbullying*.

Apesar dos avanços, as mulheres na pós-modernidade ainda enfrentam desafios significativos. A desigualdade de gênero, a violência contra as mulheres e os padrões estéticos rígidos persistem, mesmo em sociedades progressistas. A pós-modernidade trouxe avanços significativos e novos desafios para as mulheres. Ela permitiu uma desconstrução e redefinição da identidade feminina, mas também trouxe consigo novos obstáculos. Enquanto as mulheres continuam a navegar neste terreno em constante mudança, seu papel e influência na formação do futuro pós-moderno é inquestionável. O tópico da mulher na pós-modernidade é amplo e multifacetado. Esta análise fornece uma visão geral, mas cada seção pode ser explorada em profundidade com estudos de caso específicos, análises teóricas e uma ampla variedade de perspectivas e vozes.

Dessa maneira, buscamos entender como a pós-modernidade influenciou nas várias maneiras de se viver dentro dessa relação de *Fé, Doutrina, Usos e Costumes*, sujeitas às autoridades constituídas dentro de casa, como também na instituição

clerical. Todavia, pensar em representações também é se permitir entender os sujeitos a partir de suas próprias expectativas e visões; desse modo, a presente pesquisa reconstrói vozes de mulheres assembleianas de grande notoriedade não somente em Pernambucano como também em outros estados brasileiros, países e outras denominações – e que por algum motivo não foram sequer mencionadas nas comemorações do Centenário da Assembleia de Deus em Pernambuco, o que nos permite indagar: diante de tanto poder de fala e representação, como poderiam vidas femininas como a conhecida missionária Irmã Zezé de Garanhuns ainda serem esquecidas? Mas por que e por quem? Existe um apagamento proposital em relação ao seu trabalho missionário e nos Círculos de Oração Adulto?²

A partir da produção literária assembleiana, refletiremos sobre a visão de mulher ideal e de como ela é representada através de um discurso eclesialístico de acordo com subsídios bibliológicos; e também se o referido discurso encontra narrativas dissonantes e práticas sociais transgressivas. Considerando o exposto por Michelle Perrot (2007, p. 25), quando salienta que “discursos e imagens cobrem as mulheres com uma vasta e espessa capa”; e o que Colette (1989) afirma acerca de que “reflexão e linguagem não têm outro elemento a não ser o tempo” COLETTE, 1989, p. 14) – o tempo enquanto axioma da história – entendemos que a história das mulheres é uma narrativa em construção e a história, por sua vez, uma narrativa de eventos, e nos perguntamos: quais sujeitos estão construindo a narrativa das mulheres assembleianas?

Adentramos para a questão das práticas socioculturais discursivas nas igrejas evangélicas assembleianas, a fim de compreender como se processam tais mecanismos de diferença sexual entre os gêneros e de como ela é propagada por meio do discurso oral e escrito, pois é nas fronteiras enunciativas que encontramos dissonâncias e dissidências nas vozes femininas das igrejas pentecostais com o advento da pós-modernidade. Seguindo o raciocínio de Rêgo (2020, p. 19), para quem “as práxis políticas, econômicas, culturais e religiosas por necessidade de sobrevivência, são obrigados a mudar seus “discursos e ações”, infere-se que a igreja – como lugar de discursos manifestos – promove comportamentos sociais que vão do privado ao público, mas que de algum modo passam por transformações nos discursos oficiais e nas práticas do seu lugar de produção, identificando assim os sujeitos

² Culto dirigido por mulheres durante um dia da semana no período diurno.

históricos que fazem parte do próprio tempo vivido, o que difere em certo ponto das práticas culturais transmitidas pela instituição no decorrer de sua criação.

No caso específico da Assembleia de Deus em Pernambuco, interrogamos de que maneira essa instituição ainda permanece com maior rigidez em relação aos Usos e Costumes se comparado aos outros estados brasileiros, fato esse evidenciado no discurso das entrevistadas; e em quais meios de produção e transmissão as práticas religiosas são representadas? No recorte temático das mulheres dessa instituição eclesial, apreende-se que ali subjaz tanto negociação quanto negação por parte delas. Bhabha (2013) nos demonstra o que são as banalidades da vida enquanto normatizadores de padrões sociais.

Mas é precisamente nessas banalidades que o estranho se movimenta, quando a violência de uma sociedade racializada³ se volta de modo mais resistente para os detalhes da vida: onde você pode ou não se sentar, como você pode ou não viver, o que você pode ou não aprender, quem você pode ou não amar. Entre o ato banal de liberdade e sua negação histórica surge o silêncio (BHABHA, 2013, p. 41).

Por hora, entende-se por banal, nos termos de Bhabha (2013), o ato de proibição aos jovens da igreja namorarem indivíduos que não são membros da igreja ou de outras denominações, a ponto de não serem permitidos participarem dos órgãos de louvores - logo quem pode ou não amar. Banal o ato de coerção aos usos de vestimenta – com maior ênfase no que se proíbe, às mulheres, vestir. Banal quando induzem com quem deve tecer laços de amizade e, respectivamente, quais lugares frequentar. Banal quando se proíbe categoricamente a prática da dança por parte dos membros – logo, o que aprender. Seriam essas banalidades violências cometidas cautelosamente, que aos poucos vão se naturalizando, se padronizando, se normalizando, tendo por justificativas os subsídios bibliológicos? Ou, em contraste, seriam elas diferenciações que fazem parte da identidade assembleiana, e cuja aceitabilidade pelos membros afirmam seus “modos de viver e ser”?

Relatar a si mesmo, para Butler (2019), é fundamental frente às narrativas que são conduzidas pelos discursos; mas para isso, existe um “eu” que não se separa das “normas éticas e dos referenciais morais conflituosos” (BUTLER, 2019, p. 12), porque não se separa das condições sociais de seu surgimento, tão pouco das normas

³ Bhabha (2013) aqui articula sua premissa em relação a uma sociedade diante de seu caráter racial, todavia, creio que essas “as banalidades da vida” conversam também com o campo das religiões e religiosidades.

morais condicionadoras. Nessa perspectiva, utilizaremos de entrevistas com mulheres assembleianas em Pernambuco e sua atuação na igreja, assim como o modo como se veem e representam o mundo.

Para nosso objeto, faz-se a seguinte indagação: um relato que se deixa conduzir pela normatização institucional poderia produzir sujeitos que se tornam alienantes e desatentas à sua própria narrativa? Para mais antagonismos, a igreja como empresa vê-se desafiada a alterar o discurso oficial? De que modo a igreja assembleiana em Pernambuco colabora com os movimentos de transformações liderados pelas mulheres e para as mulheres no que tange aos espaços públicos religiosos – tidos como *locus* masculinos –, ou de que modo os restringe e constrange, como na necessidade de permissão dos Conselhos Gerais para a atuação feminina, a exemplo da pregação? Ou para além, de que modo, os discursos eclesiásticos engendrados na mente tornaram-se habitualmente naturalizados e reproduzidos, inclusive, pelas mulheres que propagam vozes outras, alheias, de uma sociedade discursiva religiosa que responde enunciados já ditos nessa relação intersubjetiva com o outro, demonstrando o caráter heterogêneo das palavras por quem as vive. Pensando em tantas possibilidades, não poderíamos deixar de apresentar uma outra perspectiva: a das assembleianas que permanecem nessa instituição não por coerção, mas por livre escolha, pois se identificam, aceitam e acreditam na Doutrina, nos Usos e Costumes e nas normas ocultas que não são prescritas, mas que fazem parte do lugar social e do modo como as vivem em harmonia com o sexo oposto.

Estando certo Feuerbach que “a consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo” (FEUERBACH, 2007, p. 44), busca-se compreender qual a consciência que as mulheres assembleianas tem de si mesmas. Trata-se, portanto, de analisar os fatores históricos, linguísticos, socioculturais e religiosos, pois “as pesquisas sobre o sagrado e suas expressões são intensamente interdisciplinares, por causa das especificidades de enfoque e da divisão social das tarefas investigativas em acordos cooperativos” (SILVEIRA; RIBEIRO JR, 2017, p. 83), vigorando assim, o pensamento transversal que se faz presente nessa pesquisa e o diálogo permanente entre diversas disciplinas.

Enquanto mulher adulta que passou boa parte da vida inserida no contexto supracitado, entendo nossos corpos como historicamente datados e culturalmente construídos. Pensar sobre os significados e valores a eles atribuídos, nas práticas discursivas que corroboram para a hierarquia eclesiástica e administrativa, no modo

de vida dos assembleianos, assim como sua permanência e solidificação como maior instituição evangélica em Pernambuco é, acima de tudo, discutir também as representações que circulam em torno da sociedade pernambucana, uma vez que elas também estão imbricadas nessa cultura religiosa. Entendemos que as representações “são sempre temporárias, efêmeras, inconstantes e variam conforme o lugar/tempo onde este corpo circula, vive, expressa-se, produz-se e é produzido” (GOELLNER, 2013, p. 31).

José de Assunção Barros, ao dissertar sobre as fontes em *A fonte histórica e seu lugar de produção* ressalta que o texto “não pode deixar de falar sobre o lugar que o produziu” (BARROS, 2020, p. 8). Nessa perspectiva o lugar de onde parte a nossa pesquisa está situado, de um modo geral, no Estado de Pernambuco, mas em especial atenção para a cidade de Garanhuns, local onde a pesquisadora⁴ reside e onde se situam as igrejas da Assembleia de Deus com as quais teve maior contato ao longo da pesquisa. Para Barros (2020), o lugar específico de produção da historiografia é também o lugar de produção do próprio historiador que por meio de uma análise sistemática e crítica abarca o objeto de pesquisa relacionando-os com outros lugares de produção imbricados na subjetividade e nas inscrições sociais diante das espacialidades e das temporalidades de suas fontes históricas.

Situar um texto ou objeto no tempo, na época que o produziu, em um recorte de tempo que lhe dá certo sentido a partir de determinados problemas que o constituem - além de compreendê-lo também em um lugar, um espaço, uma sociedade, uma rede de outros textos ou objetos similares - é também um gesto complexo do qual precisamos nos acercar se pretendemos escrever história da maneira adequada, com método, postura crítica e capacidade de problematização (BARROS, 2020, p. 8).

É sabido que “escrever um texto historiográfico é escrever de um lugar que precisa ser bem compreendido em toda a sua complexidade” (BARROS, 2020, p. 14). Escrever sobre a Assembleia de Deus enquanto instituição religiosa e, ao mesmo tempo, como empresa em seu corpo administrativo tem se tornado um trabalho de detalhes fragmentados sobre o qual pairam as inquietações que as fontes históricas levantam, não abarcando o todo – daí a necessidade de falar sobre as mulheres assembleianas pernambucanas em seu contexto regional.

⁴ Seguimos o argumento empregado por Barros, quando diz que “toda fonte histórica tem o seu “lugar de produção”, desta regra não escapam os próprios historiadores que as estudam, e tampouco quaisquer outros tipos de produtores de textos” (BARROS, 2020, p.09), historicamente localizados.

Desse modo, o recorte temporal dessa pesquisa se limita à história do tempo presente, em especial às duas primeiras décadas do século XXI, tendo como pano de fundo o contexto histórico da fundação das Assembleias de Deus no Brasil no início do século XX para nos situarmos em relação ao centenário das Assembleias de Deus, sua Declaração de Fé, Doutrina, seus Usos e Costumes, as permanências e rupturas que integram os alicerces que fundamentam a vida dos seus membros na sociedade e a complexa estrutura de poder⁵ hierarquicamente construída sob a perspectiva binária do sexo masculino em contraponto à feminina. Tal estrutura se originou em um momento específico e não atua de maneira isolada, mas em complexas estruturas e conjunturas que vigoram na sociedade pernambucana.

Quando Marilena Chauí, na obra *Conformismo e Resistência*, elabora uma discussão sobre o que seria ambiguidade, exprime que “ambiguidade é a forma de existência dos objetos da percepção e da cultura, percepção e cultura, sendo elas também, ambíguas, constituídas não de elementos ou de partes separáveis, mas de dimensões simultâneas” (CHAUÍ, 1986, p. 123). É a partir dessas dimensões simultâneas que encontramos horizontes discursivos, dos quais elencamos identidades que coabitam em um mesmo espaço, pois seguindo o pensamento de Michel Certeau “a fina película do escrito se torna um remover de camadas, um jogo de espaços” (CERTEAU, 1998, p. 49).

Partindo do pressuposto que o sistema mecânico da articulação social são instrumentos estáveis que pontuam espaços e que neles habitam “corpos simbólicos e seres de carne e ossos” (CERTEAU, 1998, p. 233), desenvolvemos a pesquisa. Diante das relações estabelecidas na comunidade discursiva religiosa de segmento evangélico pentecostal, enfatizamos também a insigne representação dos estudos de gênero no que concerne as práticas religiosas e socioculturais experienciadas por esses indivíduos enquanto processos identitários, subjetivos, estéticos e existenciais, ainda embrionário no que concerne as igrejas pentecostais e, mais ainda, sobre a atuação feminina nesses espaços de poder e fé.

Para tanto, utilizaremos os conceitos que Chauí (1986) destaca ao introduzir as relações entre cultura, contextos históricos e sociedade, tendo como finalidade por parte da pesquisa conduzir um estudo voltado as relações de poder entre os gêneros

⁵ José de Assunção Barros ao falar sobre o lugar das fontes históricas esclarece que “o historiador – o homem ou mulher de seu tempo – acompanha os ditos e enfrenta os interditos proporcionados por este lugar, que o instala em uma complexa estrutura de poder” (BARROS, 2020, p. 18).

que são aflorados pelo discurso religioso envoltos nas normas e doutrinas eclesiásticas.

Desse modo, segundo a autora,

[...] seres e objetos culturais nunca são dados, são postos por práticas sociais e históricas determinadas, por formas de sociabilidade, da relação intersubjetiva, grupal, de classe, da relação com visível e o invisível, com o tempo e espaço, com o possível e o impossível, com o necessário e o contingente. Para que algo seja isto ou aquilo e isto e aquilo é preciso que seja assim posto ou constituído pelas práticas sociais (CHAUI, 1986, p. 122).

Sendo assim, apreende-se que os construtos socioculturais são gerados a partir de elementos complexos da(s) sociedade(s) em que a relação intersubjetiva entre espaço e tempo produzem também signos ideológicos, passados no intercâmbio verbal que alimentam os discursos que são replicados por meio da imitação, atingindo inúmeros indivíduos e suas maneiras de se relacionarem.

Em *O Local da Cultura*, Homi Bhabha esclarece que os “entre lugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação” (BHABHA, 2013, p. 20). Para ele, são vidas entre fronteiras, deslocadas ou ressignificadas, cuja subjetividade perpassa instâncias do viver com o outro, para outro, em trânsitos coletivos complexos que resultam em alicerces de sustentação de valores e princípios compartilhados, articulados em um corpo coletivo. As fronteiras enunciativas re/produzem vozes e histórias dissonantes e por vezes dissidentes de mulheres que são representadas, imaginadas e idealizadas por séculos, tais prerrogativas estão essencialmente imbricadas no domínio religioso, visto que “a religiosidade é uma articulação de um ou mais indivíduos a partir de ações, mas sempre em um jogo linguístico e sociocultural [...], que se manifestam em interação comunicativa” (SILVEIRA; RIBEIRO JR, 2017, p. 39).

Quando falamos da escrita das mulheres e sobre as mulheres infere-se que “as mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas” (VEYNE, 1971, p. 17). A mulher real submerge no silêncio documental, dando a entender que “a prolixidade do discurso sobre as mulheres contrasta com a ausência de informações precisas e circunstanciadas” (PERROT, 2007, p. 17). Para a presente pesquisa não faltaram relatos discursivos, pois as mulheres assembleianas evidenciam por meio da oralidade nos cultos (quando dirigidos por elas, exemplos dos Círculos de Orações) as vivências de sua existência em todas as esferas de suas vidas, por meio da

crença e da Doutrina imbricadas no local de cultura a qual estão localizados espacialmente.

O que nos permite introduzir as práticas discursivas assembleianas como representações coletivas que formam a identidade e que modelam os costumes, o cotidiano, enfim, as práticas socioculturais e religiosas das diversas Assembleias de Deus no Brasil, ora flexíveis em determinados lugares de produção, ora mais restritas, como no caso de Pernambuco. É nesta perspectiva que pensamos também no âmbito institucional ser a Assembleia de Deus uma agência produtora e difusora de cultura, por entendermos a relação estabelecida entre as práticas socioculturais e religiosas que reformulam os comportamentos dos sujeitos a elas inseridas. Para isto, Chartier nos direciona aos meios pelos quais se produzem e transmitem os padrões, sistemas de valores e normas, visões de mundo e modo de viver dos assembleianos – que, em cem anos, permanecem como grupo majoritário entre os evangélicos pentecostais, abarcando 802.047 de 1.102.485 pentecostais em Pernambuco, segundo o último dado do IBGE (2010).

Outro ponto discutido é o de como as práticas religiosas a partir da oralidade corroboram para o registro escrito, e vice-versa. Segundo Barros, as principais contribuições de Chartier para a História Cultural estariam na base teórica das noções⁶ de conceitos, principalmente em relação as práticas e representações:

Tanto os objetos culturais seriam produzidos “entre práticas e representações”, como os sujeitos produtores e receptores de cultura circulariam entre estes dois pólos, que de certo modo corresponderiam respectivamente aos “modos de fazer” e aos “modos de ver” (BARROS, 2005, p. 131).

Nessa perspectiva, as práticas sociais não estão apenas relacionadas às instituições oficiais de produção e transmissão, mas também aos usos e costumes acordados e aceitos em larga escala pela comunidade discursiva. Como exemplificação, a cultura e o modo de viver juntamente com os lugares de produção, dos pioneiros da Assembleia de Deus, culminaram em práticas, ou seja, “costumes e

⁶“As noções complementares de “práticas e representações” são bastante úteis, porque através delas podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos como os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive mediante a consolidação de seus costumes” (BARROS, 2005, p. 135).

modos de convivência” (BARROS, 2005, p. 132) que se tornam práticas rotineiras de uma determinada apropriação no tocante a esfera religiosa.

E quem nos faz entender a existência e pertinência de testemunhas vivas dos períodos estudados, é o historiador Christian Delacroix (2018) no texto “*A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras?*” suscitando a discussão sobre a noção de contemporaneidade, principalmente a relação entre história e memória. O autor, define a História do tempo presente como “o fazer da história que é próprio ao regime de historicidade presentista (DELACROIX, 2018, p. 43). Significa que os “passados que não passam”, por isso a necessidade de pensar em fontes orais e testemunhais. Com isso, o objetivo central da HTP é romper com o silêncio, nisto consiste na recuperação da memória histórica. Quando Eni Orlandi, na obra *Maio de 1968: os silêncios da memória* (2015), diz que “falando de história e de política, não há como não considerar o fato de que a memória é feita de esquecimentos, de silêncios. De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamentos” (ORLANDI, 2015, p. 53), explora a história do tempo presente, uma vez que a recuperação da memória histórica perpassa por instâncias que se casam no decorrer do processo, como identidade e memória, tempo e narrativa.

Além disso, sabendo que os sentidos se constroem com limites, como bem nos lembra Orlandi, sujeitos a falhas tanto de memória quanto da língua, daí a necessidade de entendermos que “a falha é constitutiva da memória, assim como o esquecimento” (ORLANDI, 2015, p. 59). Ademais indaga, “falar é esquecer. Esquecer para que surjam novos sentidos, mas também esquecer apagando os novos sentidos que já foram possíveis, mas foram estancados em um processo histórico-político silenciador. São sentidos que são evitados, de-significados” (ORLANDI, 2015, p. 56).

É por isso que para Delacroix (2018) a interrogação sobre o ser do presente requer um trabalho de memória, em que prática e cultura social são fatores de grande relevância na construção dos conceitos sobre a história do passado recente. Em relação à questão da memória, torna-se crucial entender o sentido do discurso, pois a memória “é o saber discursivo que faz com que, ao falarmos, nossas palavras façam sentido. Ela se constitui pelo já dito que possibilita todo dizer” (ORLANDI, 2015, p. 58).

A existência de atores e testemunhas vivas em relação a questão de memória e identidades podem por vezes tornar o trabalho do historiador árduo, pois representar o passado requer um efetivo estudo entre História e memória; dessa forma, o papel

memorial tem um caráter extremamente peculiar, uma vez que as representações do passado recente podem estar adulteradas pelo simples fato de esquecimento. Falar de memória também é falar de esquecimentos e de narrativas do eu, em fragmentos deixados pela memória do acontecido. Ora, “o que está fora da memória não está nem esquecido nem foi trabalhado, metaforizado, transferido. Está insignificado, designificado” (ORLANDI, 2015, p. 60).

A respeito dos usos historiográficos dos testemunhos, busca Delacroix (2018) compreender a “relação entre história, como escrita “profissional” do passado e a memória como representação identitária” (DELACROIX, 2018, p. 53). Desse modo, a ligação estreita entre memória, narratividade, testemunho e representação do passado, levantada por ele, encabeça uma discussão repleta de indicações historiográficas com o intuito de trazer os percalços dos testemunhos, que se fazem presente na memória e na fala dos sujeitos; e para isso, é crucial entendermos os enfoques da escrita de si enquanto ato de memória, de fala e de esforço em trazer à luz aspectos esquecidos pelo coletivo e até mesmo pelos sujeitos falantes, das práticas que ressoam no tempo presente como um lembrete ou uma falha. O que é reafirmado por Eni Orlandi (2015):

[...] algo fala antes, em outro lugar, independentemente. Palavras já ditas e esquecidas, ao longo do tempo e de nossas experiências de linguagem que, no entanto, nos afetam em seu esquecimento” (ORLANDI, 2015, p. 58).

É possível compreender que o ponto central relacionado aos vários tipos de práticas sociais em relação ao indivíduo moderno e seu desejo por guarda de registros constituem em identidade para si, uma vez que a sua existência necessita de sentidos. Desse modo, é dessa materialidade histórica que podemos observar os indivíduos e os grupos enquanto desejo de dotar o mundo de significados imensuráveis, de memórias dignas de serem lembradas, dignas de serem narradas pela singularidade dos indivíduos, das multiplicidades e pelo valor da identidade que se configura por elementos que coabitam em torno da memória do tempo vivido, tiramos como exemplo os inúmeros anúncios de programações em que Sisely Brito aparece. Diante disso, Gomes (2004), define que,

Essas práticas de produção de si podem ser entendidas como englobando um diversificado conjunto de ações, desde aquelas mais diretamente ligadas à escrita de si propriamente dita – como é o caso das autobiografias e dos diários -, até a da constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, com ou sem a intenção de resultar em

coleções. É o caso das fotografias, dos cartões-postais e de uma série de objetos do cotidiano, que passam a povoar e a transformar o espaço privado da casa, do escritório etc., em um “teatro de memória” (GOMES, 2004, p. 11).

Em consonância, Delacroix vai nos dizer que:

Nessa perspectiva, a HTP é uma prática da história que une, e do modo mais explícito, os componentes do “enigma” da representação historiográfica do passado: a sua matriz testemunhal, a sua função de aumento do significado para o real representado em relação ao testemunho e seus usos no espaço público (DELACROIX, 2018, p. 63).

Para Delacroix escrever a história dos vivos, das incompletudes, do inacabamento, das performances, das incertezas, dos jogos de poder, de discursos, de representações é o ofício das palavras em andamento, das demandas sociais que estão em devir. É diante dessa perspectiva que Bloch (2001) ao questionar a diversidade dos fatos humanos à unidade da consciência, afirma “assim como todo cientista, como todo cérebro que, simplesmente, percebe, o historiador escolhe e tria. Em uma palavra, analisa” (BLOCH, 2001, p. 128), e para que haja essa análise é necessário ao historiador a compreensão e não o julgamento, pois é preciso acima de tudo o entendimento de que outras concepções podem ser possíveis. Para que isso ocorra, alerta Bloch (2001):

A ciência decompõe o real apenas a fim de melhor observá-lo, graças a um jogo de fogos cruzados cujos raios constantemente se combinam e interpenetram. O perigo começa quando cada projetor pretende ver tudo sozinho; quando cada canto do saber é tomado por uma pátria (BLOCH, 2001, p. 131).

Ao explorar o campo da ciência como um todo, e em particular a prática do historiador, Bloch expõe a complexa rede de conexões entre temporalidade e linguagem, pois “O historiador fala unicamente com palavras” (BLOCH, 2001, p. 139). Acrescenta ele,

Toda análise requer primeiro, como instrumento, uma linguagem apropriada capaz de desenhar com precisão os contornos dos fatos, embora conservando a flexibilidade necessária para se adaptar progressivamente às descobertas, uma linguagem sobretudo sem flutuações nem equívocos (BLOCH, 2001, p. 135).

Em conformidade, Pierre Vidal-Naquet enfatiza que “o historiador escreve, e essa escrita não é neutra, nem transparente. É modelada pelas formas literárias e até

pelas figuras retóricas” (VIDAL-NAQUET, 1988, p. 169). Vale lembrar que essa escrita, que não é neutra, também nos mostra o quão sensível pode ser o trabalho do historiador, uma vez que pertence ao tempo presente, de uma sociedade constitutiva de ideologias, manipulações, distorções, enfim, de um regime de historicidade, que pode por vezes instrumentaliza seu ofício no intuito de legitimar determinadas verdades.

Outro ponto já abordado em nossa análise é a matriz de inteligibilidade que ganha bastante expressividade, uma vez que “faz parte do exercício do poder ocultar a diferença, a contradição, decidindo o que deve ser lembrado, como deve ser lembrado e, em contrapartida, o que deve ser esquecido” (VIEIRA, 1991, p. 27).

Analisando os fatos enquanto acontecimentos discursivos que versam sobre uma determinada realidade dada, nos diz Vieira,

Uma questão que se coloca para o historiador é observar quem produz uma dada linguagem, para quem produz, como a produz e quem a domina. Tudo isso coloca a questão da luta pelo direito à expressão e da luta dos dominados pelo direito de se apresentar na cena histórica como sujeitos. Daí decorre para o historiador a necessidade de não ver a linguagem como neutra ou “despolitizada”, mas pensada dependendo de um mercado, garantindo certas modalidades de relações sociais e colaborando na constituição de certa memória (VIEIRA, 1991, p. 20).

De maneira breve, procurou-se dialogar com a prática presente, relacionada à existência das testemunhas vivas na história, através de fontes orais e testemunhais, mas acima de tudo de palavras, de discursos. Por isso, o desejo de recuperação da memória coletiva por meio da escrita de si e dos registros, em que identidade e memória se entrecruzam, onde tempo e discurso não se separam. Nas palavras de Gomes, “a vida é uma história, [...] um indivíduo simultaneamente uno e múltiplo, e que, por sua fragmentação, experimenta temporalidades diversas em sentido diacrônico e sincrônico” (GOMES, 2004, p. 13), porque todo indivíduo é social. A igreja, enquanto lugar de produção social de discursos e representações, demonstra que “qualquer instituição social é gerada por conflitos de interesse” (VILHENA, 2016, p. 35).

É sabido que o cuidado com os significados e as articulações de um grupo específico são de extrema relevância aos historiadores de religiões e não apenas as manifestações históricas do lugar, mas também seus comportamentos e hábitos que modelam a identidade e as ações coletivas e individuais. Para Micea Eliade,

O sagrado é um elemento na estrutura da consciência e não uma fase na história dessa consciência. Nos mais arcaicos níveis de cultura, viver como ser humano é em si um ato religioso, pois a alimentação, a vida sexual e o trabalho têm um valor sacramental. Em outras palavras, ser — ou, antes, tornar-se — um homem significa ser “religioso” (ELIADE, 1978, p. 13).

Vista nesta perspectiva, uma matriz de inteligibilidade é definida e alicerçada pelo discurso intencional que é carregado de significados e sentidos. Quando falamos sobre determinada religião, estamos nos dirigindo às raízes profundas que sobrevivem no tempo por meio da tradução, da cultura e, principalmente, por meio da memória coletiva. Dessa forma, é preciso, primeiramente, analisar os processos que configuram os sujeitos como pertencentes ao lugar em consonância com as ideias, doutrinas e costumes. Trata-se de pensar como é representado, no seio daquela comunidade, seu modo de viver.

Na obra *A pesquisa em História* (1991), Maria do Pilar Vieira diz “O pesquisador tem que estar atento ao modo como a linguagem foi produzida tentando responder porque as coisas estão representadas de uma determinada maneira, antes de se perguntar o que está sendo representado” (VIEIRA, 1991, p. 23).

Outro ponto expresso por ela é,

O poder e a dominação não se localizam apenas no aparelho de Estado ou no nível do econômico, mas existe todo um processo de disciplinarização necessária da população, que permeia toda a atividade social, desde o trabalho, escola, família, até as formas aparentemente mais ingênuas de lazer (VIEIRA, 1991, p. 08).

Dessa forma, fica evidente que tal processo de disciplinarização não poderia excluir as instituições clericais que normalizam atitudes, valores e comportamentos tidos ideais de acordo com seus interesses, já que na hora de agirem por uma justa causa conseguem se omitir com a justificativa de que “Deus não habita em confusão”, basta lembrarmos de Lutero em relação aos movimentos sociais dos menos afortunados de seu tempo.

Para Eliade (1952, p. 30), “o que é concreto é o fenômeno religioso manifestado na história e através da história”. Para Vieira,

[...] falar história como conhecimento e como vivência é recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam, procurando entender por que o

processo tomou um dado rumo e não outro; significa resgatar as injunções que permitiram a concretização de uma possibilidade e não de outras.” Ambos enxergam o regime de historicidade que as práticas sociais possuem, e reconhecem a necessidade de articulação e compreensão das representações a partir dos mínimos detalhes que fazem o todo (VIEIRA, 1991, p. 11).

Para nos pautar no rigor frente aos múltiplos discursos, recorreremos a Michael Foucault, em *A sociedade punitiva* (1973), onde elabora a tese que aponta três tipos de formas punitivas: forma-prisão; forma-salário; e forma-convento. Percebemos a possibilidade da terceira forma ser utilizada para o diálogo com nosso objeto de pesquisa. Com isso, temos por exclusão “o efeito representativo geral de várias estratégias e táticas de poder, que a própria noção de exclusão não pode atingir por si só” (FOUCAULT, 1973, p. 5), essa tática para ele resulta em “proibir a presença de um indivíduo nos lugares comunitários ou sagrados” (FOUCAULT, 1973, p. 7). O que chamou nossa atenção é, pois, o fato da utilização de marcas como formas excludentes de sociabilidade, segundo ele, deixar um sinal no corpo, infligir uma mácula simbólica, é “deixar sobre o corpo visível ou simbólico, físico ou social, anatômico ou estatuário, algo como um vestígio” (FOUCAULT, 1973, p. 08).

Desse modo, optamos pelo modelo de punição foucaultiana da clausura: no caso da clausura, não se trata de impedir ninguém de ter acesso ao mundo exterior, de sair, mas trata-se de proteger do mundo exterior os locais, os corpos, as almas: a clausura fecha o exterior; faz parte dos locais sagrados nos quais não se pode entrar de modo algum. A clausura, portanto, não impede a liberdade de alguém que não possa sair em relação ao qual o exterior seja inacessível; ele define um local interior protegido, que deve torna-se inacessível ao exterior. O mundo é que é mantido fora, e não o indivíduo dentro. O mundo é que é fechado para o lado de fora (FOUCAULT, 1973, p. 79).

O conceito de "clausura" tem suas raízes na tradição religiosa e refere-se à prática de reclusão de membros de certas comunidades religiosas, particularmente monges e monjas, de modo que vivam separados do mundo exterior. Esta separação pode ser física, moral e espiritual, e é muitas vezes acompanhada por votos específicos, como os de castidade, pobreza e obediência. A prática da clausura tem origens antigas, com tradições de reclusão e retiro espiritual presentes em várias religiões. No Cristianismo, ela se tornou particularmente proeminente com o desenvolvimento do monasticismo no início da Idade Média.

Por outro lado, em seu sentido mais tangível, a clausura refere-se a um espaço físico, como um mosteiro ou convento, onde os religiosos vivem separados da sociedade. Estes espaços são muitas vezes circunscritos por muros ou outras barreiras que limitam o contato com o mundo exterior. Além da separação física, a clausura é um compromisso espiritual e moral. Muitos que escolhem esta vida o fazem com o desejo de se dedicar completamente à oração, meditação e serviço a Deus, sem as distrações do mundo exterior.

Há diferentes níveis de clausura, dependendo da ordem ou comunidade religiosa. Algumas ordens optam por uma forma estrita de clausura, onde o contato com o mundo exterior é extremamente limitado. Outras podem ter uma abordagem mais moderada, permitindo certas interações com a comunidade ou atividades apostólicas. Embora a clausura seja mais comumente associada ao Cristianismo, particularmente ao Catolicismo, a ideia de reclusão religiosa e separação do mundo material é encontrada em muitas tradições, incluindo o Budismo e o Islamismo.

Hoje em dia, a clausura enfrenta desafios no mundo moderno. As vocações religiosas têm diminuído em algumas regiões, e a vida monástica e a clausura são frequentemente mal compreendidas. No entanto, muitos ainda são atraídos por essa vida de dedicação e contemplação e em resumo, a clausura é uma prática e compromisso profundo que envolve a separação do mundo como uma forma de se aproximar de Deus ou de buscar uma compreensão espiritual mais profunda. Através dos séculos, tem sido uma parte essencial de várias tradições religiosas e continua a ser uma forma significativa de expressão espiritual para muitos.

Em particular, como indicado no título desta dissertação, as mulheres pentecostais estão em um claustro devido às táticas estabelecidas que encaminham algumas das investigações dessa pesquisa. Ora, as marcas colocadas acima, refutam a hipótese de que as mulheres são as mais atingidas pelos usos e costumes da vestimenta nesses espaços, enquanto isso um olhar atento, deixará claro, as intenções por traz do ato enunciativo de que as mulheres pertencem ao mundo privado, que deve ser protegido, resguardado e refreado pelos chefes de família, logo dar-se apenas uma troca entre pai/marido. Todavia, seriam essas mulheres portadoras de uma identidade híbrida? Para Foucault, em *A ordem do discurso* (1996), todos os discursos são associados a práticas rituais que determinam aos sujeitos propriedades particulares

e papéis preestabelecidos que definem “a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais dirigem, os limites de seu valor de coerção” (FOUCAULT, 1996, p. 39).

É o que podemos analisar com o texto abaixo, retirado da literatura assembleiana direcionada as mulheres:

Elas se organizam no serviço social e em grupos de oração, de visitas, de louvor, de apoio específico à família nos núcleos familiares, realizando cultos edificantes [...] a submissão foi dada à mulher pelo Senhor, como um princípio que não pode ser ignorado. Primeiramente ao Senhor, e depois ao homem, a quem Deus constituiu como “cabeça” da mulher [...] ser feminina é diferente de ser feminista (MULHER, LAR & FAMÍLIA CRISTÃ, 2003, p. 35).

A análise de *corpus* pode ser subsidiada pela estrutura composicional, pelo estilo verbal e o conteúdo temático, que serão posteriormente verificados. Vale, nesse momento, deixar claro que todo enunciado possui uma intenção, que não é neutra, mas direcionada com fins ideológicos, dentro dessa perspectiva histórica, social e dialógica. Essas breves linhas nos conduzem aos questionamentos que serão levantados na pesquisa em relação a disciplinarização dos corpos femininos e outras que já foram levantados ao longo do texto: quais são as consequências quanto aos tipos de instruções e orientações que essas mulheres recebem? Quem forjou a padronização da identidade da mulher assembleiana?

Essa pesquisa visa contribuir de maneira significativa para o entendimento dos processos que configuram ou/e reconfiguram a sustentação das mentalidades religiosas, sua interferência no cotidiano das mulheres brasileiras, assim como diante da perspectiva estética da existência examinar os antagonismos discursivos das mulheres pentecostais coabitando e interagindo.

Nos capítulos subsequentes examinaremos em primeiro lugar, as práticas do espaço, ou seja, as maneiras de frequentar um lugar enquanto interação social permeados de signos que são ideológicos, averiguando qual o lugar das mulheres e suas respectivas funções na igreja e na família; em seguida abordaremos os alicerces que postulam os processos simbólicos discursivos, representativos, subjetivos, estéticos e existenciais das mulheres pentecostais entre 2001 e 2022; prosseguindo exploraremos a dinâmica constitutiva da disciplinarização dos corpos femininos/tipos de instruções e orientações, fazendo um estudo de caso sobre a padronização

identitária da mulher assembleiana enquanto práticas sociais a partir dos Usos e Costumes assembleianos.

Portanto, a escrita da história sobre as mulheres assembleianas em Pernambuco nas duas primeiras décadas do século XXI aqui exposta, circunscreve às experiências dos corpos femininos que carregam seres subjetivos e heterogêneos evidenciados nas práticas socioculturais religiosas – uníssonas e carregadas de significados.

2 A TRADIÇÃO RELIGIOSA JUDAICO-CRISTÃ

Glauber Alencar em sua dissertação intitulada “*Aspectos da cultura pentecostal brasileira: origem, influências e desenvolvimento*” (2015), busca abarcar em sua pesquisa o pentecostalismo, a cultura e as transformações ocorridas no Brasil. Para ele, é essencial “considerar os elementos básicos da cultura brasileira para compreendermos algumas de suas expressões no pentecostalismo” (ALENCAR, 2015, p. 2). Nisto, evidencia o perfil da cultura pentecostal a partir da relação entre movimento religioso e a cultura secular dominante no Brasil. Segundo ele,

Toda religião, do ponto de vista social, tem cultura própria. Ademais, cada corrente religiosa dentro de uma mesma religião também desenvolve traços culturais próprios. Ou seja, a cultura pentecostal brasileira tem características que ora diferem ora se assemelham com a cultura secular brasileira; ora se assemelham e ora diferem das demais correntes protestantes (ALENCAR, 2015, p. 2).

Em sua análise procurou entender o processo de rejeição e assimilação, por parte dos pentecostais, dos elementos da cultura na pós-modernidade; com isso, a integração sociorreligiosa, e de como se processou essa abertura entre os pentecostais e a cultura secular. Sua análise nos leva a conclusão que de fato houveram mudanças significativas no modo de vida dos pentecostais.

Em aproximadamente cem anos da presença dos pentecostais no Brasil, percebe-se um conjunto de mudanças na maneira como o pentecostal se relaciona com a cultura secular, notadamente ocorre um verdadeiro estreitamento dessa relação, de uma igreja fechada para uma igreja assimilada (ALENCAR, 2015, p. 3).

Diante do processo de assimilação e aculturação, o autor esclarece que “os primeiros pentecostais resistiram de maneira ferrenha a muitos elementos exteriores da cultura, criando suas doutrinas, seus “usos e costumes”, formando uma cosmologia própria até certo ponto alheia ao sistema político, cultural e social” (ALENCAR, 2015, p. 4). Ou seria o inverso, uma vez que não foi a cultura pernambucana a entrar no que hoje podemos chamar de identidade assembleiana, mas a mesma moldando os alicerces constitutivos da “breia⁷”?

⁷ “Breia” é um termo utilizado na cultura popular para designar os assembleianos.

Em resposta a dúvida concernente aos costumes assembleianos, diz o Pastor presidente José Wellington Bezerra da Costa,

Constantemente verificamos que as pessoas fazem uma certa confusão a respeito do significado dessas duas palavras. Embora elas se pareçam na prática, mas em sua significação elas são distintas. Doutrina é ensinamento bíblico de forma sistemática. Costume, no nosso caso eclesiástico, trata-se do comportamento do crente, da sua postura diante do mundo. A doutrina, por ser bíblica não pode sofrer adaptações, conforme as circunstâncias da época. Na palavra de Deus não se pode mexer. Nos costumes sim (ALENCAR, 2015, p. 73).

Nessa perspectiva podemos inferir que as mudanças que ocorrem no interior das Assembleias de Deus no Brasil perpassam pela experiência das práticas dos lugares e do processo de assimilação cultural do qual são injetados e solidificados no fazer diário dos congregados. São de natureza disciplinar os cultos de doutrina, mas é pelo comportamento aceitável dos fiéis que podemos perceber nessa visão a representação do “nascer de novo” do verdadeiro cristão. Contudo, o contraste entre a doutrina e os costumes assembleianos evidencia a natureza ambígua dos discursos proferidos dessa comunidade que perfaz um estilo de vida sujeita a dominação masculina heteronormativa patriarcal de seus líderes, uma vez que os mesmos se identificam como pertencentes ao grupo de homens cisgênero.

2.1 A instituição igreja Assembleia de Deus no Brasil

O desdobramento moderno do pentecostalismo⁸ se deu no início do século XX nos Estados Unidos da América como um avivamento espiritual carismático (para Joede Braga de Almeida (2007), o “falar em outras línguas”). Entende-se que foi este fato que deu início ao Movimento Pentecostal do século XX” (ALMEIDA, 2007, p. 26). O sinal de uma pessoa ser batizado com o Espírito Santo é justamente o falar em “línguas estranhas”, e para este feito a primeira pessoa a receber esse dom foi Agnes N. Ozmen, aluna de Charles Parham na Escola Dominical. Vale frisar que aqui no Brasil também será uma mulher, Celina Albuquerque, a primeira a falar em “línguas estranhas”; como também em Pernambuco, com a irmã Felipa Ribeiro.

O movimento pentecostal moderno começou em Topeka, Kansas (EUA), como é conhecido hoje. Charles Parham começou em 1900 com a Escola Bíblica Betel. Ao sintetizar a doutrina em torno da crença de falar em línguas estranhas como evidência do batismo com o Espírito Santo, concedeu identidade própria ao pentecostalismo (ALMEIDA, 2007, p. 25).

⁸ A expressão “pentecostalismo” procede do vocábulo grego pentekosté que significa quinquagésimo. O pentecostes era a segunda das três principais festas judaicas (Lv 23.16). Também conhecida como a Festa das Semanas, Festa das Primícias e a Festa das Colheitas.

No dia 19 de novembro de 1910 chegaram ao Brasil a bordo do navio Clement dois missionários⁹ suecos: Adolph Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Gustav Högberg (1884-1963) vindo dos E.U.A que trouxeram a Doutrina Pentecostal¹⁰ para o Norte e Nordeste do país. Até então existiam no Brasil apenas as seguintes igrejas protestantes: Batista, Anglicana, Metodista e Presbiteriana. em Santo Antônio da Platina (Paraná). Berg e Vingren instalaram-se na igreja Batista, denominação a qual pertenciam nos Estados Unidos, em Belém do Pará, pois por meio de uma profecia dado por Olof Adolf¹¹ Uldin através do Espírito Santo, o destino deles seria uma ordenança de Deus para levar a crença do batismo com Espírito Santo ao Brasil (VILHENA, 2017).

Outro ponto levantado por Vilhena (2017) é o fator socioeconômico a qual o Norte passava com o Ciclo da Borracha que durou entre 1879-1912, voltando entre 1942 a 1945, pois segundo ela, torna-se inquestionável o fator econômico ao crescimento da Assembleia de Deus, pois com a queda do Ciclo da Borracha, os nordestinos¹² retornaram para seu lugar de origem levando consigo a “chama pentecostal”, de maneira rápida e promissora na proliferação da Doutrina Pentecostal pelo resto do país, portanto as condições sociais dos mais pobres logravam a bandeira da Assembleia com eficiência nos mais diversos lugares difundindo e solidificando sua aceitação em todo território Norte e Nordeste do Brasil.

⁹“No início de 1900, havia 450 missionários suecos em todo o mundo, dos quais 160 pertenciam à Igreja Sueca. As mulheres tinham papéis muito maiores nessas viagens missionárias que em suas igrejas, embora houvesse alguns pregadores femininos famosos já em 1850. Dentro das igrejas pentecostais na Suécia, havia várias mulheres em posições de liderança em 1800, como Catherine Booth, a esposa do fundador do Exército da Salvação, e os cursos de Bíblia foram abertos a homens e mulheres” (VILHENA, 2017, p. 91).

⁹ “Por volta do século II surgiu a necessidade de se organizar os pontos mais significativos da fé Cristã. Assim o credo (declaração de fé, confissão de fé ou regra de fé) que são interpretações autorizadas das Escrituras Sagradas aceitas e reconhecidas por uma igreja ou denominação passou a fazer parte também da igreja assembleia de Deus sintetizando a Doutrina Cristã. Desde 1919 Gunnar Vingren publica através do jornal *Boa Semente* intitulado “o que nós cremos”, mas é a partir de 1969 pelo jornal *Mensageiro da paz* que se expressa os pensamentos doutrinários da igreja até os dias atuais”. Retirado da obra *Declaração de fé das Assembleias de Deus*, 2017, p. 18.

¹⁰Em South Bend, especificamente, onde em 1910 Olof Adolf Uldin profetizou para Vingren e Berg que eles deveriam ir para “Pará”, havia uma fábrica de automóveis, a Studebaker Automobile Company, que usava muita borracha oriunda do Brasil.

¹⁰“Entre 1877 e 1879, o Nordeste brasileiro sofreu uma das piores secas de sua história. Portanto, o crescimento do período da borracha só foi possível devido ao fluxo de pessoas famintas e flageladas que fugiam da seca nordestina, rumo aos seringais do norte” (VILHENA, 2017, p. 06).

A igreja Assembleia de Deus faz parte do *pentecostalismo tradicional*, tendo sua implementação em 1911, no norte do país, em Belém do Pará, considerada por Paul Freston como a *primeira onda* do movimento pentecostal. Os fundadores da Assembleia de Deus foram os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren vindos dos Estados Unidos da América em 1910, daí a afirmativa de Alencar de que “o pentecostalismo brasileiro é descendente direto do movimento pentecostal americano” (ALENCAR, 2015, p. 9).

A princípio ambos congregavam na Igreja Batista, com o advento da promoção do batismo com espírito santo evidenciado pela glossolalia, a permanência deles na Batista foi bastante questionada, e foi assim que após uma grande divergência doutrinária que os membros foram “convidados” a se retirarem, levando consigo 17 congregados que acreditaram na Doutrina Pentecostal, movimento este que prega o batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais como credos fundamentais, segundo Almeida (2007, p. 45), “a formação da Assembléia de Deus como igreja instituída teve como propósito básico a busca pela santidade, a manifestação dos dons espirituais e a dinâmica dos milagres divinos, como princípio existencial do movimento pentecostal”.

No dia 18 de junho de 1911 foi fundada a igreja *Missão de Fé Apostólica*, em 11 de janeiro de 1918 passou a chamar-se Assembleia de Deus. A expansão da igreja Assembleia se deu em grande parte ao trabalho de colportagem¹³ que também era utilizado para a pregação do evangelho. Os primeiros pastores da Assembleia de Deus foram Gunnar Vingren até 1924; Samuel Nyström até 1930 e Nels Julios Nelson até 1950, é somente a partir desse momento que começou-se a ter pastores brasileiros. O expansionismo da Assembleia de Deus deu-se da seguinte maneira: em 1924 o Pastor Gunnar Vingren e sua esposa Frida deixam o Pará em direção ao Rio de Janeiro e em 1927 o Missionário Daniel Berg e sua esposa Sara vão para São Paulo.

Os responsáveis pela fundação da Assembleia de Deus em Pernambuco, ocorrida em 24 de outubro de 1918, foram o casal de missionários Joel Frans Adolf Carlson e Signe Carlson, vindos também da Suécia. Vale lembrar que tanto em Pernambuco quanto em Belém as primeiras pessoas a serem batizadas com o Espírito Santo foram mulheres: as irmãs Felipa Ribeiro e a irmã Celina Albuquerque, respectivamente.

¹³Distribuição de folhetos, vendas de Bíblias, Novos Testamentos e outros livros.

Figura 1: Matriz central da Assembleia de Deus em Pernambuco, localizada em Recife¹⁴



Fonte: Página Oficial no Facebook IEADPE© 2021 da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco.

O missionário Joel Carlson cria em 1930 o jornal *Voz Pentecostal*, com o objetivo de “integrar todas as ações da igreja e, com isso, centralizar todas as diretrizes da Igreja” (ANDRADE, 2010, p. 17). No que concerne a Assembleia de Deus em Pernambuco, diz Andrade que

Os pastores regionais têm procurado segurar a doutrina trazida pelos missionários suecos, no entanto, têm encontrado dificuldade. A Assembleia de Deus de Pernambuco tem sido uma das poucas no Brasil que tem procurado, na medida do possível, segurar os costumes dos pioneiros (ANDRADE, 2010, p. 28).

A Assembleia de Deus atualmente está dividida da seguinte maneira:¹⁵ por um lado temos a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) ligada a Belém, nascedouro das Assembleias aqui no Brasil, como já mencionado, por outro

¹⁴ Avenida Cruz Cabugá, 29, Santo Amaro, Recife, PE, Brasil.

¹⁵ “Atualmente a Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB) permanece como a maior entidade pentecostal do país; agrega cerca de 3,5 milhões de membros. A segunda maior entidade, a Convenção Nacional das Assembleias de Deus (CONAMAD), conta com cerca de 2 milhões de membros segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística” (IBGE) (ALENCAR, 2015, p. 10).

lado temos a Convenção Nacional das Assembleias de Deus (CONAMAD) com sede em Madureira. Discordâncias que não serão mencionadas aqui levaram as diversas ramificações não somente das Assembleias de Deus no Brasil como também o surgimento de novas denominações eclesiais, por isso segundo Alencar “as Assembleias de Deus tem uma história dinâmica e, direta ou indiretamente, influenciaram as inúmeras ramificações no movimento pentecostal brasileiro” (ALENCAR, 2015, p. 9).

Durante quarenta anos as Assembleias de Deus formaram as bases do pentecostalismo brasileiro e a partir daí, na metade do século XX, o movimento se dividiu em diversas denominações. É possível afirmar, portanto, que o pentecostalismo brasileiro é em larga escala, uma ramificação das Assembleias de Deus (ALENCAR, 2015, p. 9).

Freston (1994) classifica em três grandes ondas o movimento pentecostal do Brasil. A primeira surge a partir das igrejas pentecostais clássicas ou históricas. A segunda, entre as décadas de 50 e início de 60, pois de acordo com Freston, é quando a sociedade se dinamiza e as igrejas pentecostais se fragmentam. Por fim, a terceira onda diz respeito ao neopentecostalismo, entre o final da década de 70, tendo alcançado força exponencial na década de 80. As diferenças de cada onda explicam o modo como em cada instituição lida com os acontecimentos de seu tempo, sendo um reflexo do espaço-tempo do qual foram inseridos. Para se identificar as distintas características que configuram essas instituições, salientamos que a primeira Onda possui enquanto tripé doutrinário a crença no batismo com Espírito Santo evidenciado pela glossolalia, a segunda vinda de Cristo e a manifestação dos dons espirituais, além do sectarismo, do qual seus membros eram constantemente induzidos a fazerem a separação das “coisas mundanas”, daí os usos e costumes serem tão fortemente ligados a Assembleia de Deus. Entretanto, na segunda Onda, temos praticamente uma transição entre o pentecostalismo puro com as igrejas clássicas e o neopentecostalismo, esse que por sua vez valorizam o acúmulo de riquezas pessoais (Teologia da Prosperidade), e a Confissão Positiva, um certo tipo de direito que o cristão tem de receber tudo que se pede a Deus. No neopentecostalismo os usos e costumes não são considerados e o falar em outras línguas já não é valorizado ou buscado.

TABELA 1:

| AS TRÊS GRANDES ONDAS DO PENTECOSTALISMO | | |
|--|-------------------------------|--|
| Primeira Onda | Segunda Onda | Terceira Onda |
| Congregação Cristã do Brasil (1910) | Evangelho Quadrangular (1951) | Nova Vida (1969) |
| Igreja Assembleia de Deus (1911) | Brasil para Cristo (1955) | Comunidade Sara Nossa Terra (1976) |
| | Deus é amor (1962) | Universal do Reino de Deus (1977) |
| | | Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) |

Fonte: Tabela produzida a partir do texto *Breve História do Pentecostalismo Brasileiro* (FRESTON, 1994, p. 70-71).

Usaremos como base a obra *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, publicada pela CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus) aprovada pela CGADB (Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil) em 26 de abril de 2017, a fim de identificarmos as principais características que fundamentam essa instituição no Brasil de maneira geral, passando para as especificidades locais e regionais em Pernambuco na medida em que forem surgindo suas singularidades.

A obra foi escrita com o objetivo central de ser um instrumento de conscientização e informação sobre as principais doutrinas bíblicas que compõem os pilares do Credo ¹⁶ assembleiano, tendo esse documento 24 capítulos, sendo eles: primeiro capítulo sobre as *Sagradas Escrituras*; segundo capítulo sobre *Deus*; terceiro sobre a *Trindade*; quarto sobre a *Identidade do Senhor Jesus Cristo*; quinto sobre as *Obras de Cristo*; sexto sobre o *Espírito Santo*; sétimo sobre o *Homem*; oitavo sobre as *Criaturas Espirituais*; nono sobre o *Pecado e suas consequências*; décimo sobre a *Salvação*; décimo primeiro sobre a *Igreja*; décimo segundo sobre o *Batismo em águas*;

¹⁶ “Credo, confissão de fé, regra de fé ou declaração de fé são interpretações autorizadas das Escrituras aceitas e reconhecidas por uma igreja ou denominação” (CPAD, 2017, p. 15). Usaremos a título de compreensão os conceitos existentes na própria declaração de fé das Assembleias de Deus no Brasil.

décimo terceiro sobre a *Ceia do Senhor*; décimo quarto sobre a *Forma de governo*; décimo quinto sobre a *Verdadeira adoração*; décimo sexto sobre a *Igreja e o Estado*; décimo sétimo sobre a *Lei*; décimo oitavo sobre os *Dez mandamentos*; décimo nono sobre o *Batismo com o Espírito Santo*; vigésimo sobre os *Dons do Espírito Santo*; vigésimo primeiro sobre a *Cura divina*; vigésimo segundo sobre a *Segunda vinda de Cristo*; vigésimo terceiro sobre o *Mundo vindouro* e por último sobre a *Família*.

Figura 2: Distribuição da Santa Ceia por parte dos obreiros na IEADPE



Fonte: Página Oficial no Facebook IEADPE© 2021 da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco.

Sendo o batismo nas águas de extrema importância para que um cidadão torne-se membro da Assembleia de Deus, vale frisar que é somente permitido cear com os irmãos após o batismo nas águas. A Santa Ceia é feita mensalmente nas congregações, entretanto, na Sede (congregação principal de uma cidade) os membros podem cear novamente no mesmo mês. Na imagem acima, temos os obreiros que servem a Santa Ceia, apenas diáconos, presbíteros, evangelistas e o próprio pastor, caso precise e queira.

Mais adiante temos a explicação do que se trata o Credo assembleiano:

A obra Declaração de Fé é um documento eclesiástico que organiza, de forma escrita e sistemática, as crenças e práticas das Assembleias de Deus no Brasil que já são ensinadas nas igrejas desde a chegada ao país dos missionários fundadores, Daniel Berg (1884-1963) e Gunnar Vingren (1879-1933) (CPAD, 2017, p. 17).

Abaixo, reproduzo os dezesseis Credos que fazem parte do *Cremos assembleiano* e que expressam a maneira como o pensamento assembleiano se solidificou ao longo do século XX e XXI no Brasil: 1. Na *inspiração divina verbal e plenária da Bíblia*; 2. Em *um só Deus*, subsistente em três pessoas distintas (o Pai, o

Filho e o Espírito Santo) criador do universo por um ato sobrenatural e imediato, e não por um processo evolutivo; 3. No *senhor Jesus Cristo*, o filho unigênito de Deus; 4. No *Espírito Santo*; 5. Na *pecaminosidade do homem*; 6. No *novo nascimento* pela graça de Deus; 7. No *perdão dos pecados*, na *salvação plena* e na *justificação* pela fé no *sacrifício de Cristo*; 8. Na *Igreja*, que é o corpo de Cristo; 9. No *batismo bíblico* efetuado por imersão em águas; 10. Na necessidade de se ter uma *vida santa* e irrepreensível por obra do Espírito Santo; 11. No *batismo no Espírito Santo* evidenciado pela glossolalia¹⁷; 12. Nos *dons espirituais*; 13. Na *segunda vinda de Cristo*, em duas fases distintas, invisível no primeiro momento, visível e corporal em um segundo momento; 14. Comparecimento dos cristãos arrebatados ao *Tribunal de Cristo*; 15. No *Juízo Final*; e por fim no *casamento heterossexual* (CPAD, 2017, p. 21-24). Para tanto, segundo os pressupostos supracitados usaremos da seguinte afirmativa “o nosso “Cremos”, publicado em cada edição do jornal *Mensageiro da Paz*, tem sido o único documento oficial da igreja que expressa nosso pensamento doutrinário” (CPAD, 2017, p. 18-19).

A obra aqui mencionada também traz em destaque o trabalho criterioso da escolha de uma *Comissão Especial* para compor o quadro de profissionais que estariam a frente dessa obra. Na figura 1 encontra-se a listagem dessa composição. Destacamos a presença do Estado de Pernambuco na voz do vice-presidente Ailton José Alves Júnior, filho do então presidente Ailton José Alves, o que deixa evidente a passagem hereditária das funções mais importantes na hierarquia da igreja.

A CGADB, sob a presidência do Pr. José Wellington Bezerra da Costa, nomeou uma **Comissão Especial** para elaborar nosso credo ou confissão de fé, aqui denominado Declaração de Fé. Trata-se de uma comissão composta por **teólogo e ensinadores** de nossa denominação com conhecimento não somente das Escrituras, mas também de nossa história e doutrina (CPAD, 2017, p. 19).

O presente trabalho busca evidenciar como em cada situação a escrita dos homens e suas posições na hierarquia da instituição podem inviabilizar a atuação das mulheres nesses espaços de poder. No fragmento acima, percebemos que são “teólogos e ensinadores” que estariam a frente da produção da obra, ou seja, é preciso

¹⁷ “Palavra de origem grega γλῶσσα, "glóssa" [língua] e λαλό, "laló" [falar]) ou dom de línguas é um fenômeno presente em algumas religiões cristãs (tais como pentecostais, neopentecostais e a Renovação Carismática Católica), em que as pessoas falam em línguas desconhecida, estranhas” (ALMEIDA, 2007, p. 18).

uma qualificação específica; porém mais adiante também se faz notória a ideia de que não seriam apenas os conhecimentos bíblicos que trariam a validação da declaração de fé, mas que estes tivessem o conhecimento tanto da história quanto da doutrina da Igreja. A pergunta que nos instiga é: poderiam as mulheres assembleianas terem tanto quanto os homens tais conhecimentos “no rigor da observação doutrinária”? Onde estariam? Como lidaram com essas questões? Opinaram, foram consultadas? Ou apenas os pastores teriam a capacidade intelectual e teleológica para tal feito?

TABELA 2:

| COMISSÃO ESPECIAL | |
|---|-----------------------|
| Ezequias Soares da Silva | (SP - presidente) |
| Paulo Roberto Freire da Costa | (SP- vice-presidente) |
| Jesiel Padilha de Siqueira (SP - secretário) | (SP - secretário) |
| Alexandre Coelho | (RJ – subsecretário) |
| Douglas Roberto Baptista | (DF – relator) |
| Claudionor Corrêa de Andrade (RJ – sub-relator) | (RJ – sub-relator) |
| Ailton José Alves Júnior | (PE) |
| Alberto Alves da Fonseca | (SP) |
| Antonio Xavier dos Santos Vale | (TO) |
| Elienai Cabral | (DF) |
| Eliezer Morais | (RS) |
| Elinaldo Renovato de Lima | (RN) |
| Emanuel Barbosa Martins | (SP) |
| Emmanuel Silva | (RJ) |
| João Maria da Silva Hermel | (RS) |
| José Gonçalves da Costa Gomes | (PI) |
| Nemias Pereira da Rocha | (GO) |
| Océlio Nauar de Araújo | (PA) |

Fonte: Elaborado a partir da Declaração de Fé das Assembleias de Deus

A rigidez disciplinar dos assembleianos está ligada à tradição dos pioneiros, tendo por base uma cultura que atravessa tanto a cultura sueca/norte-americana quanto a brasileira, em último caso, pela aculturação e assimilação dos locais. Pensando nos usos e costumes, abaixo temos algumas das muitas proibições que a igreja faz: é válido salientar que muitas dessas proibições já estão sendo negociadas com o passar dos anos, por exemplo, as mulheres já cortam e pintam seus cabelos; o uso de calças, de início explorando uma brecha voltada para o estudo e para o trabalho, vem aumentando entre as assembleianas de Pernambuco, especialmente entre as mais jovens (sem, contudo, usar tal vestimenta na igreja). Por outro lado, o uso de

maquiagem já tem sido notado até mesmo dentro da igreja, com isso percebe-se que em nenhum momento ela fica em “disciplina”¹⁸. Vejamos alguns dos usos e costumes assembleianos que variam de acordo com a região.

Aos membros não é permitido fumar, tomar bebida alcoólica, participarem de festas mundanas, como shows, cinemas, danças, futebol; aos homens não é permitido usar bermuda, andar sem camisa; às mulheres não é permitido usar calça comprida ou até mesmo fazer uso de maquiagem, nem cortar o cabelo. Diferente dos evangélicos tradicionais, como os batistas presbiterianos, que, moderadamente, têm a liberdade para realizarem tais proibições, os assembleístas acreditam que o “povo de Deus” tem que ser diferente (ANDRADE, 2010, p. 31).

Vale salientar que a rigidez das proibições aos homens sempre foi, de algum modo, subvertida: por exemplo, o uso da bermuda e principalmente a prática de futebol, que em muitos casos são acobertados e naturalizados pela igreja. É perceptível que exercícios físicos não são estimulados, mas muitas vezes proibido, como no caso de danças e jogar futebol, neste último caso o que muito se ouve quando se questiona essa decisão é o fato de que nos jogos de futebol há muito violência e confusão, claro que essa decisão está implicitamente alojada no espaço público masculino, uma vez que não se debate muito o futebol feminino. O fato é: os usos e costumes assembleianos afastam os seus membros da cultura popular brasileira, uma vez que as proibições impossibilitam o acesso a esses lugares de cultura, mesmo havendo a barreira econômica visivelmente notada nas congregações assembleianas.

Em contrapartida o processo lento e gradual na mentalidade das mulheres assembleianas ao uso de calças cumpridas passou em princípio pela negação, mas que por volta de 2010 para cá vem mudando a perspectiva da própria vestimenta das mulheres dentro da lógica da industrialização, das mulheres no mercado de trabalho e das discussões que chegam na igreja com as mulheres mais jovens. Um ponto de bastante embate no que concerne ao corpo das mulheres e seu comportamento na utilização da vestimenta como ferramenta de modelo ideal para as mulheres assembleianas em Pernambuco ainda continua sendo o mesmo: uso de blusas e vestidos com manga e sem decotes; saias acima do joelho; nada de brincos, colares, pulseiras, etc.

Para Joede Braga de Almeida (2007), a Assembleia de Deus passou por um processo de flexibilização no decorrer dos anos, o que ocasionou na diminuição das regras impostas aos membros pelos líderes assembleianos ao estilo de vida de seus

¹⁸ “Ficar em disciplina” diz respeito a uma ação que o pastor local toma em relação à má conduta de

um membro, a caráter de punição. Por exemplo, ficar seis meses sem participar da Santa Ceia. Cada medida disciplinar vai depender do quão grave foi o ato cometido, desse modo, passa a ser uma medida punitiva desde que se confesse ao pastor seu pecado.

congregados. Em suas palavras, isto ocorreu porque “as regras apesar de muitos rigorosas nas primeiras décadas do século XX, foram passando por um processo de flexibilização devido ao desenvolvimento industrial e tecnológico e às transformações sociais ocorridas no Brasil nas últimas décadas” (ALMEIDA, 2007, p. 6).

O triângulo que rege o crescimento e a uniformização doutrinária das Assembleias de Deus no território nacional é constituído pela Igreja, pela Casa Publicadora Das Assembleias de Deus (CPAD) (destaque para o jornal *Mensageiro da Paz*, as Revistas da Escola Dominical e outros periódicos) e pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) que, juntos, organizam e propagam os limites doutrinários de seus membros. A CPAD foi criada em 1940 no Rio de Janeiro por exigência do Governo de que todos os jornais fossem registrados no D.I.P; como o Jornal *Mensageiro da Paz* era o órgão oficial das Assembleias de Deus no Brasil, passou a ser também órgão responsável pela divulgação das informações da CGADB.

Atualmente são mais de trinta mil pastores, mais de seis mil igrejas sede, mais de dois mil missionários, milhares de obreiros e mais de 100 mil locais de culto nos mais de cinco mil municípios brasileiros. (Lições bíblicas, CPAD, 2º trimestre de 2011). A Assembleia de Deus possui a Secretaria Nacional de Missões (SENAMI), mantém uma escola de formação de missionários (Emad), uma faculdade (Faecad), a CGADB é proprietária da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), que tem por finalidade trazer os periódicos¹⁹, seu principal órgão de divulgação é o jornal *Mensageiro da Paz*, criado 1930 por Vingren, após a junção de dois jornais *O som Alegre* (1929-1930) e o *Boa Semente* (1919-1930) devido a questões internas ocorridas entre Frida Vingren e Samuel Nyström, esclarecida em momento posterior.

Isael Araujo (2016) delibera que:

As Assembleias de Deus também participam da política nacional contando em 2015 com 20 deputados federais e cerca de 50 deputados estaduais. Há dezenas de prefeitos, vice-prefeitos e vereadores assembleianos. Em anos anteriores, já tiveram governadores, vice-governadores e senadores. Em 2014, a CGADB anunciou a criação de um partido político. Também, a CGADB lançou em 2015 uma operadora de telefonia celular, a MAIS AD, com funcionamento inicial em São Paulo (ARAUJO, 2016, p. 48).

¹⁹ “Os livros produzidos pela CPAD destacam as histórias dos primeiros homens missionários, a importância do batismo no Espírito Santo, as curas, as fundações de Igrejas e outras temáticas. Apenas não explicam os conflitos internos entre as lideranças e os ministérios porque o coronelismo eclesialístico jamais permitiu que a implantação de outras instâncias de poder rivalizasse a “ordem estabelecida” (Bandini, 2008, p. 188).

Para tanto percebe-se que a Assembleia de Deus tornou-se, ao longo dos anos, uma grande investidora, mantenedora e difusora da mensagem evangélica por vários veículos de comunicação. Tendo por fim a máxima assembleiana: “Jesus Cristo, salva, batiza com o Espírito Santo, cura os enfermos, opera os sinais e maravilhas e em breve levar-nos-á para os céus”.

Abaixo, temos o crescimento da Assembleia de Deus com base no IBGE, no ano de 2000 e no ano de 2010, que foi o último censo produzido acerca da religião no território brasileiro. Nota-se que apesar de iniciar no norte e nordeste do Brasil, a Assembleia de Deus na virada para o século XXI, demonstrou um maior crescimento no sudeste do país que continua crescendo. Vale frisar que esses dados não separam as diversas igrejas Assembleias de Deus espalhadas pelo país.

GRÁFICO 1:

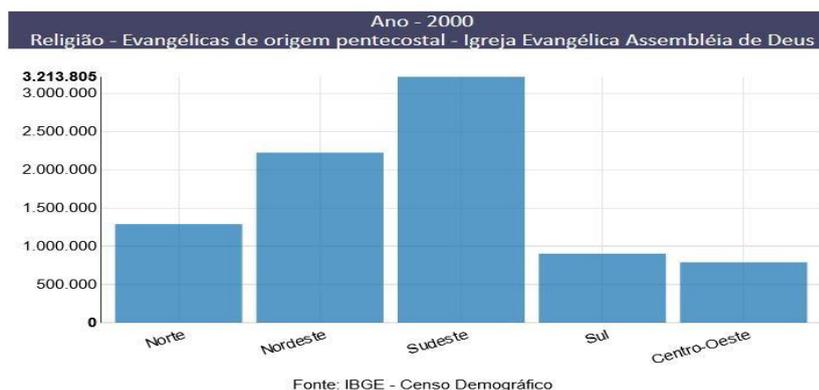
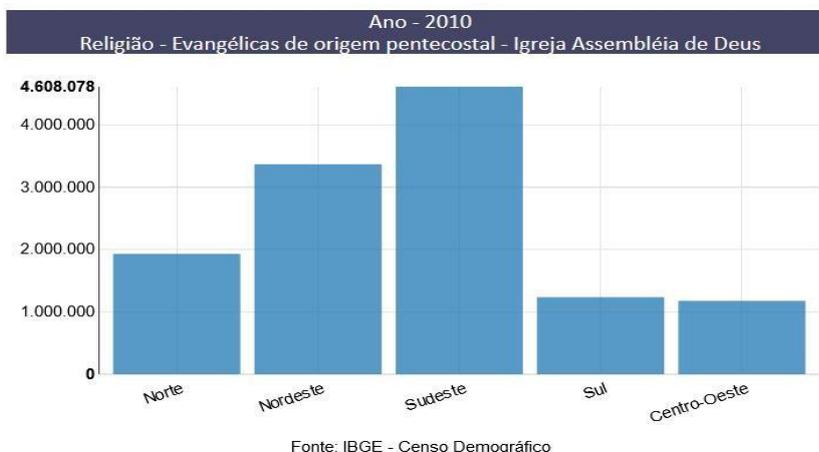


GRÁFICO 2:



Os usos e costumes assembleianos constroem um discurso bastante eficaz na diferenciação dessa comunidade, uma vez que professa não só a separação do que é profano, mundano, mas também o que os diferenciam de outras instituições pentecostais: “pode-se entender que usos e costumes são praticados como doutrina básica no meio pentecostal a que pertence as Assembleias de Deus e que sua presença nos anais da CGADB tem a validade de uma busca pelo conservadorismo ministerial assembleiano” (ALMEIDA, 2007, p. 65-66). Ademais, o objetivo maior da Assembleia de Deus em seu propósito básico foi “a busca pela santidade, a manifestação dos dons espirituais e a dinâmica dos milagres divinos, como princípio existencial do movimento pentecostal” (ALMEIDA, 2007, p. 45).

Na tentativa de diferenciar a doutrina assembleiana em relação aos polêmicos usos e costumes que variam de acordo com o contexto sociocultural da sociedade brasileira e a regionalidade, Almeida (2007) traz o *Manual do CAPED* (edição de 1999, CPAD, Rio, p. 92) que diz: “A doutrina é divina. O costume é humano. Quanto ao alcance: a doutrina é geral; o costume é local. Quanto ao tempo: a doutrina é imutável e o costume é temporário” (ALMEIDA, 2007, p. 61). Ou seja, de acordo com a própria Assembleia de Deus, os usos e costumes podem ser alterados – desde que haja motivos ou interesses na questão. Exemplo disso ocorreu quando a igreja, que até certo ponto não permitia o uso da televisão ou rádio na casa de seus membros com justificativas bíblicas para tal proibição, passou ela mesma a se utilizar desses meios de comunicação, como os dados acima nos informam.

A 22ª Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, reunida na Cidade de Santo André, Estado de São Paulo, reafirma o seu ponto de vista no tocante aos sadios princípios estabelecidos como doutrina na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta Obra no Brasil. Imbuída sempre dos mais altos propósitos, ela, a Convenção Geral, deliberou pela votação unânime e dos delegados das igrejas da mesma fé e ordem, em nosso país, que as mesmas igrejas se abstenham do seguinte:

1. Uso de cabelos crescidos, pelos membros do sexo masculino;
2. Uso de traje masculino, por parte dos membros ou congregados do sexo feminino;
3. Uso de pinturas nos olhos, unhas e outros órgãos da face;
4. Corte de cabelos, por parte das irmãs (membros ou congregadas);
5. Sobrancelhas alteradas;
6. Uso de mini-saias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã;
7. Uso de aparelho de televisão – convindo abster-se, tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas; abstenção essa que justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde;
8. Uso de bebidas alcoólicas (ALMEIDA, 2007, p. 60-61).

Tendo por base o dispositivo acima, destaca-se que entre todas as restrições no que compete a mulher está o seu corpo: corpo este que, além de ser uma ferramenta de opressão, também é visto como um instrumento de modelo a ser seguido. Quando discutimos a negação e a negociação por parte dessas mulheres, encontramos como exemplo o ato de fazer o *design* das sobrancelhas, algo que nos dias atuais é comum e geralmente não passível de punição, mas que por muito tempo foi um mecanismo de vigilância constante (em especial das próprias matriarcas da igreja) e controle social, portanto “peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo” (FOUCAULT, 2014, p. 33).

Silvana Vilodre Goellner, no capítulo *A produção cultural do corpo*, da Obra *Corpo, gênero e sexualidade* (2013), esclarece de que é necessário “pensar o corpo como algo produzido na e pela cultura” (GOELLNER, 2014, p. 30), de um “corpo histórico” que conseqüentemente é um corpo que reflete a historicidade do tempo vivido pelos indivíduos, um corpo que experiência e fala, um corpo constituído de linguagem, um corpo sociocultural e político, de significados e significantes, enfim, um corpo com identidade e características distintas. Nessa perspectiva,

O corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, etc. Não é, portanto, algo dado *a priori* nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre produz e reproduz (GOELLNER, 2014, p. 30).

Esse corpo contemporâneo estaria de fato gestando uma moral das aparências? Quando o corpo é individual e quando é social? Na prática assembleiana, é possível fazer essa distinção?

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por eles falam, os vestígios que nele se exibem, a educação dos seus gestos... enfim, é um sem limite de possibilidades sempre inventadas e a serem descobertas (GOELLNER, 2013, p. 31).

Para Foucault, em *Vigiar e Punir*, as punições em geral são originadas de “uma tecnologia política do corpo” (FOUCAULT, 2014, p. 33). O filósofo francês vai além ao refletir sobre a materialidade das prisões, que para ele são um “instrumento e vetor de poder” (2014, p. 33). Dentro dessa perspectiva, Foucault nos traz a tecnologia política do corpo que é social, mas que ao mesmo tempo deve repousar sobre toda uma tecnologia da representação” (FOUCAULT, 2014, p. 102) em sua arte de punir.

Ora, Foucault remonta em sua obra à discussão sobre que castigo aplicar a um crime, ou seja, a ideia de um delito; mas para nossa análise o utilizamos para suscitar questões que envolvam o corpo social e seus instrumentos de repressão, vigilância, disciplina e controle, de como se tornam naturalizados socialmente em um coletivo, destarte, sua relação de poder. A ideia de um delito para Foucault paira sobre a “arte das energias que se combatem, arte das imagens que se associam, fabricação de ligações estáveis que desafiem o tempo” (FOUCAULT, 2014, p. 102).

Vejamos o que diz Foucault sobre a penalidade corretiva, uma vez que utilizamos essa noção para discutirmos o aparelho disciplinador aplicado nas Assembleias de Deus em PE e suas “penalidades”.

O ponto de aplicação da pena não é a representação, é o corpo, é o tempo, são os gestos e atividades de todos os dias; a alma, também, mas na medida em que é sede de hábitos. O corpo e a alma, como princípios dos comportamentos, formam o elemento que agora é proposto à intervenção punitiva. Mais que sobre uma arte de representações, ela deve repousar sobre uma manipulação refletida do indivíduo (FOUCAULT, 2014, p. 127).

Para que um indivíduo se torne um “sujeito de obediência dobrado à forma”, Foucault nos esboça os instrumentos utilizados que são, na verdade, exercício de

limitação e repetição sob formas de coerções. Nesse caso, podemos destacar no que tange aos aspectos associados à cultura pentecostal assembleiana, os modos e costumes, a aquisição de hábitos de comportamento social e conduta cristã que revelam o sistema de autoridade e de saber ali instituídos. Para ele, “é o sujeito obediente, o indivíduo sujeito a hábitos, regras, ordens, uma autoridade que se exerce continuamente sobre ele e em torno dele” (FOUCAULT, 2014, p. 128). Diante dessa técnica de coerção dos indivíduos que se dá, segundo ele, por meio do treinamento dos corpos, traços, exercícios, que fazem parte não somente do aparelho administrativo como grande mecanismo de poder e coerção, mas especialmente sobre o corpo social da comunidade em questão, “o corpo é suplicado, a alma cujas representações são manipuladas, o corpo que é treinado” (FOUCAULT, 2014, p. 2014). Tal treinamento do corpo nos remonta a talvez um dos objetivos centrais da tecnologia do poder: a formação de indivíduos submissos.

2.2 A hierarquia patriarcal

O que de concreto em termos das funções eclesiásticas para os homens em escala de aprendizagem prática hierarquicamente é: pastor presidente, pastor local, evangelista, presbítero²⁰, diácono²¹ e auxiliar, existindo também outras funções que normalmente estão relacionadas a uma das posições acima citadas, tais como: dirigente de Escola Dominical ou professor, dirigente de mocidade e/ou campanha evangelizadora, adolescentes, porteiro, etc. Para tais funções é exigido ser maior de idade, ser batizado nas águas, ser batizado no Espírito Santo²² e ser do sexo masculino.

O modelo de gestão empregado nas Assembleias de Deus no Brasil se diferencia de acordo com cada localidade e está diretamente ligado à cultura local, às tradições e às memórias coletivas da comunidade. Aquele que almeja por uma dessas funções eclesiásticas na Assembleia de Deus precisa ter qualificações, sendo elas espirituais e ministeriais, familiares e morais. Para pastores e diáconos as qualificações familiares mencionadas na lição nº 4 do terceiro trimestre de 2015 é que governem bem a sua família, no caso, o seu primeiro rebanho.

²⁰ Responsável pela igreja local.

²¹ Diáconos assim como pastores “são chamados para servir à igreja do Senhor”. Texto retirado das Lições de nº 4 do terceiro trimestre de 2015 na página 21, desse modo, o diácono possui a função de prestação de serviços voluntários.

²² Evidenciada pela glossolalia – falar línguas espirituais/estranhas.

Figura 3: Atual Pastor Presidente Ailton José Alves em Pernambuco

Fonte: Página Oficial no Facebook IEADPE© 2021 da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco.

Já as mulheres podem cooperar da seguinte maneira: secretária de Escola Dominical e órgão de louvores, como também professoras (normalmente para uma jovem solteira o ensino é voltado para as crianças e até mesmo adolescentes. As mulheres casadas podem ensinar também na sala das senhoras); serem dirigentes de Círculos de Oração (seguindo mais uma vez a mesma lógica: mulheres casadas para o Círculo de Oração adulto e mulheres solteiras com o infantil, ainda que raramente); dirigente de mocidade de órgão de louvores (mais recentemente essa função tem sido de vice dirigente para que o marido - chefe da família - seja o dirigente, ainda que na prática todo trabalho sejam de suas esposas na condução dos ensaios, festividades anuais, cuidado e aconselhamento dos mais jovens). Como experiência vivida, pude ver mulheres sendo realocadas para funções de secretária ou maestrina devido ao fato de seu marido não ser um obreiro ou não ser um membro congregado, mesmo executando com êxito a liderança do conjunto. Tal conjuntura se deu, segundo Alencar (2007), devido à ideia – que perdura até hoje – de que o papel das mulheres é o de adjutora²³.

Enquanto o homem adquiria posição importante na escala hierárquica da igreja, diferente de sua posição na sociedade, a mulher deveria se contentar em apenas poder ajudar. Aqui a submissão adquire tons de repressão. Tornar-se pentecostal na primeira onda trazia muito mais benefícios psicossociais para homens do que para mulheres (ALENCAR, 2007, p.35).

Em relação à atuação feminina na Assembleia de Deus, a primeira Convenção Geral, de setembro de 1930, decidiu que:

²³ Embasamento bíblico frequentemente utilizado para a ordenação das funções administrativas e eclesiais para as mulheres nas igrejas: “E disse o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele” Gênesis, 2:18.

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e a sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus [...] Isso deve acontecer somente quando não existirem na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar (Araujo, 2007, p. 211).

Caso intrigante é perceber que “não se considera justo” para os homens em questão que a mulher seja ordenada pastora ou ensinadora; entretanto, elas exercem a função de professoras nas Escolas Dominicais, não poderiam ser ensinadoras quando são pregadoras? quando estão à frente dos órgão de louvores ou dirigindo os Círculos de Oração Infantil e Adulto? Neste último caso, podemos levantar a seguinte indagação: as mulheres dirigentes dos Círculos de Orações adultos que ocorrem durante a semana, o fazem devido à ausência dos homens que são chefes de família e que estão no ofício do trabalho secular? Os Círculos de Orações sobreviveram com o advento das mulheres no mercado de trabalho? Mesmo capacitadas, as mulheres devem esperar o não haver homens capacitados para poderem ter a palavra? A produção de silêncio e o discurso desfigurado da Assembleia de Deus podem ser objetos de estudo?

Em entrevista Sizely Brito²⁴ ao falar sobre sua história de vida na Assembleia de Deus mostra as funções que a ela foram entregues no Ministério da Assembleia de Deus em PE, essa entrevista será melhor analisada no quarto capítulo, pois a princípio utilizamos sua fala para compor as possibilidades de atuação feminina dentro da instituição.

Eu cheguei na Assembleia de Deus com 19 anos e aprendi muito lá, passei, estou lá né, não estou na mesma, vamos dizer assim, no mesmo Ministério assembleiano, mas sou assembleiana, continuo nas Assembleias de Deus. Mas passei no primeiro Ministério, eu passei 21 anos, então foram mais de duas décadas lá dentro do primeiro Ministério, agora estou no segundo Ministério, muito recente, estou com apenas um ano e pouco né, mas foi uma trajetória de muito crescimento, muito crescimento espiritual, crescimento emocional muito e de muito conhecimento principalmente porque eu creio que eu acredito, por isso eu sou assembleiana né, que é no Ministério Pentecostal né, mulher Assembleiana é uma mulher Pentecostal, então é uma trajetória, de aluna de escola dominical, professora da Escola Dominical, professora de criança, professora de mulheres, dirigente de

²⁴ Sizely Brito é formada em missiologia bacharel em Teologia intensivo, de teologia e curso de oratória, entre outros, casada e mãe de três filhos, 44 anos. Para um maior entendimento, até o momento da entrevista ela está na Assembleia de Deus Vitória em Cristo.

Círculo de Oração, vice-dirigente, dirigente de campanha, de visitar os enfermos, dirigente de vigília, palestrante para jovens e adolescentes, mulheres, casais ... então, já andei um pouquinho, não muito (BRITO, 2023. Informação verbal).

Em relação ao início da Assembleia de Deus no Brasil, os ânimos se acirraram nos bastidores quando, em dezembro de 1930, o nome de Frida Vingren aparece como redatora do *Jornal Mensageiro da Paz*, em suas primeiras publicações. Para Castelhana,

Foram os efeitos produzidos pelo imaginário social da época que não permitiram aos líderes nortistas e nordestinos abrirem a questão do ministério feminino o que os levou a lutar contra o modelo eclesial que se configurava a partir da liderança exercida por Frida Vingren. (Castelhana, *apud*, Bandini, 2008, p. 190).

Frida gostava de participar de diversas atividades na igreja, e desta devoção à obra ministerial levou-a a querer transpor os limites estabelecidos à mulher pentecostal, o que gerou dissidências na liderança da igreja. De um lado, seu esposo, que reconhecia seu trabalho; e do outro Samuel Nyström e toda a cúpula de obreiros, incluindo Daniel Berg e Simon Ludgren, que argumentavam em sua tese dizendo que se as mulheres lhes fossem permitido tais “liberdades” elas estariam fugindo do que fora outorgada a elas – apenas testificar, não pregar e ensinar, exceto em caso de necessidade. Gunnar Vingren por certo que viria a 1ª Convenção e que a pauta seria o ministério feminino, enviou uma carta a Nyström em abril de 1929:

Não posso deixar de apresentar a minha convicção de que o Senhor chamou (...) homens e mulheres para o serviço do Evangelho (...) Eu mesmo fui salvo por uma irmã evangelista que veio visitar e realizar cultos na povoação de Björka, Smaland, Suécia, há quase trinta anos. Depois veio uma irmã me instruí nos Estados Unidos sobre a doutrina com o Espírito Santo. Também quem orou por mim para que eu recebesse a promessa foram as irmãs. Eu creio que Deus quer fazer uma obra maravilhosa neste País. Porém, nosso modo de agir podemos impedi-la. Para impedi-la, devemos dar plena liberdade ao Espírito Santo para operar como Ele quiser. (Dicionário do Movimento Pentecostal (ARAUJO, 2007, p. 493).

Na Convenção ficou estabelecido por unanimidade de votos que o trabalho feminino na igreja “seria limitada a testificar Jesus e sua salvação e ensinar, quando se fizesse necessário. Porém, as mulheres não poderiam pastorear igrejas” (ARAUJO, 2007, p. 85). A atuação feminina também foi levada a plenário em 1983 e

posteriormente em 2001, e rejeitada ambas as vezes. Se a decisão ainda está nas mãos dos homens, como esperar por um outro resultado?

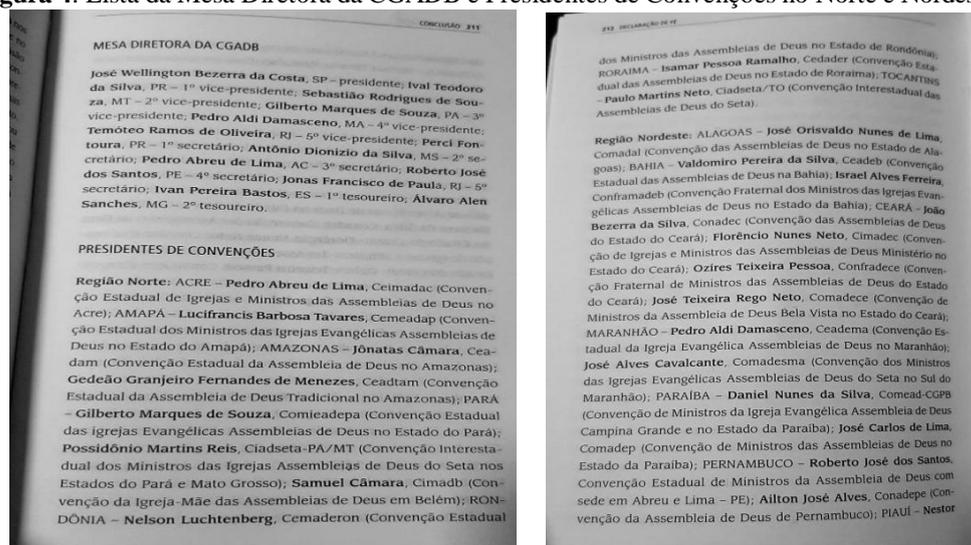
Vejamos o que o autor Wesley de Paula escreve sobre a atuação de Frida Vingren no pioneirismo da Assembleia de Deus no Brasil.

Outro missionário significativo foi Frida Strandberg, pois veio a se tornar a esposa de Gunnar Vingren e que também teve um papel fundamental para o movimento assembleiano, sendo motivo de desavenças entre Vingren e Nystrom, a despeito da participação das mulheres no ministério (PAULA, 2013, p. 47).

Nota-se que não haveria de ser por engano a troca das palavras que estão no masculino “outro”, “missionário” e “significativo”, fora que o trabalho de Frida Vingren está direcionado principalmente ao fato dela ter sido casada com um dos fundadores e não pelo seu trabalho de missionária que a princípio chegou ao Brasil solteira, ou ao seu trabalho como redatora, compositora e etc.

A seguir temos a lista da Mesa Diretora da CGADB e os Presidentes de Convenções. Vale lembrar que a composição é feita por pastores dos respectivos Estados e de que todas as decisões são encabeçadas por este modelo de gestão: onde, frisamos, nenhuma mulher pode opinar.

Figura 4: Lista da Mesa Diretora da CGADB e Presidentes de Convenções no Norte e Nordeste²⁵



Fonte: *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, CPAD, 2017, p. 211-215.

²⁵ Retirado da Obra *Declaração de Fé das Assembleias de Deus* (2017, p. 211-214).

A liturgia do culto dá-se da seguinte maneira: em culto típico de domingo, ao chegar na igreja o fiel dobra o seu joelho para conversar com Deus. Esse primeiro momento é de escolha exclusiva do fiel até certo ponto. Em seguida, todos são convidados a se levantarem pelo dirigente da congregação, que normalmente é um presbítero, para fazerem uma oração conjunta, em especial para o andamento do culto. Após a oração inicia-se um longo momento de louvores intercalados pelos órgãos de louvores: conjunto das crianças, dos adolescentes, jovens, banda, conjunto das mulheres do Círculo de Oração, quando há na congregação o Coral, o conjunto masculino (muito raro) ou um conjunto híbrido com homens e mulheres casados. Há também a leitura da palavra, com todos em pé, por um obreiro que senta em uma das cadeiras atrás do púlpito, um lugar de honra. Não há espaço para a mulher nessa liturgia. As mulheres assembleianas se incomodam por não poderem fazer a leitura oficial da noite? Não se sabe, pois nunca lhes foi perguntado. A justificativa para tal conduta também é desconhecida.

Após a leitura oficial da Bíblia, temos mais uma rodada de louvores, para alguns cantores individuais e/ou repetem-se os órgãos de louvores. Em algum momento entre os louvores faz-se a oração pelos dízimos e ofertas, o recolhimento é feito pelos auxiliares ou diáconos. Para finalizar a noite temos a pregação da palavra com duração entre 25 a 30 minutos, preferencialmente, por um homem que está escalado²⁶.

Ao ser questionada sobre quais as especificidades locais e regionais em Pernambuco a respeito da liturgia dos cultos assembleianos, Sizely Brito tendo como base os convites que recebe para pregação esclarece que:

É a mesma, não muda! Nas assembleias de Deus de Pernambuco que é conhecida como Assembleia de Deus do Recife, porque Pernambuco a gente tem a do Recife, aí tem Abreu e Lima, tem Novas de Paz, tem a do Brás que é conhecida como Madureira, tem várias. Então a liturgia é a mesma, se você chegar na Assembleia de Deus do Recife, da capital ao Sertão a liturgia é idêntica, quando muda o ministério pode mudar pouquíssimas coisas, mas a base é a mesma: é a Harpa Cristã, que é o início do trabalho, aí vem a questão da leitura oficial, vem os órgãos que louvam, a ministração da palavra e o apelo, já a Vitória em Cristo, a liturgia já muda né, por ser uma igreja que chegou a Pernambuco tá com, acho que não vai fazer ainda 10 anos, e ela vem com a liturgia da igreja Carioca, Rio de Janeiro, então já dá

²⁶ A escala é feita por semana ou por mês com o nome dos pregadores dos cultos da semana: culto jovem, doutrina, de oração e de domingo. O nome de uma mulher é raramente encontrado: em primeiro lugar por existirem poucas mulheres pregadores e em segundo lugar porque são pouco incentivadas a buscarem pelo “dom da palavra” ou a arte da retórica na igreja.

uma mudança, assim, mas tipo a cada Ministério a liturgia acompanha e para a que eu tô, a liturgia que a gente pratica aqui ela é praticada em São Paulo, no Rio de Janeiro, não muda, isso vai na questão do ministério assembleiano, não muda, é um padrão, se você chegar nas Novas de Paz da capital e na Nova de Paz aqui de Garanhuns a liturgia é igual, tá entendendo? e não muda, a Assembleia de Deus tem esse padrão, padronizada (BRITO, 2023. Informação verbal).

Mais adiante Syzeli explica se as mulheres fazem a leitura da palavra.

Hoje em dia já se faz principalmente quando é o trabalho culto alusivo as mulheres. Tem muitas delas que tem o culto mensal, um culto mensal que é dirigido por mulheres, então nesse culto as mulheres fazem a leitura oficial, elas ministram louvor, elas ministram a palavra, nesse culto específico, que muitos delas é um domingo a cada mês, tá entendendo? mas nos outros cultos, um culto de jovens, culto Geral de adoração e tal, aí ficam a cargo do ministério, tipo pastores, evangelistas e tal, mas já tem um espaço, eu tô falando no geral, as Assembleias de Deus no geral, tem aquelas mais tradicionais, mais rígidas que leitura oficial as mulheres não fazem (BRITO, 2023. Informação verbal).

É interessante perceber que nesses cultos mensais as mulheres possuem a permissão para lerem a palavra, entre outras funções que são exercidas nos outros cultos pelos homens, mas quando específico elas tem certo tipo de possibilidade de exercerem as funções masculinas na igreja, nessa perspectiva entende-se que aquilo que foi considerado injusto nas convenções gerais encontram brechas criadas principalmente com esses cultos específicos para a atuação feminina, o que torna problemático o discurso de que é somente na ausência de homens que as mulheres podem exercer as funções direcionadas as homens. Mais uma vez entendemos que permissividade dentro dessa instituição carece da boa vontade dos homens que estão na liderança, seja local, regional, ou no país inteiro, a espera da permissão desses homens as mulheres assembleianas vão levando suas vidas como servas e intercessoras.

Nota-se que, em muitos casos, as mulheres assembleianas não estão sendo estimuladas tanto quanto os homens em relação à chamada do ministério da pregação. Isto se dá através de muitos fatores: as escalas de obreiros são destinadas aos

homens²⁷, especialmente nos cultos evangelísticos do domingo à noite; as dificuldades em se opinar criticamente tanto na igreja quanto na família; a desvalorização de mulheres que possuem conhecimento teológico, mas que não cumprem escala, e a falta de incentivos dos líderes da igreja em propor ações de motivação para as mulheres no campo da pregação e na igualdade entre os sexos acerca da distribuição e utilização dos “dons espirituais”.

Figura 5: Cantora Eliã Oliveira louvando no templo central do Recife



Fonte: Página Oficial no Facebook IEADPE© 2021 da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco.

Para as mulheres, em sua grande maioria, o estímulo se dá principalmente para a área musical, em especial o canto, ou para o ensino na Escola Dominical. A parte financeira fica a cargo dos homens, com exceção do Círculo de Oração, na ausência destes. O que acontece desde o princípio na Assembleia de Deus é: na falta dos homens é lícito às mulheres fazer a função deles; em sua presença, tal ato seria uma afronta à sua virilidade. Os ensaios dos órgãos de louvores em sua maioria são chefiados pelas mulheres, nisto pode-se inferir as habilidades femininas para o trabalho. Vejamos um exemplo de uma jovem atuante na igreja que se dedica exclusivamente ao trabalho eclesiástico: Na segunda-feira, visita o Círculo de Oração adulto da sua congregação²⁸ pela manhã ou tarde, ou ambos; na terça, culto jovem à noite; na quarta, culto de oração; na quinta, doutrina²⁹ e uma vez por mês a Santa Ceia; na sexta, culto na matriz³⁰ à noite; sábado pela tarde ela também é dirigente do

²⁷ Vê anexo 1 e 2. A escala semanal de obreiros, modelo padrão da IEADPE em todo estado de Pernambuco, onde se divulga o nome dos pregadores da semana em cada congregação da cidade. As mulheres não saem na escala por não serem obreiras.

²⁸ Igreja onde se congrega no bairro, podendo visitar outras, tanto no mesmo bairro quanto em outras localidades, desde que seja uma Assembleia de Deus em PE. Não que haja uma obrigatoriedade, mas que se tem como um ato costumeiro.

²⁹ Doutrina é um culto semanal à noite para ensinar a Doutrina da igreja, além dos usos e costumes assembleianos.

³⁰ Igreja Sede na cidade.

Círculo de Oração infantil, pela noite ensaio do jovens; no domingo pela manhã ela é professora das crianças ora dos adolescentes, da Escola Dominical, à tarde evangelismo e a noite culto oficial.

Figura 6: Escola Bíblica de Férias 2016 e 2017 em Garanhuns –PE (EBF)



Fonte: Acervo pessoal

O Simpósio de Doutrinas Bíblicas da IEADPE³¹ no ano de 2018 trouxe como tema de estudo *A igreja, um projeto divino* em alusão ao centenário da Assembleia de Deus em Pernambuco. A organização se divide em sete lições com subtemas a serem discutidos em cada encontro. A editora Bereia é a casa publicadora dos livros assembleianos no Estado de PE. Na direção geral Ailton José Alves; na coordenação, a superintendência das Campanhas Evangelizadoras da IEADPE e no projeto gráfico e edição Paulo Sérgio Primati. As referências bibliográficas seguem o mesmo padrão da CPAD, com autores masculinos em todas as sugestões de leitura encontradas nas lições bíblicas usadas na Escola Dominical. A lição de nº 7 tem como subtema *A igreja, a voz de Deus na terra*, e nela temos a seguinte afirmativa: “A igreja é a voz de Deus na terra, ela revela o querer de Deus para o homem e o aproxima dos Seus preceitos [...] somos a boca de Deus nesse mundo” (p. 46-47). Ser a “voz de Deus” implica dizer que a instituição tem autoridade divina sobre a vida das pessoas, sobre o comportamento desejável e aceitável para uma vida irrepreensível diante de Deus, pois trata de Seus desejos para a humanidade, porém a voz instituída de tal poder se manifesta nos ditames de seu pastor, a permanência ou ruptura de determinados usos ou de costumes advém da posição de seu líder, do que se pretende preservar ou abolir.

³¹ Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pernambuco.

Outrossim, para os cristãos, uma das recompensas divinas é sentar com Jesus no Seu trono (Ap 3.21): com Ele sim, com Ailton, jamais, nem mesmo na sua ausência³².

Todavia, para aquelas vozes que porventura não forem escolhidas para serem a boca de Deus na terra, tornam-se facilmente considerados como “crentes problemáticos”, uma vez que trazem falsos ensinamentos pois são desviados da verdade. A lição de nº 11, intitulada *A organização de uma Igreja local*, do terceiro trimestre de 2015 diz que além de desordenados, são faladores e murmuradores, e propõe que a solução para esse comportamento problemático seja a admoestação e repreensão: basta que “tapem suas bocas”, ou seja, por meio da coerção o indivíduo que perceba criticamente determinados aspectos na igreja, não será permitido se expressar ou questionar – até por que quem gostaria de ser chamado de problemático, falador ou murmurador?

Na Escola Bíblica de Obreiros (EBO) da Assembleia de Deus em Pernambuco do ano de 2013, temos nove lições direcionadas aos obreiros que atuam na IEADPE. Todos escritos pelos pastores de diferentes Estados brasileiros e mesmo de fora do país, neste caso de Madrid - Espanha. O que nos instiga à discussão são os temas tratados, uma vez que poderiam também serem discutidos por mulheres com as devidas qualificações, mas que devido à hierarquia eclesiástica são tratados apenas por pastores homens:

Figura 7: Sumário da Escola Bíblica de Obreiros de 2013

| | |
|--|----|
| SUMÁRIO | |
| PASTOR AILTON JOSÉ ALVES | 7 |
| PRINCÍPIOS DE ADMINISTRAÇÃO NO MINISTÉRIO | 11 |
| PASTOR JUAN CARLOS ESCOBAR | |
| SAÚDE EMOCIONAL | 15 |
| PASTOR VIRGINIO JOSÉ DE CARVALHO NETO | |
| CREDOS E CONFISSÕES DE FÉ | 17 |
| PASTOR ESQUILAS SOARES | |
| O OBREIRO E AS FINANÇAS | 19 |
| PASTOR WAGNER TADEU DOS SANTOS GARY | |
| UM MINISTÉRIO FIRMADO NA VERDADE | 31 |
| PASTOR DANIEL NUNES | |
| COMO VIVER A FÉ EM UM MUNDO CÉTICO | 33 |
| PASTOR DANIEL NUNES | |
| OS RELACIONAMENTOS DO OBREIRO CRISTÃO | 35 |
| PASTOR MARTIM ALVES DA SILVA | |
| O OBREIRO E A VIDA CONJUGAL | 41 |
| PASTOR JOSÉ PRADO VEIGA | |
| A COMUNICAÇÃO E O RELACIONAMENTO CONJUGAL | 47 |
| PASTOR JOSÉ PRADO VEIGA | |

Fonte: Revista EBO, 2013.

³² Referência citada devido a cadeira reservada ao Pr. Ailton José Alves atrás do púlpito nas principais congregações espalhadas pela Assembleia de Deus em Pernambuco, a cadeira na maioria das vezes é diferente das demais, ocupa o centro, não sendo permitida que outro obreiro sente-se nela.

Sobre os Princípios de administração no ministério, o Pr. Juan Carlos Scobar discorre sobre o papel de um bom administrador, pensando nas características do que de fato seria uma empresa. Logo, em suas palavras, o que se percebe é que o embasamento necessário para a escrita do texto parte do conhecimento de administração, e não das Sagradas Escrituras. Em suas palavras, “a igreja é um organismo vivo que se deve ser avaliado para que se apliquem medidas de correção que permitam mais e melhores resultados. [...] Jesus aplica um verdadeiro controle de qualidade para que o fruto da igreja seja de máxima excelência” (2013, p. 14).

Na segunda lição o Pr. Virgínio José de Carvalho Neto, de Aracaju - SE, tem como tema norteador a saúde emocional. Contudo, no texto se encontram apenas os tópicos que ele tratou na Escola Bíblica de Obreiros, em nenhum momento menciona-se sua formação para temas tão profundos como enfermidades psicossomáticas. No texto sobre o obreiro e suas finanças, do Pr. Wagner Tadeu dos Santos Gaby de Curitiba – PR, não se menciona a palavra mulher, tampouco há referências bibliográficas femininas: será a vida financeira das mulheres de tão pequena relevância, uma vez que a ela é dado apenas a função de auxiliadora até mesmo nas despesas da casa? Será essa a única realidade vivida pelas assembleianas? E quanto às mulheres que trazem o sustento da família? E quanto às que tomam para si todas as despesas da casa, além da criação dos seus? Qual tipo de apoio ou instrução há para essas mulheres?

2.3 O papel das mulheres na doutrina ortodoxa assembleiana e a escrita feminina nas lições bíblicas

Foram colhidas vinte e quatro Lições Bíblicas que são usadas para o estudo sistemático da palavra de Deus na Escola Dominical, que ocorre semanalmente aos domingos pela manhã nas principais Assembleias de Deus no Brasil. As Lições são divididas por trimestre em uma soma de quatro revistas anuais, divididas em 13 lições dentro de um tema maior. A Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) é a responsável pela elaboração e distribuição de seus exemplares. As revistas que usaremos para análise partem do ano de 2005 até 2023, correspondendo a um total de dezoito anos. As Lições na tabela a seguir são destinados aos jovens e adultos.

TABELA 3: Lições Bíblicas (CPAD)

| Ano de publicação | Período | Tema | Consultor Doutrinário e Teológico | Comentarista |
|--------------------------|---------------------------|---|--|---|
| 2005 | 2º Trimestre | <i>Parábolas de Jesus</i> | Antônio Gilberto | Elienai Cabral |
| 2009 | 4º Trimestre | <i>Davi</i> | Antônio Gilberto | José Gonçalves |
| 2011 | 2º Trimestre | <i>Movimento Pentecostal</i> | Antônio Gilberto | Elienai Cabral |
| 2012 | 4º Trimestre | <i>Os Profetas Menores</i> | | Ezequiel Soares |
| 2013 | 1º, 3º e 4º Trimestre | <i>1º-Elias e Eliseu 3º-Filipenses 4º-Sabedoria de Deus para uma vida vitoriosa</i> | | 1º- José Gonçalves 3º- Elienai Cabral 4º- José Gonçalves |
| 2014 | 1º, 2º, 3º e 4º Trimestre | <i>1º -Uma jornada de fé 2º- Dons espirituais e ministeriais 3º-Fé e obras 4ºIntegridade moral e espiritual</i> | | 1º- Antônio Gilberto 2º- Elinaldo Renovato 3º Eliezer de Lira e Silva 4º-Elienai Cabral |
| 2015 ³³ | 1º, 2º, 3º e 4º Trimestre | <i>1º- Os dez mandamentos 2º- Jesus, o homem perfeito 3º- A Igreja e o seu testemunho 4º- O começo de todas as coisas</i> | | 1º- Ezequiel Soares 2º- José Gonçalves 3º- Elinaldo Renovato de Lima 4º- Claudinor Andrade |
| 2016 | 2º Trimestre | <i>Maravilhosa Graça</i> | Antonio Gilberto e Claudinor de Andrade | José Gonçalves |
| 2017 | 4º Trimestre | <i>A obra da Salvação</i> | Antonio Gilberto e Claudinor de Andrade | Claiton Ivan Pommerening |

³³ Comemoração aos 75 anos da CPAD.

| | | | | |
|------|-------------------|---|--|--|
| 2018 | 1º Trimestre | <i>A Supremacia de Cristo</i> | Antonio Gilberto e Claudionor de Andrade | José Gonçalves |
| 2019 | 2º e 3º Trimestre | <i>O Tabernáculo e Tempo, Bens e Talentos</i> | Claudionor de Andrade | Elienai Cbral e Elinaldo Renovado |
| 2020 | 1º e 3º Trimestre | <i>1º- A Raça Humana 2º- A Fragilidade Humana</i> | Elienai Cabral Claudionor de Andrade | Claudionor de Andrade e José Gonçalves |
| 2021 | 4º Trimestre | O Apóstolo Paulo | Elienai Cabral | Elienai Cabral |
| 2023 | 1º Trimestre | Aviva a Tua Obra | Elienai Cabral | Elinaldo Renovato |

Fonte: Tabela produzida a partir das análises das *Lições Bíblicas* entre 2005 a 2023.

A partir de 2015 observou-se que o trabalho de redatora foi retirado de Telma Bueno, por outro lado sua nova função passou a ser de editora, a partir do segundo trimestre. Em contrapartida no primeiro trimestre aparece o nome de Marcelo Oliveira como redator, nesta mesma revista não há uma mulher com uma função mencionada pela CPAD, ano este alusivo aos 75 anos de existência da CPAD. Dentre todas as funções na CPAD temos, por ordem hierárquica: Presidente da CGAD; presidente do Conselho Administrativo; Diretor Executivo; Gerente de Publicações; Consultoria Doutrinária e Teológica; Gerente Financeiro; Gerente de Produção; Gerente Comercial; Gerente da Rede de Lojas; Gerente de TI; Chefe de Arte e Design; Chefe do Setor de Educação Cristã; Editora e Projeto gráfico, capa e diagramação. Algumas (pouquíssimas) mulheres se mantiveram na função, ora de redatora, ora na parte editorial. Todas as demais funções são exercidas por homens que normalmente estão na mais alta liderança eclesial, o que nos faz questionar o porquê do papel secundário das mulheres também em outras esferas na instituição, tais como financeira, administrativa, midiática, etc.?

A lição 8º, intitulada de *A mulher virtuosa* da revista de 2013 do 4º Trimestre diz na *verdade prática* que “o comportamento e a sabedoria de uma mulher são os únicos critérios capazes de definirem como virtuosas” (p. 36). Os valores aqui estabelecidos para uma mulher virtuosa trazem apenas o seu comportamento, que deve ser entendido como algo muito amplo e sorrateiro, uma vez que é alicerçado no que se espera por conduta adequada às mulheres.

Na lição de nº 5, nomeada de *Caim Era do Magno*, quarto trimestre de 2015, o tópico primeiro traz como subseção o seguinte título: *A semente da mulher*, Caim foi considerado segundo o texto como o primeiro seguidor de Satanás, mas ainda assim ao fazermos a leitura do texto em questão vemos a expressão “o primeiro filho de Adão”, semente significa tudo que se lança a terra para germinar, mas para o texto é interessante perceber que o título é bastante sugestivo, uma vez que transmite a ideia de que do ventre de Eva nascem os “discípulos do Diabo”, entretanto por essa mesma semente sairá Jesus Cristo, a contranarrativa da posição da mulher na cultura judaico-cristã.

Adão teve como missão governar o mundo como representante de Deus na Terra. A lição de nº 4, do quarto trimestre de 2015 deixa claro que Adão e Eva foram os agentes passivos da tentação. Em suas palavras, “Adão era o guardião do Éden. Todavia, não soube como resguardar a esposa, que acabou sendo seduzida pelo Diabo” (p. 20), ainda assim no mesmo texto encontramos a declaração de que “Adão e Eva pecaram de forma voluntária e cônica” (p. 20): se eles tinham conhecimento do que estavam fazendo, como poderiam ser agentes passivos? A ordem hierárquica de quem errou mais na queda da raça humana é esta, segundo a lição: serpente; mulher e homem. Sobre a mulher o juízo de Deus foi cirúrgico: “multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará (Gn 3.16). Mas essa governança já não existia antes mesmo da queda, pois ele foi equipado pelo próprio criador para agir como governante? Por isso mesmo que o pecado entrou no mundo por Adão (Rm 5.12) e não por Eva, ele não a vigiou como deveria, restando para Deus o ato de puni-los.

Na seção *Conheça mais*, da lição de nº 6, do segundo trimestre de 2015, intitulada *Mulheres que ajudaram Jesus*, nos diz que “na sociedade hebraica, a mulher comum tinha uma posição secundária e era legalmente considerada parte da propriedade de um homem” (p. 30), será mesmo essa posição secundária da mulher somente nos tempos antigos? Quando nos deparamos com as lições bíblicas, encontramos pouquíssima referências de mulheres escritoras: em nenhuma delas vimos uma mulher como comentadora, sua posição quando aparece está sempre abaixo dos outros membros. As referências bibliográficas usadas como sugestão raramente possuem a palavra “autora”, e quando vem, está sempre associado na maioria das vezes a uma vida com disposição para obedecer, servir e ofertar, uma

escrita ligada a família e a igreja, outras aspirações não são tão consideradas. Afinal que tipo de redatora pressupomos ser Telma Bueno?³⁴

Em 2023 observou-se o nome de Verônica Araújo como revisora, é interessante perceber que na grande maioria das vezes entre todas as funções há a nomeação de alguma mulher exercendo apenas uma função por vez, normalmente essa função vem como redatora ou revisora. Enquanto que funções como: Conselho administrativo; Diretor Executivo; Gerente de Publicações; Consultoria Doutrinária e Teológica; Gerente Financeiro; Gerente de Produção; Gerente Comercial; Gerente da Rede de Lojas; Gerente de TI e Chefe de Arte e Design são exercidos por homens, o que demonstra o papel de gênero estabelecido pela instituição.

Pensando na perspectiva social, uma das missões básicas da AD é o ensino sistemático da Bíblia, que corrobora com a formação integral do ser humano, uma vez que trabalha currículos da base comum da Educação Formal, a exemplo de: compreensão e interpretação de textos, semântica e argumentação; bem como de desenvolvimento pessoal, tais como: oralidade, argumentatividade, curiosidade e iniciativa. Além disso, o papel social e educacional também perpassa habilidades socioemocionais como trabalho em equipe, cooperação, espírito gregário, etc.

Para uma mulher virtuosa a lição de nº 8 do 4 trimestre de 2013 traz que essa mulher poder ser virtuosa como esposa, mãe, como trabalhadora ou como serva de Deus. Como tem a confiança e o respeito do marido, a admiração e o reconhecimento do marido; como mãe ela é educadora e afetuosa; como trabalhadora ela é dona de casa e empreendedora; e como serva de Deus dá um bom testemunho, além de ser temente a Deus.

Segundo essa lição a mulher virtuosa, enquanto trabalhadora, é associada a vida de dona de casa, mas quais seriam as funções de uma dona de casa na visão assembleiana? Vejamos: na lição se utilizaram de uma pesquisa realizada nos Estados Unidos com “altas executivas” respondendo a seguinte questão: o que as faziam sentirem realizadas? A resposta da maioria foi ser esposa, mãe e dona de casa. Bastante questionável esse ponto, uma vez que são mulheres de classe alta a relatarem que amam ser donas de casa, não se toma em conta os privilégios decorrentes de suas

³⁴ Telma Bueno - É bacharel em Teologia, pedagoga, especialista em Gestão Escolar e Jornalista. Trabalha como redatora no Setor de Educação Cristã da CPAD. É comentarista de revistas de currículo infanto-juvenil, conferencista e professora do CAPED. Autora dos livros: *Boas ideias para professores de Educação Cristã*; *É Hora de Pintar, Recortar e Colar*; *Educação Cristã: Reflexões e Práticas*. *Ensinando a Fé Cristã às Crianças e Igreja Saudável*, editados pela CPAD.

posições ou de todos os problemas socioeconômicos das mulheres menos abastadas.

Veja-se:

A mulher virtuosa ama os afazeres domésticos e tudo faz para cumprir com excelência a sua missão. Mas sempre que necessário, o marido pode ajudá-la nos afazeres domésticos. Dessa forma, estará demonstrando, na prática, a sua gratidão à esposa. A mulher virtuosa tem o seu trabalho devidamente reconhecimento na Bíblia, e o mesmo reconhecimento deve ser dado pelo seu esposo (Lições Bíblicas, 4 trimestres de 2013, p. 38).

Como podemos perceber, a missão de uma assembleiana é a sua vida no lar como dona de casa e não a do marido. Mas para mostrar sua gratidão o esposo pode auxiliá-la dependendo da sua boa vontade. Por outro lado, o que seria uma mulher empreendedora?

Além das tarefas domésticas, muitas vezes precisa trabalhar fora para complementar a renda familiar, tendo uma jornada de trabalho repleta de atividades. Nesses aspectos, o esposo sábio pode contribuir auxiliando em algumas tarefas dentro de casa, inclusive honrando-a com alguns momentos em que ela poderá descansar (Lições Bíblicas, 4 trimestre de 2013, p. 38).

Uma jornada repleta de atividade não é sobrecarga aqui, mas o marido tem a escolha de ajudar em algumas tarefas permitindo o seu descanso. Além disso, a escolha de trabalhar parte do pressuposto de que seria para complementar a renda da família, e não pela sua qualificação profissional e acadêmica, pela sua independência financeira, mas sim, que a mulher virtuosa trabalhadora é a que serve, não a si, mas às imposições de um sistema patriarcal representado pelo discurso religioso.

3 REPRESENTAÇÕES DA MULHER NA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS EM PERNAMBUCO

Quem são essas mulheres? E quem as dizem o que são?

3.1 Usos e costumes assembleianos

Claudio José da Silva, em sua dissertação nomeada de “*A Doutrina dos Usos e Costumes da Assembleia de Deus*” (2003), buscou investigar as mudanças enfrentadas pela Assembleia de Deus no Brasil ao que se refere ao que ele denomina de “Doutrina dos Usos e Costumes”. É interessante perceber que um pastor assembleiano do Estado de Goiás constata que a Assembleia de Deus passa por mudanças significativas no comportamento dos fiéis, ao contrário da posição que a Assembleia de Deus em Pernambuco expressa, quando o pastor Ailton José Alves Júnior diz em entrevista que em cem anos da Assembleia de Deus em Pernambuco, ela continua a mesma.

Para Claudio José da Silva, “os Usos e Costumes sempre foram regras e conduta dos crentes da Assembleia de Deus e padrão de conduta e de postura que diferenciam este grupo dos demais pentecostais” (SILVA, 2003, p. 11). Ao discutir a hipótese levantada, percebe-se que ao longo do texto a problemática envolta do padrão feminino de comportamento é gritante, mas a discussão é rasa ou quase nula por parte do autor, mesmo quando suas fontes orais, partidas das entrevistas feitas a outros pastores de Goiás e Distrito Federal, dão o arcabouço de questionamentos acerca das mulheres assembleianas.

Mais adiante listamos os usos e costumes que são levados com mais ênfase na Assembleia de Deus e que, via de regra, servem para a maioria dos Estados brasileiros. O que implica dizer que, quando falamos sobre um padrão de conduta diferenciada dos assembleianos em detrimento dos demais pentecostais, estamos claramente os associando às mulheres. As mulheres assembleianas são consideradas, em minha visão, “baluartes”, devido à responsabilidade, quase fardo, de levantar a bandeira assembleiana nos espaços públicos com suas vestimentas e indumentárias consideradas como o diferencial assembleiano. Tais vestimentas reproduzem nos corpos femininos o papel comportamental social esperado: encontrar, na rua, uma mulher de calça ou com uma blusa de alça já é indicativo de que ela não é (ou não é mais) pertencente a instituição, a partir do que o congregado opta por não dar a

saudação principal dos assembleianos, que não é *bom dia, boa tarde ou boa noite*, mais sim “*a paz do Senhor*”.

Para Silva (2003), a repetição dos usos e costumes pelos membros congregados tornou-se corriqueira; desse modo, o padrão de vestimenta dos mais velhos, por exemplo, deveriam ser também o padrão que se espera dos mais novos em um ato sequencial no modo de viverem. Em suas palavras, “os usos e costumes estão presentes na tradição desta igreja e que pela contínua repetição e ensino, tornou-se um procedimento corrente” (SILVA, 2003, p. 21). O que ele demonstra desde o princípio do texto também são os processos de mudanças que vem ocorrendo, em especial a tradição da cultura evangélica assembleiana, daí sua prerrogativa ao afirmar que “a Assembleia de Deus vem sofrendo mudanças nos usos e costumes; tem sido mais flexível nos dias atuais” (SILVA, 2003, p. 14).

O autor esclarece que:

Apesar da Assembléia de Deus ter criado uma tradição dos usos e costumes, não significa que esta tradição está sendo desfeita; aqueles rígidos estereótipos que pareciam imutáveis parece estar cedendo lugar a uma concepção de ser "crente", não mais preso a uma interpretação das indumentárias, mas pelo viver diário com Deus (SILVA, 2003, p. 15).

É bem verdade que a Assembleia de Deus manteve os padrões rígidos de comportamento, mais ainda sim passa pelo processo de mudança na postura comportamental, ainda que gradual, dos membros associados. Tais mudanças são visualmente perceptíveis na imagem das jovens assembleianas, uma vez que encontram em espaços de convivência diversos, como as universidades, novas representações de mundo; assim como nos espaços de trabalho, a partir de uma reconfiguração no modo como as mulheres lidam com sua liberdade financeira e sua própria autonomia.

Para Silva (2003) “a cultura evangélica da Assembleia de Deus está impregnada nos usos e costumes, que é o modo de ser específico deste grupo, que também, não fica fora destas mudanças, pois ela é também dinâmica” (SILVA, 2003, p. 24-25). Sete anos depois, Moisés Germano de Andrade levanta um posicionamento semelhante: “hoje, a AD está passando por um novo momento, tendo em vista a questão de usos e costumes que, ao longo dos tempos, em alguns estados do Brasil, incluindo-se alguns do Nordeste, tem-se moldado” (ANDRADE, 2010, p. 28). Para tanto, o que rege essa discussão é o fato de que a Doutrina tem um caráter permanente

e imutável, por ser constituída por verdades reveladas por Deus; em contrapartida, o costume é transitório e passível de mudanças. Segundo Silva (2003, p. 28), essa dinamicidade que ocorre nos costumes assembleianos pode ser vista não apenas como um ato de desobediência a Deus, uma vez que ocorre o descobrimento da liderança eclesiástica, mas também uma maneira individual do fiel em questionar, negar ou até mesmo negociar o modo como deveriam expor seus corpos.

Ora, Silva (2003) deixa claro que as discussões em volta dessa questão ainda estão abertas e são passíveis de várias interpretações. Segundo o autor, existe uma linha de pensamento mais tradicional seguida pelos pastores mais velhos, mas também existem outros pastores mais jovens que procuram lidar com as questões dos usos e costumes de maneira flexível e cuidadosa. Segundo ele,

A Convenção da Igreja Assembléia de Deus não definiu um padrão de conduta para os fiéis de maneira prática, pois na concepção da convenção, os usos e costumes fazem parte do dia a dia de cada igreja e criar uma lei que valha para todas as igrejas se torna difícil. Todas as vezes que isso é apresentado em convenções gera polêmicas e conflitos e não se chega a um consenso (SILVA, 2003, p. 19).

Entendemos que há um debate que se estende em décadas sobre os Usos e Costumes e que o consenso a que se chegou foi: não seria necessária uma lei universal a ser seguida por todas as assembleias de Deus no Brasil, devido às particularidades regionais de onde cada igreja se localiza. Outro ponto que merece atenção é que tais questões são decididas e discutidas pela Convenção Geral da Assembleia de Deus no Brasil, que atualmente é formada apenas por homens. Os Usos e Costumes afetam diretamente o modo das mulheres viverem no Brasil, mas a sua participação na tomada de decisão e discussão sobre o caso não é mencionada. Seriam essas vozes silenciadas, adormecidas na própria insubmissão, ou estariam elas despreocupadas e/ou desinformadas com o curso dos acontecimentos, visto que tais informações não chegam de fato a todos os assembleianos? Seria um hábito dos assembleianos não dar a devida importância ao que vem de cima, da hierarquia, do modelo de gestão adotado?

Pensando nos Usos e Costumes como uma visão de mundo, eles podem ser entendidos como uma representação da realidade que passa a ser, portanto, a identidade do coletivo e desse indivíduo em particular, pois é preciso assumir a responsabilidade e uma identidade religiosa para se tornar membro aceito e integrado da comunidade, visto como obediente e temente a Deus.

A igreja pentecostal separa os seus membros do mundo com a condição de criar para eles um mundo separado, não só do ponto de vista ético (não beber, não fumar, não jogar bola, não ir ao cinema, não assistir TV etc), como do ponto de vista de uma rotina de vida (SILVA, 2003, p. 36).

Silva se utiliza de Bourdieu (1980-1991) e sua definição para *habitus* enquanto “materialização da memória coletiva”, na perspectiva de traçar uma ponte entre as práticas sociais e o padrão doutrinário. Segundo ele,

Este processo se torna tão bem instalado que provavelmente ninguém se perguntará por que determinadas coisas são feitas desta ou daquela maneira. Exemplo, usar cabelos longos para as mulheres, que começa como um costume inicial e com a contínua repetição do grupo se transformará num hábito e com o tempo constituirá um padrão de comportamento repetido e institucionalizado (SILVA, 2003, p. 101).

No Brasil duas instituições se chocam em relação aos usos e costumes: a primeira é a Assembleia de Deus em PE, dirigida pelo Pr. Presidente Ailton José Alves, sujeito de maior interesse a nossa pesquisa; a outra, a Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC) com o Pr. Presidente Silas Malafaia, com sede no Rio de Janeiro. Nosso foco se dá em especial para a Assembleia de Deus em PE, por ser esta a principal instituição pentecostal em PE, e por ainda ser incipiente a ADVEC em Pernambuco, o que de certa forma não chega a ser uma forte concorrente no estado e até mesmo no Nordeste para a Assembleia de Deus em PE devido à sua forte presença com seu trabalho pioneiro. Andrade esclarece que,

Quanto à questão de usos e costumes dentro das Assembleias de Deus, no Brasil, temos hoje duas correntes: a liderada pelo pastor Ailton José, de PE, e todos os estados do Nordeste, e outro grupo liderado pelo Pr. Silas Malafaia, que compreende os estados do sul, sudeste e centro-oeste e norte. A corrente do Pr. Ailton acredita que a AD deva manter todos os seus usos e costumes, por exemplo: as mulheres não usam pinturas, calças compridas; os homens não usam bermudas, etc. em contrapartida, a corrente do Silas vem com uma proposta totalmente inovadora tanto nos usos e costumes como em outras questões mais complexas, como a questão da sexualidade; segundo Silas, dentro de quatro paredes, o casal tem liberdade para fazer o que quiser. Isso tem gerado grandes problemas internos. E um dos fatores que mais tem agravado essa crise é que, na última eleição da CGADB, o Pastor Silas foi eleito vice-presidente. Praticamente, as igrejas do Nordeste estão prestes a fazer um racha com o restante do Brasil para manter seus costumes (ANDRADE, 2010, p. 28).

Percebemos, desse modo, por mais que haja um senso comum entre os membros da AD de que não houve alteração nos usos e costumes, as mudanças

latentes são claramente perceptíveis. Essas mudanças foram lentamente conquistadas no que se refere à mulher, a prova disso, é o próprio desuso da palavra “doutrina³⁵”, para se levantar a obediência das mulheres, como prerrogativa para o não uso da calça comprida, corte de cabelos e pintura, tamanho e formas de vestimenta, maquiagem, uso de joias ou bijuterias (exceto relógio e anéis), condutas e posturas. Tais padrões foram produzidos e estão sendo reproduzidos cada vez em escala menor pelas mulheres, que encontram brechas no cotidiano para se livrar das amarras estabelecidas por homens que julgaram necessário criar conexões inexistentes, a fim de penetrarem suas vontades no universo feminino. Na lição bíblica do 3º trimestre de 2015, utilizadas nas escolas dominicais, a lição de nº 3 intitulada *Oração e Recomendação às Mulheres Cristãs*, no tópico III, que versa sobre a maneira de se vestir das mulheres, lê-se:

Traje honesto com pudor. É sinônimo de decoroso, decente, com sobriedade, ou simplicidade. Um vestido transparente não é honesto, pois embora esteja cobrindo o corpo, **atrai a cobiça dos homens**³⁶, incentivando o pecado. Infelizmente, muitas mulheres estão errando na hora de se vestir. A mulher pode e deve se vestir bem, ficar bonita, porém com pudor, de modo a agradar a Deus.

Partindo dessa citação, encontramos quatro elementos aferidos de carga de disciplinarização dos corpos femininos. Quais são as consequências quanto aos tipos de instruções e orientações que essas mulheres recebem? Quem forjou a padronização da identidade da mulher assembleiana? Por que uma vestimenta transparente, como a citada no texto acima, está ligada “a fazer o irmão pecar”, quando na verdade esse pressuposto está intrínseco ao pensamento místico do erro de Eva, que é perpetuado até os dias de hoje, como a maneira de induzir os homens ao pecado? Será que na práxis, a vestimenta sem decoro da mulher na igreja leva os homens a desejos impuros, ou o corpo dessas mulheres é usado como desculpa para tais ações libidinosas?

Nessa mesma Lição também se lê sobre a conduta das mulheres na igreja de que para as mulheres é preciso o silêncio no culto, embasada em 1 Tm 2.11 quando diz que “a mulher aprenda em silêncio, com toda sujeição”.

³⁵ Segundo a lição 6, intitulada de *Conselhos Gerais*, revista do terceiro trimestre de 2015, p. 31, “doutrina é a exposição sistemática e lógica das verdades extraídas da Bíblia”.

³⁶ Grifo nosso.

Figura 8 - Jovens da campanha evangelizadora em Charnequinha 1, no Setor-01, que corresponde ao município do Cabo de Santo Agostinho-PE.



Fonte: ADnews.

Acima temos duas jovens louvando a Deus, ambas de saia jeans abaixo do joelho e blusas com mangas, uso recorrente das assembleianas para vestimenta, ambas de cabelos cacheados. Esse é um dos cultos que acontecem ao ar livre com o intuito da evangelização.

Acerca dos corpos femininos, é preciso, pois, pensarmos no caráter político da governança dos corpos e suas sutilezas nas estratégias de opressão, pois segundo Vilhena, “este jeito de evangelizar é também colonizar o corpo, principalmente os corpos das mulheres que estarão sujeitas ao maior rigor desde suas vestimentas até o controle de seus comportamentos e desejos” (VILHENA, 2016, p. 49).

Para Foucault (2014), a vigilância faz parte do processo de produção, esse é o que ele denomina de “controle intenso e contínuo”, uma vez que são encarregados de aplicar os regulamentos. Com este fim, o controle e a disciplinarização dos corpos e das mentes se dá de maneira lenta e gradual, perpassando o tempo vivido pelos indivíduos a própria herança da comunidade em questão, de tal modo que para os assembleianos a literalidade da disciplina não entra em choque com os costumes assembleianos. O exemplo que podemos citar para exploração da discussão são as vestimentas assembleianas e seus adereços.

A doutrina assembleiana não deixa explícito que para as mulheres não é permitido o uso de calças, brincos, cortes de cabelos, saias acima do joelho, unhas pintadas de preto ou qualquer outra cor que não seja em tons pastéis; entretanto, os usos e costumes torna a proibição dessas práticas uma rotina, o que por muitas vezes torna a vigilância ainda maior. Com isso, acredito que possamos usar Foucault na perspectiva de uma discussão que alcance a esfera da religião e das suas representações como um processo constante de movimentos de permanências e de

modificações desses costumes a partir de uma análise das práticas sociais dos lugares de produção com ou sem a literalidade das palavras e dos discursos escritos, de tal modo que “as tarefas de controle se fazem mais necessárias e mais difíceis” (FOUCAULT, 2014, p. 171).

A disciplina faz “funcionar” um poder relacional que se autossustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados. Graças às técnicas de vigilância, a “física” do poder, o domínio sobre o corpo se efetua segundo as leis da ótica e da mecânica, segundo um jogo de espaços, de linhas, de telas, de feixes, de graus, e sem recurso, pelo menos em princípio, ao excesso, à força, à violência (FOUCAULT, 2014, p. 174).

Tecendo considerações acerca da instituição Assembleia de Deus no Brasil, podemos dialogar com o pensamento de Foucault (2014) ao fazer a seguinte indagação:

As instituições disciplinares produziram uma maquinaria de controle que funcionou como um microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formaram, em torno dos homens, um aparelho de observação, de registro e de treinamento. Nessas máquinas de observar, como subdividir os olhares, como estabelecer entre eles escalas, comunicações? Como fazer para que, de sua multiplicidade calculada, resulte um poder homogêneo e contínuo (FOUCAULT, 2014, p. 170)?

De que modo a Assembleia de Deus, enquanto instituição disciplinar, controla o comportamento dos fiéis, transformando-o em identidade coletiva do grupo? De que maneira passou a ser um poder? Será mesmo ele homogêneo e contínuo? Como as regras de vestimenta dos usos e costumes assembleianos passaram a ser o modo pelo qual os assembleianos se identificam no mundo? Seriam elas um mecanismo de vigilância, para as mulheres em particular? Para Foucault, “a vigilância se torna um operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar” (FOUCAULT, 2014, p. 172). Vejamos o que diz Alencar sobre as mulheres assembleianas e os usos e costumes:

Para as mulheres o legalismo era ainda maior. Em certos aspectos era como se ser mulher fosse pecado. Saias acima dos joelhos, brincos, maquiagem ou quaisquer outros adereços que chamassem a atenção eram considerados “ vaidades ” e eram vistos como pecado. Ao passo que a cultura secular promovia um relaxamento nas regras de vestimentas para mulheres, o pentecostalismo se fechava (ALENCAR, 2015, p. 34-35).

Estando certo Foucault de que “a disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 2014, p. 167), como as mulheres assembleianas se tornaram instrumentos mantenedoras da submissão a doutrina, dos usos e costumes, do comportamento dócil associada a elas, da falta de participação e atuação na liderança institucional eclesial?

3.2 Mentis sucateadas

Vejamos agora um trecho da entrevista feita a Ir. Cristhiane Alves, esposa do Pastor Ailton Júnior, vice-presidente da IEADPE, e vice coordenadora dos Círculos de Oração em Pernambuco. Esta edição encontra-se no *ADNews*³⁷ – nº 40 – julho de 2015. Uma das perguntas feitas pelo entrevistador foi: *Ainda recém-casada, sua família foi enviada à obra missionária na Argentina. Como foi essa experiência? Qual o fato mais marcante dessa época?*

Sim, um mês após casarmos, fomos enviados pela igreja ao campo de missões na Argentina, para a província de Mendoza. Foi um grande desafio para nós, jovens recém-casados, distanciar-nos da família, da igreja e dos amigos para irmos a uma terra longínqua (ficava cerca de 1200 km ao oeste de Buenos Aires), para dar início ao trabalho em Godoy Cruz. Para mim, foi mais difícil, pois tive que me adaptar ao idioma e ao clima frio, e nos primeiros meses, sentia muitas saudades de minha família. **Mas logo que fui me envolvendo nos trabalhos de evangelização de crianças, louvor e oração com as irmãs, visitação aos lares**, a dor inicial foi sendo amenizada. Passamos por experiências muito fortes: logo nos primeiros meses, fomos assaltados em nossa casa, enquanto **fazíamos evangelismo de crianças**. Fazíamos o trabalho num bairro um tanto difícil, e pouco tempo depois, várias vezes nosso carro foi arrombado. Também levaram o equipamento de som da igreja e faziam ameaças constantes de que voltariam a nos atacar. Mas em meio a essas circunstâncias, o Senhor abençoava Sua obra, salvando vidas, curando enfermos, libertando os oprimidos pelo diabo. Percebíamos que eram tentativas de nos fazer parar, mas prosseguimos, e o Senhor abençoou aquele trabalho, para a exclusiva glória de Seu nome! (Grifo nosso)

Evidenciamos a atuação feminina no trabalho missionário baseado em ações que normalmente são atribuídas as mulheres na igreja. Outras perguntas foram feitas na entrevista como: *Missionária, esposa do vice-presidente da IEADPE e vice coordenadora dos Círculos de Oração em Pernambuco. Em que momento da sua vida*

³⁷ Revista da Assembleia de Deus em Pernambuco. Acessado em 26/02/2023 <https://adnewsoficial.com.br/entrevista-adnews-julho-irma-cristhiane-alves/>.

percebeu os propósitos de Deus para o seu futuro? Quais os maiores desafios e também, alegrias de atender ao chamado do Senhor? Em toda sua trajetória cristã, qual a experiência mais marcante? Por se tratarem de respostas muito longas não traremos aqui, mas destacaremos três perguntas a seguir para que possamos exemplificar a maneira como as mulheres assembleianas em geral pensam a respeito da obra e de seu chamado em particular para servir a Deus. Nosso ponto segue o raciocínio de que as palavras da Ir. Cristhiane Alves nos mostra como se perpetuou o pensamento do ideal feminino na Assembleia de Deus. As palavras que se seguem nas entrevistas, e que estão rodeadas de intencionalidade são “*mãe*” e “*esposa de obreiro*”, parece não haver espaço para outros anseios femininos. Ao observar as respostas, percebe-se também que para cada resposta um fragmento bíblico é levantado como justificativa para o comportamento da mulher, práxis da retórica assembleiana. Outro ponto que merece atenção são as escolhas das perguntas feita na entrevista, uma vez que não fica claro quem as está fazendo, apenas que o autor é a própria ADnews.

Mãe de dois filhos e esposa de obreiro, como é conciliar a maternidade e a obra do Senhor? Ah, é preciso depender muito da sabedoria divina, para poder cuidar bem da obra, sem descuidar da família, que é a primeira “obra” que o Senhor nos confia. Como diz a Bíblia, “a mulher sábia edifica a sua casa” (Pv 14.1). Antes de sair para atender os compromissos da igreja, procuro ordenar nossa casa, atender às necessidades de meu marido e dos meus filhos (Deborah, 18 anos, e David, 14 anos) e mesmo enquanto estou fora, trato de acompanhar de perto tudo o que está acontecendo. É assim que tenho aprendido com meus principais referenciais, minha mãe e minha sogra, duas servas do Senhor que sempre O serviram com fidelidade e ao mesmo tempo, dedicaram-se à criação de seus filhos. Acredito ser a maternidade uma responsabilidade muito especial que Deus concede à mulher; louvo ao Senhor por me ter concedido dois filhos maravilhosos, que me inspiram a cada dia ser uma mulher mais fiel ao Senhor. Pois, como disse certo autor, a maternidade/paternidade é uma condição santificadora: para darmos exemplo aos nossos filhos, precisamos andar certo, no temor do Senhor. Temos que exercer boa mordomia do lar que o Senhor nos entregou, e de igual modo, atender às responsabilidades que Ele nos confiar em Sua obra.

Ser uma mulher cristã no mundo em que vivemos não é fácil. Em sua opinião, quais devem ser as características de uma mulher bela aos olhos de Deus? Creio que é a mulher que busca possuir um espírito manso e quieto, que é precioso ao Senhor, como diz o apóstolo Pedro (1 Pe 3.4). A beleza exterior passa, mas a do espírito permanece e pode influenciar a outros que estejam ao redor. A mulher que põe sua confiança em Deus, e busca obedecer Seus preceitos, além de edificar-se a si mesma e encontrar propósito para sua vida, pode ser um instrumento de bênção para seu marido, seus filhos e para todos que a conhecem. Como diz Pv 31.30: “Enganosa é a graça e passageira a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa será louvada”.

Qual o seu conselho para as moças da igreja que apesar dos desafios, lutam para fazer a vontade do Pai Celestial? Mantenham o firme propósito de em tudo agradecer ao Senhor, satisfazer-se nEle e em Seu querer, e Ele que conhece os seus anseios mais profundos, há de suprir todas as suas necessidades (Sl 37.5). Creia que suas decisões, se dirigidas pelo Senhor, sempre resultaram na melhor escolha. Deus é bom, e só quer das coisas boas a seus filhos (Mt 7.11). Por isso, seja sempre fiel ao Senhor, a despeito de qualquer circunstância, e assim sempre desfrutarás a boa, agradável e perfeita vontade do Senhor para sua vida.

Figura 9: Foto da capa da entrevista



Fonte: <https://adnewsocial.com.br/entrevista-adnews-julho-irma-cristhiane-alves/>.

Na configuração do *cremos* assembleiano, a família se dá mediante a diferenciação sexual necessária a formação do casal e a procriação: rejeitam a homossexualidade por ser condenado por Deus nas Escrituras, bem como qualquer outro tipo de relacionamento que atenta contra a monogamia e a heterossexualidade.

O casamento tem por propósitos: a instituição da família matrimonial, a compensação mútua do casal, a procriação, o auxílio mútuo e continência e satisfação sexual. Entendemos que o homem é unido sexualmente à sua esposa, como resultado do amor conjugal, não só para procriar, mas também para uma vivência afetuosa, agradável e prazerosa: “seja bendito o teu manancial, e alegra-te com a mulher da tua mocidade” (Pv 5.18) **dentro dos limites do uso natural do corpo e da pureza e da santidade**³⁸ (CPAD, 2017, p. 204).

Em relação ao limite natural do corpo, temos os cultos para casais onde comportamentos sexuais permitidos são ensinados para que se tenha um “leito sem máculas” (Hb 13.4). Os encontros de casais são para casados, mas abre-se também uma exceção para noivos; o que se sabe é que quem traz a pregação de maneira esmagadora são os homens, sempre “a luz da Bíblia” ou a partir da sua visão particular do mundo. Outro ponto que merece nossa atenção é para os casos que se permitem a dissolução do casamento, neste caso pelas seguintes situações: morte;

³⁸ Grifo nosso.

infidelidade conjugal e deserção por parte do cônjuge descrente. Neste último caso a justificativa se dá em razão do que está escrito em I Coríntio 7. 15 “mas, se o descrente se apartar, aparte-se; porque neste caso o irmão, ou irmã, não está sujeito à servidão; mas Deus chamou-nos para a paz”. É interessante perceber que neste caso a mulher precise esperar que o descrente tome a decisão do divórcio, casos de violência doméstica não só não são levados em consideração, mas são facilmente deixados de lado, talvez porque não existam fragmentos na Bíblia para tal procedência.

Um dos grandes medos que assombra e constrange a algumas jovens assembleiana são as revelações³⁹ dadas por alguns profetas, especialmente em Círculos de Oração, o medo de serem descobertas em público com algum pecado, principalmente sobre sua virgindade⁴⁰. O Círculo de Oração adulto, culto ofertado durante um dia da semana, no período diurno, pela manhã normalmente das 8:00 às 12:00, a tarde das 13:00 às 16:00, são ministrados por mulheres que na grande maioria não trabalham e que são anciãs, ora casadas, ora viúvas. O Círculo de Oração é o espaço de maior visibilidade feminina, momento em que as memórias são elucidadas como testemunho de vida, de narrativas que contribuem para a vida espiritual dos que ali chegam; é como se fosse o alimento para os necessitados e que anos de vivências nessa instituição me fazem perceber que também é de longe o momento mais acolhedor para os que não são congregados ou para os que não seguem a doutrina da Assembleia de Deus, pois os que procuram normalmente estão desempregados, com problemas em casa, na família, na justiça, etc. Comparando a igreja a um hospital, a ala de emergência seria o Círculo de Oração.

Já para as mulheres idosas, que correspondem ao maior quantitativos de mulheres que fazem parte do Círculo de Oração, seu dever é acima de tudo ser o

³⁹ Usaremos a classificação de Mauricio Ricci para os dons espirituais nas igrejas pentecostais: “Nos cultos pentecostais, muitas são as manifestações espirituais reconhecidas pelos crentes que pesquisei, dentre elas os *dons de visão* (contemplação de seres divinos, anjos, demônios, objetos sagrados, animais); *dons de sonhos* (imagens oníricas com significado sagrado); *dons de curar* (habilidade em operar milagres de curas e de classificar males espirituais); *dons de revelação e profecia* (conhecimento daquilo que é oculto aos olhos humanos); *dons da palavra, da sabedoria e da ciência* (promovem habilidades especiais no conhecimento das Escrituras e das profundezas de Deus); *dom de discernimento de espíritos* (faculdade de estabelecer classificações entre o que é de Deus e o que pertence ao Diabo). O *dom de línguas e o dom da interpretação das línguas*, essa fala extática que necessita da interpretação para que outros membros da igreja a entendam, é o dom mais comum entre os fiéis (RICCI, 2007, p. 57).

⁴⁰ O que a Assembleia de Deus expressa no capítulo vinte e quatro na Declaração de Fé sobre a família: “Por configurar um desvio moral e espiritual em relação ao padrão divino para a instituição e preservação da família, tal relacionamento não ter continuidade, posto que se constitui prostituição, se antes do casamento, ou adultério, se extramatrimonial” (CPAD, 2017, p. 205).

exemplo para as mais jovens. E como seria isso? A lição de nº 12 intitulada *Exortações Gerais*, do terceiro trimestre de 2015 diz que:

Mulher idosa tem vivência e experiência, seja como mãe e esposa, seja como serva de Deus, por isso podem ensinar as irmãs mais novas. Devem ser mulheres santas, “sérias no viver”, que não andem com atitudes e maus exemplos, na igreja, ou fora dela. Não devem ser caluniadoras (gr. diabolos), ou que se deem a costumes carnisais de falar dos outros, de criticar, ou murmurar (p. 58).

O primeiro ponto a destacar é que apenas as vivências relacionadas ao casamento e aos filhos devem ser ensinadas às mais jovens: os conhecimentos profissionais ou a vida pública dessas mulheres não são levadas em consideração ou de incentivo para as novas gerações. Além do mais, é notório o processo de exclusão das mulheres que não se casaram ou que não puderam ter filhos. Outro ponto crucial para nossa pesquisa consiste no fato dessas mulheres, que já possuem bastante experiências e memórias da instituição, não poderem questionar qualquer ponto que não foram consultadas sobre suas próprias vidas, pois serão consideradas murmuradoras, correndo o risco de serem taxadas de maus exemplos a serem evitados pelas jovens senhoritas.

O que dizer do trabalho pioneiro das mulheres em Pernambuco que foram obreiras? Quando ficou estabelecido que apenas os homens seriam obreiros no Estado?

Quando Andrade chegou a Caruaru, ele encontrou o grupo de crentes da cidade bastante abalado, devido à morte da **obreira** inglesa, May Frost, vítima de febre amarela. Na qualidade de presbítero, Andrade dirigiu a igreja em Caruaru de 1924 a 1932 - e evangelizava. Ele chegou a pregar ao cangaceiro Antonio Silvino quando ele se encontrava nas proximidades de Caruaru (ANDRADE, 2010, p. 30, *apud* CLAYTON, 1994, p. 468).

Atenta-se para a palavra *obreira*, cargo que em Pernambuco já não mais é permitido, ficando por um curto período de tempo a liderança feminina enquanto nessa função que certamente a grande maioria das mulheres assembleianas pernambucanas desconhecem, pois trata-se, para além do esquecimento, o escondido.

3.3 Corpos abjetos e corpos adestrados

“Porque o marido é cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja é sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seu marido” (Ef. 5.23)

Figura 10: Corpo abjeto



Fonte: Imagem cedida pelo fotógrafo Pedro Henrique Torquato. Endereço de acesso ao Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8915278469444959>.

Existe algo mais hostil que nos tirar a própria capacidade de controle e comando do nosso corpo? Existe algo mais aniquilador que a ideia de um sempre precisar de alguém pensando por você? Como subsistir, se o ato de pensar lhe é restrito? A imagem acima ilustra nossa concepção desses corpos sem mente, de mulheres que desde a tenra idade sabem o que é ser mãe, com suas inúmeras bonecas brancas de nomes variados, filhas, sempre filhas... seus bebês que precisam de alimento, cuidado e proteção. Se o cérebro é o precursor de todos os nervos do corpo, como poderia uma mulher viver sem ele? Desse vendaval de sentidos trazidos pela imagem, “percebem-se as reticências, a imensidão do não-dito. Sente-se o peso do seu silêncio (PERROT, 2007, p. 27).

Utilizo o conceito de imagem emprestada de Sartre, em especial da obra *O Imaginário: Psicologia fenomenológica da imaginação* (1979), a fim de determinar os traços próprios da imagem enquanto imagem, é preciso recorrer a um novo ato de consciência: é preciso refletir. Assim, a imagem enquanto imagem só é descritível por um ato de segundo grau, com o que o olhar se desvia do objeto para dirigir-se sobre a maneira como esse objeto é dado (SARTRE, 1979, p. 15). Enquanto a mulher for posta como uma imagem de representações vinculadas a uma realidade de abjeções e projeções ideais, nela haverá uma descrição homogênea e universalizante.

Na tentativa de responder o que é uma imagem, Sartre destaca que ela nada mais é que uma relação, povoado de pequenos simulacros; logo a imagem para ele, é seria uma consciência, daí sua primeira característica. Mas adiante, o filósofo

esclarece que “uma imagem não pode existir sem um saber que a constitua” (SARTRE, 1979, p. 84). De que imagens estamos falando? Que reflexões poderíamos retirar a partir das máscaras engendradas na mística feminina? Ainda segundo o autor, “imagem é definida por sua intenção. A intenção só se define pelo saber, pois só representamos como imagem aquilo que já sabemos de algum modo e, reciprocamente, o saber não é simplesmente um saber, é ato, é o quero representar pra mim” (SARTRE, 1979, p. 83). Por muito tempo, o ato de representar as mulheres partia exclusivamente do olhar masculino, pois historicamente os processos femininos foram silenciados e subestimados; nos questionamos se seria esse o silêncio rompido que Perrot (2007) explora na obra *Minha história das mulheres*, a partir das seguintes indagações: “escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. Mas por que esse silêncio? Ou antes: será que as mulheres têm uma história” (PERROT, 2007, p. 16)?

Por estarem “confinadas no silêncio de um mar abissal” (PERROT, 2007, p. 16) é que o relato tanto nos atormenta, pois é da narrativa que temos o desencadear de suas histórias. Mas quem as está contando, se o silêncio as deixa submersas no mar do esquecimento ou das representações irreais? É nesse silêncio consubstancial que elas são imaginadas, exploradas e amedrontadas diariamente. Diante dessa perspectiva, Perrot (2007), ao tratar das mulheres representadas entre discursos e imagens, tece uma linha em que argumenta:

para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios (PERROT, 2007, p. 21).

Nesse trabalho de memória, torná-las visíveis requer uma alta habilidade de perseverança, visto que, ao longo do tempo, as próprias mulheres – inconscientes de sua significância – acabam por (auto)destruir fontes riquíssimas de informações. Por outro lado, ainda seguindo o raciocínio de Perrot,

existe uma abundância, e mesmo um excesso, de discursos sobre as mulheres; avalanche de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra dos homens, mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas se viam ou sentiam” (PERROT, 2007, p. 22).

No tocante a essa perspectiva, o corpo das mulheres em constante movimento na história, vive internamente na dualidade da existência entre corpo e espírito, como bem coloca Perrot (2007, p. 44): “logo cedo se estabelece um vínculo entre meninas e religião... Elas são educadas nos joelhos da Igreja”. Mas adiante ressalta que

a mulher é, antes de tudo, uma imagem. Um rosto, um corpo, vestido ou nu. A mulher é feita de aparências. E isso se acentua mais porque, na cultura judaico-cristã, ela é constrangida ao silêncio em público. Ela deve ora se ocultar, ora se mostrar. Códigos bastante precisos regem suas aparições assim como as de tal ou qual parte de seu corpo” (PERROT, 2007, p. 49).

Pode-se também argumentar que “entre as religiões e as mulheres, as relações têm sido, sempre e em toda parte, ambivalentes e paradoxais. Isso porque as religiões são, ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das mulheres” (PERROT, 2007, p. 83). Nessa conjuntura, “como pedir aos olhos do corpo ou aos do espírito que vejam mais do que aquilo que veem” (BERGSON, 1999, p. 155)? Estaria Butler correta ao afirmar que “a própria matéria está fundada em uma série de violações, violações essas que são inconscientemente repetidas em cada invocação contemporânea” (BUTLER, 2019, p. 64)? De fato, os corpos visíveis das mulheres são construídos e violentados, projetados e incorporados, uma vez que “a gama de violências exercidas sobre as mulheres é ao mesmo tempo variada e repetitiva. O que muda é o olhar lançado sobre elas” (PERROT, 2007, p. 76).

O contraponto que precisa ser discutido parte da própria literatura assembleiana. Nesse sentido utilizaremos a lição bíblica de nº 2, do 3º trimestre de 2019, intitulada *Tempos, Bens e Talentos: sendo fiel e prudente com as coisas que Deus nos tem dado*. As lições dessa edição ensinam, a partir de subsídios bibliológicos, o que é um “mordomo de Cristo”, ou seja, o administrador dos bens de uma casa; nessa perspectiva, a casa pode ser tanto o corpo que pertence ao Senhor, quanto a família, a Igreja, o trabalho, o tempo, as finanças, a alma, o Espírito, etc. A função do cristão é em suma, cuidar de tudo que Deus lhe deu com sabedoria e prudência. Para compreender o que viria a ser essa mordomia do corpo, consideremos o entendimento acerca do corpo para os assembleianos. Primeiramente, na dimensão material do corpo, relacionada à criação do corpo humano e a sua estrutura. Por conseguinte, na dimensão espiritual, temos um corpo segundo as Escrituras: do pecado, uma casa terrestre e sendo o templo do Espírito Santo, daí o zelo que devemos ter para com o corpo; mas também há os pecados contra o corpo que seriam

a prostituição, o adultério, a fornicação⁴¹, a homossexualidade e a transexualidade. Por fim, esse corpo, para o cristão, necessariamente precisa buscar a santificação, tornando-se um sacrifício vivo, santo e agradável para Deus – este seria o culto racional ofertado.

Para se pensar as representações e os corpos femininos enquanto abjetos, discutiremos nesse momento os usos e costumes assembleianos.

Sobre o corpo enquanto objeto e alvo de poder, diz-nos Foucault (2014, p. 134) “ao corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam”. Estaria a Assembleia de Deus se utilizando dos corpos, em especial o das mulheres, como ferramenta de controle e adestramento social, pelos mais de cem anos de sua existência? Caso sim, de que maneira isso ocorreu, e em que ponto a Assembleia de Deus enfrenta “a rebeldia” daquelas que ousam questionar? De que modo as assembleianas corroboram com a reprodução da docilidade de seus corpos, tão bem fundamentada por Foucault na obra *Vigiar e Punir*? Entretanto, o que seria para Foucault um corpo dócil? Analisável e manipulável ao mesmo tempo? Para ele, “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2014, p. 134). Tal definição encontra ecos no perfil de uma mulher assembleiana, embora acreditemos que tais sujeitos também são multiformes em suas singularidades e de que a identidade assembleiana, por mais que tente padronizar tais corpos, ainda lida com as especificidades da subjetividade humana. Nesse ponto, defende Foucault que “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOUCAULT, 2014, p. 134).

Foucault busca interligar a docilidade dos corpos à sua utilidade prática para o coletivo de uma determinada comunidade. Segundo ele, “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de “disciplina” (FOUCAULT, 2014, p. 135). Para Foucault, disciplina são as “fórmulas gerais de dominação”: para os assembleianos não há necessidade de mantê-los sobre coerção sigilosa, pois este mesmo corpo precisa ser necessariamente obediente e útil. Quando um dos desses mecanismos não funciona corretamente, é de extrema necessidade a correção; não obtendo êxito, tem-se o extremo do descarte, seja

⁴¹ Relacionamento sexual entre solteiros.

literalmente pela desassociação, ou de maneira mais branda, a exemplo de tirar daquele fiel suas funções na igreja ou deixá-lo em “disciplina” para sua correção (nesse caso, eufemismo para a repressão pelo poder coercitivo que a igreja possui). Nesse sentido, quando há uma rachadura no seio da igreja que destoe dos dogmas estabelecidos, aquele que a perpetra deixa de ter utilidade.

Forma-se então uma política de coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. Os corpos humanos entram numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre os corpos dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis” (FOUCAULT, 2014, p. 135).

Para pensar nos aparelhos disciplinares que a igreja usa aos seus membros em forma de usos e costumes, faz-se necessário entender também de seu espaço disciplinar, uma vez que os “lugares determinados se definem para satisfazer não só a necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil” (FOUCAULT, 2014, p. 141). Enclausurar, nesse sentido, passa a ser o ato de manter sob seu domínio, para além dos corpos, todos os comportamentos coletivos e individuais; não apenas no espaço religioso, mas especialmente fora dele, no entre-lugar que permite à identidade assembleiana se expressar.

Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico (FOUCAULT, 2014, p. 140).

Portanto, para Foucault, a vigilância hierárquica se efetua a partir das sujeição e da utilização de seus processos: “o corpo se constitui como uma peça de uma máquina multissegmentar” (FOUCAULT, 2014, p. 162). A docilidade dos corpos passa a ser uma ferramenta de adestramento sociorreligiosa, em que as práticas rotineiras levantam forças profundas que se perpetuam por um longo período, no qual as mudanças ocorrem lentamente. O poder se sustenta no campo dos discursos, das imagens, das “verdades” maculadas pelo ser questionador.

3.4 Mulheres preletoras, memórias interrompidas

A logomarca da Assembleia de Deus em Pernambuco (IADPE) é apresentada a seguir pela necessidade de diferenciação de outras denominações assembleianas no Nordeste, como também em Pernambuco. Como já mencionado, a Assembleia de Deus passa em toda sua história por um processo de desvinculamento de membros, o que resulta em alguns casos em outras denominações. Para um preletor (a) não é permitido a pregação em outra denominação, a não ser que seja pertencente a uma outra Assembleia de Deus que esteja em comunhão com a de Pernambuco, no caso de outros Estados, ou que seja em uma de suas filiais ou congregações, no primeiro caso para cidades pernambucanas e no segundo para igrejas nos bairros.

Figura 11: Logomarca da Assembleia de Deus em Pernambuco



Fonte: Imagem da internet

A igreja Assembleia de Deus em Pernambuco possui poucas mulheres na função de pregadoras, uma vez que não se tem tantas mulheres que buscam enveredar por esse caminho. Existem vários fatores que corroboram para esse baixo percentual: desvalorização por parte dos obreiros e dos membros; falta de incentivo da liderança local; comodismo e falta de iniciativa. Porém, o fator que está entrelaçado a esta questão de fato será a própria representação identitária da mulher assembleiana - a submissão. Se por um lado vê-se as próprias mulheres decididas em não seguir o “caminho” da pregação e optando, muitas vezes, por outras funções na igreja, por outro lado as mulheres em sua maioria não questionam a autoridade constituída dos homens na instituição, porque se tem o entendimento de que é uma ordenação de Deus.

Ainda assim, há casos de mulheres preletoras. Para nossa análise separamos a atuação da “irmã” Sizely Brito como pregadora, trazida no próximo capítulo com maior enfoque. Desde já, em que consiste uma pregação, usaremos pois a definição de Alencar:

No pentecostalismo a forma e o conteúdo são performatizados. No pentecostalismo tradicional método de exposição da mensagem é bastante valorizado, tanto pelo pregador quanto pelo receptor. Os pregadores que não expressam emoções, ou não aprendem a simulá-las, tem pouca chance de sucesso nas igrejas. Nesta corrente religiosa a forma de pregação é emotiva, gesticulada, com impositação de voz (ALENCAR, 2015, p. 28).

A logomarca utilizada nas imagens, nos panfletos e nas divulgações da Assembleia de Deus servem para diferenciarmos as outras Assembleias, logo, as representações dadas em cada lugar que mesmo se assemelhando na estrutura da liturgia do culto possuem particularidades quanto aos Usos e Costumes.

Figura 12: Sizely pregando na Assembleia de Deus em Pernambuco



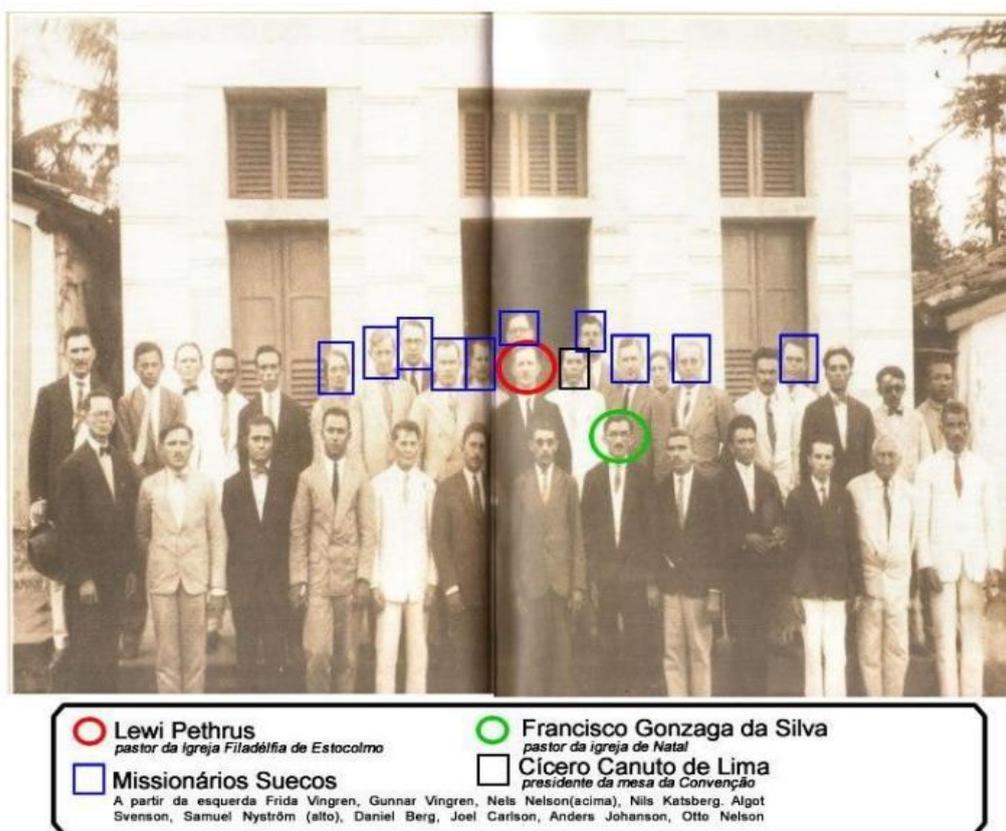
Fonte: Perfil oficial no FaceBook da Assembleia de Deus.

As escalas semanais de obreiros em Garanhuns- PE, que serão anexadas ao final desse texto, evidenciam a ausência de mulheres pregadoras, especialmente nos cultos de domingo, considerado o mais importante da semana. O que demonstra a carência de representatividade também nesse serviço ministerial que é a pregação, pois quando se tem a todo ano em cada Estado de Pernambuco Congressos de Mulheres é sabido e esperado que apenas os pastores ou evangelistas ministrem a pregação nos cultos à noite – ironicamente, sobre aspectos relacionados a vida das mulheres se tem a instrução, as palavras e as vivências de homens. Todavia, é permitido a algumas mulheres que preguem nos cultos diurnos dessas festividades.

Nesse primeiro momento trataremos, em poucas linhas, a história de Frida Vingren (1891-1940), uma missionária sueca que foi enviada para o Brasil pela Igreja Filadélfia, de Estocolmo, em 1917 com o objetivo de propagar a difusão do movimento pentecostal no Brasil a partir da igreja Assembleia de Deus estando no Brasil até 1932 quando retorna para Suécia com sua família.

Valéria Cristina Vilhena (2016) em sua tese “*Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida Frida Maria Stranberg (1891-1940)*” discute os mecanismos de poder dos homens em relação a atuação feminina no campo missionário como também no trabalho pioneiro das mulheres que por cerca de 80 anos teve um apagamento da história, neste caso basta percebermos que nas lições bíblicas dominicais pouco se fala sobre sua trajetória e do papel desempenhado por ela nos trabalhos sociais, nos serviços eclesiásticos, nas pregações, no ministério de ensino e, especialmente, na redação do jornal *Boa Semente* entre 1919-1930, na construção de hinos para a harpa cristã assembleiana, etc. Passando por um período de hibernação não só de estudos historiográficos, mas principalmente pelo processo de esquecimento por parte dos membros: falar de Gunnar Vingren e Daniel Berg é uma máxima na igreja, mas de Frida pouco ou quase nada se sabe.

Figura 13: Influência da igreja sueca sobre o movimento assembleiano no Brasil



Fonte: PAULA, 2013, p. 93 *apud* DANIEL, op.cit., p. 20-21

Nesta perspectiva a pesquisa também busca compreender “os mecanismos de poder que tem operado nas igrejas pentecostais brasileiras com relação à participação

das mulheres nas esferas de poder” (VILHENA, 2016, p. 12) que afetam diretamente o trabalho feminino, pois uma coisa é a não ordenação de mulheres como pastoras, todavia essa não é a problemática levantada na pesquisa, mas sim, buscar entender ou levantar as lacunas em aberto sobre a tomada de decisões que estão permeadas nas vivências cotidianas das mulheres assembleianas, no modelo de gerenciamento da liturgia dos cultos e da administração geral da instituição e das vozes femininas nos veículos de comunicação da Assembleia de Deus.

A cultura da substituição dos homens no gerenciamento dos cultos fora justificada desde o princípio ora pela enfermidade, ora por períodos de viagens, dando o tom necessário ao que hoje tornou-se, pelo método da repetição, um hábito naturalizado e rotineiro. A exemplo, temos a esposa de William Seymour, fundador do movimento pentecostal nos E.U.A, que na falta do marido utilizava o púlpito e que após sua morte, em 1922, liderou a igreja até 1931.

Excluída da Igreja Filadélfia e proibida de retornar ao Brasil após a morte de seu marido em 1932. Havia rumores vindo do Brasil sobre Frida de um possível caso extraconjugal de sua parte, à frente de tal rumorejo estava aquele que fez seu casamento com Gunnar Vingren três meses após sua chegada no Brasil: Samuel Nyström e o jovem Paulo Leivas Macalão, internada muitas vezes em hospitais psiquiátricos morre prematuramente na Suécia em 1940.

O que discute Vilhena em sua pesquisa são “as frequentes violências perpetradas na sociedade patriarcal e nas relações de poder das quais derivam a dominação, o poder de mando e a sua aceitação como algo natural, cuja pedra fundamental tem sido a obediência” (VILHENA, 2016, p. 13), onde o processo de dominação do poder foi se solidificando na cultura judaico-cristã a partir da sistematização doutrinária dos papéis estabelecidos por gênero à luz da Bíblia a tal ponto que haverá sempre uma justificativa plausível para cada costume imposto, para cada proibição as mulheres de exercerem determinados cargos de liderança e para cada tentativa de mudança.

Os trabalhos de cunho social para as mulheres sempre foram bem quistos pela cúpula masculina assembleiana. Quando Frida chega ao Brasil e percebe esse choque entre a liderança brasileira e a sueca, é admoestada para os trabalhos sociais, de início dirigida para as crianças e as mulheres da comunidade, o que torna perceptível a cultura assembleiana nos dias atuais dos lugares de atuação por gênero sendo estabelecida, ainda que houvessem objeções, para Vilhena “dentro do campo de

atuação de Frida ela põe em xeque as relações de poder e dominação vigentes ao divergir e desafiar o poder dominante do movimento pentecostal brasileiro” (VILHENA, 2016, p. 29).

O jornal era um dos principais veículos de comunicação e propagação da doutrina pentecostal, assim como um instrumento de poder para os que o publicavam. Frida começa a inquietar a instituição no momento em que se torna na prática⁴² redatora do jornal *Boa Semente* (1919-1930), pois sua posição no jornal levantara a questão da atuação feminina na instituição, o que seria permitido ou não as mulheres exercerem. Semelhantemente após a ida da família Vingren para o Rio de Janeiro houve a criação do jornal *O Som Alegre* que esteve em circulação entre os anos 1929 a 1930 e que tinha como diretor Gunnar Vingren, novamente na prática era Frida a redatora e dirigente enquanto o marido viajava em missão, o que acontecia com bastante frequência.

Devido as discussões entre Samuel e Frida, os jornais *Boa Semente* (Belém) e *Som Alegre* (Rio de Janeiro) se fundiram, dando início a um novo jornal que circula até os dias de hoje: *O Mensageiro da Paz*; assim como a primeira Convenção, já mencionada nessa pesquisa, que definiu a atuação feminina na igreja e a liderança masculina. Vilhena, ao mostrar os artigos publicados por Frida a cada edição do *Jornal Mensageiro da Paz*, traz em xeque a luta de Frida pela igualdade e participação nos trabalhos eclesialístico, mas também mostra uma mulher de seu tempo, com a moralidade da época, o uso das palavras como redatora em prol do trabalho feminino na igreja, o método comparativo que ela fazia enquanto informava as pessoas dos acontecimentos do Brasil e do mundo com o campo religioso, em especial para a escatologia bíblica, marcam suas estratégias de negociação, de fala e de violência. Para Vilhena, “Frida, de início, tentou fazer do jornal seu meio de luta; conclamou as outras mulheres, mas foi veementemente impedida” (VILHENA, 2017, p. 114).

As circunstâncias e o contexto sócio-político e econômico em que Frida se encontrava têm como pano de fundo:

O período da Borracha; a Belle Époque; o surgimento dos movimentos feministas quando se iniciou em nosso País as lutas pelas causas feministas; bem como os impactos da 1ª Guerra Mundial, principalmente sobre a Suécia; e do início do pentecostalismo no Brasil, o que é compreendido como o início das igrejas Assembleias de Deus (VILHENA, 2016, p. 30).

⁴² Os dirigentes oficiais eram Gunnar Vingren e Samuel Nyström.

Lideranças femininas na história do pentecostalismo marcam a trajetória de muitas mulheres pioneiras no movimento pentecostal. A raiz pentecostal moderna também teve a contribuição feminina⁴³ em larga escala para que o movimento pentecostal ganhasse forma e notoriedade, ainda que “os homens, incluindo os pentecostais, contaram a história à luz do patriarcado do pentecostalismo” (VILHENA, 2016, p. 53). Desse modo, é preciso entender as práticas discursivas das igrejas que estão imbricadas nas práticas rotineiras não somente do espaço eclesial, mas também em todas as expressões da cultura assembleiana nos espaços de trabalho, de estudo, familiar, etc., que apresentam em particular a identidade assembleiana.

Segundo Vilhena, as mulheres “são invisibilizadas nos relatos oficiais de suas denominações trazendo como resultado a experiência do apagamento da memória de muitas mulheres evangélicas até os dias de hoje” (VILHENA, 2016, p. 14).

⁴³ Pioneiras no movimento pentecostal nos E.U.A entre tantas outras: “Carrie Judd Montgomery que foi evangelista de cura divina de considerável prestígio, desde 1879. Ela foi membro fundadora, junto com A. B. Simpson, da Christian and Missionary Alliance, em 1887. Mais tarde, ela ingressou no avivamento pentecostal e foi ordenada pastora pelas Assembleias de Deus, em 1917, continuando no ministério até 1946. Maria B. Woodworth-Etter era envolvida no movimento da Santidade, antes de destacar-se como uma líder pentecostal. Em 1884, ela foi autorizada a pregar pela Convenção Geral das Igrejas de Deus fundada por John Winebrenner, em 1825. Dentro de poucos meses, seus cultos começaram a receber a cobertura da imprensa nacional. Por volta de 1880, ela havia aberto doze igrejas, alcançando mil membros, construído seis templos, iniciado várias escolas dominicais, e foi fundamental no surgimento de doze novos pregadores. Os avivamentos liderados por ela eram acompanhados de muitas curas, manifestações incomuns e conversões em massa. Figura importante durante o início do Movimento Pentecostal nos EUA, Woodworth-Etter tornou-se a oradora oficial do Acampamento Pentecostal Internacional de Arroyo Seco, Califórnia, em abril de 1913. Fundou o Woodworth-Etter Tabernacle em 1918, e o pastoreou até sua morte em 1924” (VILHENA, 2016, p.58 *apud* MELLO, 2010, p.29-30).

4 AS EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS DA MULHER PERNAMBUCANA ASSEMBLEIANA NA PÓS-MODERNIDADE

A sociedade pernambucana e a cultura evangélica assembleiana andam de lado a lado, e para se pensar nos entrelaçamentos dessa relação, podemos exemplificar o uso de calças cumpridas pelas mulheres assembleianas, que por cerca de dez anos tem se tornado cada vez mais rotineiro para o trabalho, visto que ao ser introduzido na cultura e enquanto vestimenta apropriada, principalmente para o trabalho, a Assembleia de Deus tornou-se mais flexível em Pernambuco, mesmo sendo tardio em relação aos demais Estados brasileiros. Desse modo, a apropriação cultural foi notória, uma vez que as mulheres assembleianas também estão inseridas no mundo do trabalho, da globalização, do capitalismo e conseqüentemente da pós-modernidade, mesmo sendo o seu uso utilizado com adaptações às mulheres assembleianas da IEADPE que possuem lugares específicos para sua permissão, tais como trabalho e escola.

Segundo Wesley de Paula, em sua dissertação intitulada “*Assembléia de Deus avante vai!?*”: transformações e tensões na construção da identidade da Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Brasil (1911-1980), em linhas gerais, para ele, os elementos de mudança no interior dessas igrejas ocorrem a partir dos conflitos existentes que trazem consigo as táticas e estratégias de poder, que por sua vez são aplicadas por meio das técnicas disciplinares e pastorais. Entendemos que toda técnica disciplinar também é pastoral, para que se possa ter legitimidade no seio eclesiástico. Nessa perspectiva concordamos com o autor quando diz que “a identidade assembleiana se constrói permeada de conflitos, dissidências e tensões” (DE PAULA, 2013, p. 06).

O autor, seguindo o pensamento de Freston (2006), indica que a historiografia padeceu de fontes escritas sobre as igrejas pentecostais, mas que devido as produções da CPAD, que vem trazendo um grande acervo para os pesquisadores com suas publicações, aumentam as possibilidades de pesquisa. Para Wesley de Paula, os agentes internos, fiéis-líderes que produzem pesquisa sobre as Assembleias de Deus, devem ser levados com muita criticidade, problematizando sempre que possível o viés desenvolvido por esses autores, já que partem também do lugar de produção do

próprio pesquisador. Diante disso, ele questiona as poucas pesquisas acadêmicas realizadas na área, e para isso também esclarece que:

Devemos compreender que estas fontes procuram constituir a realidade do movimento que analisamos, mas são interpretações, conclusões, abordagens das construções e reconstruções do movimento, empreendidas pelos próprios agentes internos (fiéis-líderes). Devemos articular as abordagens sobre tais documentos (DE PAULA, 2013, p. 15).

Para a sua pesquisa, o autor utiliza algumas obras difundidas na comunidade assembleiana, que são frequentemente apreciadas por pesquisadores, tais como: *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus* (2004), escrito por Silas Daniel entre outros livros de sua autoria e a obra *100 anos que marcaram a história da Assembleia de Deus no Brasil* (2016), escrito por Israel Araújo (historiador considerado oficial das Assembleias de Deus). Vale frisar que todos os autores citados são pastores da Assembleia de Deus e que possuem cargos de destaque no setor administrativo das Assembleias de Deus. Ao primeiro, como editor chefe de departamento de jornalismo da CPAD. Ao segundo, chefe do Centro de Pesquisa de Estudos do Movimento Pentecostal (CEMP).

Nesse caso, o que nos faz refletir é que, mais uma vez, a escrita feminina também se torna pouco conhecida frente à masculina, por ser também a escrita pastoral, a sabedoria e a experiência profissional de homens que seriam “consagrados” a Deus e que naturalmente possuem a fala. Desse modo, entendemos que parte das táticas e estratégias de poder são exercidos principalmente devido à função pastoral que exercem. Nos indagamos novamente, onde estão as escritas femininas? estariam elas na escrita das esposas dos pastores que também possuem poder e influência no meio, como os textos produzidos pela irmã Judith Alves, esposa do pastor presidente Ailton José Alves, em Pernambuco? É preciso estar em uma posição de hierarquia eclesiástica para produção de textos escritos na Assembleia de Deus? Ou diante dessa preposição, os homens já possuem os privilégios para cargos importantes na igreja, simplesmente por serem homens, enquanto as mulheres necessitam da permissão e validação masculina em todo trabalho que executam nas Assembleias de Deus?

Se partimos do pressuposto foucaultiano abordado por Wesley de Paula, a partir da obra *Microfísica do poder* (2004), em que para ele “o poder é uma relação de forças, ou melhor, toda relação de forças é uma relação de poder” (DE PAULA, 2013,

p. 25), as mulheres assembleiana ao longo do percurso discutido até agora estão em desvantagem, na medida em que as estratégias de manutenção desse poder eclesial persistem nas mãos de quem foi “instituído por Deus como cabeça da mulher”. Segundo ele,

As táticas de poder se reinventam, se deslocam para outros segmentos, tornando os outrora dominados, dominadores em potencial. O poder não é algo estático e acrítico, existem reações ao exercício do poder, reações estas que tem por objetivo o deslocamento do poder (DE PAULA, 2013, p. 34).

Muitas das estratégias de manutenção desse poder podem ser pensadas, por exemplo, com o Congresso de Mulheres da Assembleia de Deus em Pernambuco, posto que, de acordo com subsídios bíblicos, a pregação de todas as noites de congresso são feitas por homens com direcionamento para as mulheres, podendo estes serem presbíteros, missionários, evangelistas ou, na grande maioria, pastores. Diante desse cenário, observamos as limitações impostas às mulheres assembleianas. Por outro lado, segundo Sizely Brito, uma de nossas entrevistadas, as mulheres não desejam em sua grande maioria tais posições de poder. Para ela, e baseado em sua experiência religiosa, o poder que elas exercem na igreja é espiritual e, de certa forma, há satisfação pessoal nessa atividade, uma vez que contribuem para o “reino de Deus”. Nessa prerrogativa, entendemos que, segundo o posicionamento de Sizely, as mulheres não possuem desejo de alcançar alguma posição de liderança e de poder terreno na instituição, ficando esses a cargo dos homens. Em suas palavras, diz ela:

Eu acredito que essa questão de espaço de poder, eu acredito que elas atuam muito forte mesmo, eu acho que a grande âncora da igreja é na intercessão, na oração das mulheres, você não vai encontrar em nenhuma Igreja Assembleia de Deus um número tão forte de intercessoras como as mulheres, você não vai encontrar homens intercessores como você encontra mulheres, então é, vamos dizer assim, uma posição de poder, não de poder de status, mas de poder, tipo assim, a importância desse trabalho é muito grande e a mulher tem mesmo, até porque ela tem mais aptidão, ela se entrega mais, ela intercede mais, ela ora mais, ela vai mais, então é sim, agora se você for falar a questão de poder de liderança, liderar, eu acredito que se você for ver a tua dificuldade de encontrar é porque no meio das mulheres assembleianas elas não tem essa busca, tu estás entendendo? elas não têm essa busca de querer essa posição de liderar, de querer liderar, elas querem fazer, servir, prestar, tá entendendo? se doar, aí não tem, se você for ver, eu digo sem medo, a maioria delas não querem essa posição, não porque vai ver a cultura, o ensinamento, a estrutura, tudo isso, mas também não existe essa ambição em querer, ela se contenta em ter essa posição de tá ali ajudando na intercessão, ajudando, ensinando a jovens, ensinando a outras mulheres, isso é satisfatório e a recompensa que elas recebem em ver o retorno do que Deus está fazendo através do

trabalho que elas estão exercendo recompensa qualquer posição de poderio dentro da igreja (BRITO, 2023. Informação verbal).

Por outro ângulo, as táticas e estratégias de poder não são visualmente analisadas ou discutidas pelas mulheres assembleianas, pois nem sempre são vistas nessa perspectiva. Vejamos novamente o exemplo do Congresso de Mulheres da IEADPE, onde a pregação nunca é ministrada por uma mulher, ainda que a temática escolhida por elas e para elas seja ensinada pelos homens na forma do pastor.

Na figura de número 14, temos o pastor convidado, André de Alencar, da filial de Santa Cruz do Capibaribe - PE. Atrás dele temos a cúpula de obreiros, onde apenas homens podem se sentar. Normalmente, por se tratar da igreja Sede da filial de Garanhuns, sentam-se apenas dirigentes de congregação, evangelistas e pastores, a hierarquia também é para os obreiros. Todavia, mesmo que uma mulher seja a preletora da noite de um culto durante a semana nas congregações, o que já é raro, ela não se senta no púlpito, que dirá na Sede. Na estrutura das igrejas assembleianas, o púlpito fica em cima de um ou dois degraus demonstrando superioridade. Esta masculina, visto que nas ausências dessa imagem, podemos inferir o papel secundário em que as mulheres assembleianas são submetidas.

Figura 14: Pr. André de Alencar ministrando a palavra no segundo dia do 15º Congresso das Mulheres, em Garanhuns - 2022



Fonte: Instagram IEADPE-Garanhuns

Na figura de número 15, temos as assembleianas no 15ª Congresso de Mulheres da IEADPE, filial de Garanhuns, no ano de 2022, cujo tema foi *Mulheres Cristãs cheias do Espírito Santo aguardando o noivo*, realizado entre os dias 25 e 26 de novembro. A esquerda, temos algumas mulheres que fizeram parte do congresso com as mãos levantadas em adoração a Deus, prática recorrente nos cultos evangélicos, na

direita, temos a irmã Isabel Chalegra, cantora e bastante conhecida em Garanhuns tendo se apresentado em muitos outros eventos que não se restringem apenas a IEADPE, como por exemplo *Os encantos do Natal*, o *Viva Jesus*, em *casamentos comunitários* e o *Festival de Inverno de Garanhuns - polo gospel*, diz ela “não importa o lugar, nem as condições, importa adoração a Deus”⁴⁴, vale salientar que ela vem atuando de maneira significativa na cidade como conselheira tutelar, tendo um saldo de 895 votos, casada com o então vereador Salvador Silva.

Figura 15: 15ª Congresso de Mulheres IEADPE 2022



Fonte: Instagram IEADPE - Garanhuns

Em seguida temos registros do 16ª Congresso de Mulheres que ocorreu em 2023, em Garanhuns - PE, entre os dias 24 e 25 de novembro, o coral foi composto com cerca de 400 mulheres, e em sua programação estiveram no louvor as cantoras convidadas: Tamires Nascimento e Melquênia Paula, vindas do Recife. E na ministração o pr. Henrique Agnes, filial do Recife e o pr. Albérico Inácio, pastor local. Essa relação de mulheres no louvor e homens com a Palavra permeia por todas as filiais da Assembleia de Deus em Pernambuco, sendo esse apenas um dos exemplos de programação, pois semelhantemente ocorre nos congressos de adolescentes e jovens.

Na figura abaixo, temos a esquerda algumas mulheres no púlpito representando o Coral de Mulheres e a irmã Judite Alves, que também é a coordenadora geral dos Círculos de Orações em Pernambuco e a direita temos o Coral de Mulheres louvando a Deus.

⁴⁴ Informação retirada das redes sociais da irmã Isabel Chalegra em seu perfil do *Instagram* em 27/11/2023.

Figura 16: 16ª Congresso de Mulheres IEAPE 2023

Fonte: Instragram IEADPE - Garanhuns

A expressão “vamos ouvir a PALAVRA”, é utilizada no cotidiano dos assembleianos para designar o momento da pregação, usaremos abaixo o significado da própria PALAVRA a partir do Dicionário de Filosofia.

PALAVRA (lat. *Verbum*- in. *Word*; fr. *Parole*, ai. *Wort*; it. *Parola*). 1. Segundo a distinção feita por Saussure entre P., *língua(w)* e *linguagem(v.)*, a P. seria a manifestação lingüística do indivíduo. Diferentemente da língua, que é uma função social, registrada passivamente pelo indivíduo, a P. é "o ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir:

1ª as combinações nas quais o falante utiliza o código da língua para exprimir seu pensamento pessoal; 2 "o mecanismo psicológico que lhe permite exteriorizar essas combinações" (*Cours de linguistique générale*, 1916, p. 31), *apud* ABBAGNANO, 2007, p. 740.

Entendendo a palavra como articula Saussure enquanto manifestação do indivíduo, ato individual que expressa a vontade e inteligência do falante para externar seu pensamento particular por meio de mecanismos, fica evidente que as mulheres assembleianas uma vez introduzidas como maioria nas atividades que envolvem a adoração e o louvor, a palavra torna-se mais uma vez uma das estratégias de sustentação do binarismo entre homem/mulher que imperam na cultura assembleiana, já que sabendo que as palavras exprimem os pensamentos dos falantes e que naturalmente os homens as detém, o esforço de algumas mulheres em transpor os silêncios, os ditos masculinos e os não-ditos femininos ecoam sutilmente nos púlpitos das congregações, se a palavra e a fala feminina ainda estão gatinhando como um bebê em seus primeiros movimentos para, enfim começar a dar pequenos passos e caminhar sozinha, as mulheres assembleianas enfrentam um cenário de grandes

desafios, e é preciso coragem, coragem essa que poucas tem como antes dito por Sizely Brito, em que “a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas” (PERROT, 2007, p. 17), somente a tomada de consciência em um primeiro momento fará com que haja o rompimento do silêncio, por enquanto “das mulheres, muito se fala. Sem parar, de maneira obsessiva. Para dizer o que elas são ou o que elas deveriam fazer” (PERROT, 2007, p. 22), parafraseando Perrot, das mulheres assembleianas, muito se falam. Sem parar, incansavelmente. Para dizer o que elas são ou o que elas deveriam fazer, nos púlpitos, nos ensaios, nos cultos, nas canções, nos jograis, nas reuniões, nas multidões, nas rodas de conversa, no quarto, nas Escolas Bíblicas Dominical, no evangelismo, nas vigílias, nas orações, ou seja, na PALAVRA, e em nome dessa palavra que é chamada de “A PALAVRA DE DEUS”, tem-se todo tipo de relato, inclusive das mulheres, por elas e para elas, difundidas nos papéis estabelecidos, ditados nos *scripts* dos usos e costumes e na “sã doutrina”.

O que podemos argumentar ainda sobre o papel preponderante dos homens enquanto pregadores está no Culto das Mulheres que ocorre mensalmente, nesse culto em particular, as mulheres podem fazer a leitura da palavra, assim como dar a PALAVRA quando há quem a faça, nesse sentido, existe a permissão do pastor. Toda essa lógica que fazem parte da liturgia do culto são apresentadas como rotineiras, como práticas do lugar de produção. Nas palavras de Sizely Brito

Em relação à leitura da palavra, quantas mulheres fazem a leitura oficial?

Hoje em dia já se faz principalmente quando é o trabalho culto alusivo as mulheres. Tem muitas delas que tem o culto mensal, um culto mensal que é dirigido por mulheres, então nesse culto as mulheres fazem a leitura oficial, elas ministram louvor, elas ministram a palavra, nesse culto específico, que muitos delas é um domingo a cada mês, tá entendendo? mas nos outros cultos, um culto de jovens, culto geral de adoração e tal, aí ficam a cargo do ministério, tipo pastores, evangelistas e tal, mas já tem um espaço, eu tô falando no geral, as Assembleias de Deus no geral, tem aquelas mais tradicionais, mais rígidas que leitura oficial as mulheres não fazem.

A Assembleia de Deus em Pernambuco?

A leitura oficial, não! leitura oficial, só o pastor ou presbítero, ou o diácono, alguém do ministério que foi ordenado para esse serviço (BRITO, 2023. Informação verbal).

Quando observada os discursos individuais das mulheres assembleianas identificamos não apenas a fala coletiva dos membros assembleianos, mas a própria

identidade do sujeito que ao professar sua fé e os valores que fundamentam sua crença, constata também a realidade que se apresentam, as apropriações e suas representações, portanto surgem a partir das práticas religiosas que carregam em si as percepções que os sujeitos coletivamente transmitem enquanto significantes da leitura que fazem do mundo.

O sistema cultural religioso pentecostal insere-se na identidade coletiva dos sujeitos que ali compartilham de um conjunto de categorias simbólicas e representativa, além da discursividade em relação a postura que a igreja opta por seguir, principalmente em relação aos usos e costumes e a quem se pretende atingir, diante dessa prerrogativa, “as identidades, como todos os fenômenos culturais, são artefatos sempre construídos e, portanto, dinâmicos, o que significa que estão em permanente construção e reconstrução” (DE PAULA, 2013, p. 196).

Para a consolidação da identidade assembleiana e seu respectivo reconhecimento e pertencimento dos demais membros, houveram mudanças lentas e significativas ao longo desses mais de cem anos de História assembleiana, gerações que reproduzem os ensinamentos passados pelas anciãs já não são seguidas a risca, entretanto, as mulheres mais jovens encontram maneiras sutis de terem o controle de seus corpos: adentrando ao ensino superior e no mercado de trabalho, possuindo sua independência financeira e realizando sonhos pessoais que não são necessariamente casamentos e filhos, em relação ao corpo vemos uma pintura e um corte no cabelo, na moda, maquiagem, no *designer* de sobancelhas, na ida à academia, nos lugares que saem para se divertir, entre outros exemplos que são acompanhados dos pequenos detalhes e às mutações nas identidades individuais, trazidas a partir do que as mulheres assembleianas estão tendo acesso principalmente nas redes sociais e nos espaços que estão alcançando, pois,

[...] as identidades se constroem e se reconstroem o tempo todo, de acordo com a presença de poderes atuando sobre os sujeitos ou grupos sociais ou mesmo em conformidade com as ações empreendidas pelos sujeitos por eles mesmos sobre si” (DE PAULA, 2013, p. 196).

A título de comparação temos a Assembleia de Deus Jardim Iguatemi (AL) que se diferencia da Assembleia de Deus em PE em se tratando da vestimenta feminina pontuando um discurso de livre escolha da fiel sobre o traje que irá usar, mas que o

Espírito Santo ensina o modo como elas devem se vestir, desse modo, a mulher que segue os princípios bíblicos é guiado pelo Espírito Santo, mas que por outro lado, não há documento escrito na Jardim Iguatemi ditando que essas mulheres não podem usar calças cumpridas como nos usos e costumes assembleianos que é um documento normativo e que atende a grande maioria das Assembleias de Deus no Brasil.

A pesquisadora quando membro da IEADPE - Garanhuns, foi retirada da sua função de professora dos adolescentes da Escola Dominical, segundo eles “por trazer ideias perigosas na mente dos mais jovens” e por defender a escolha das mulheres em qual vestimenta usar a partir da sensibilidade a voz do Espírito e Santo e pelo próprio gosto por roupas elegantes e modestas e não como ensinado pelos obreiros que “as mulheres poderiam levar os irmãos a pecarem pela roupa que usavam”, esse discurso que não é escrito, mas atuante no meio assembleiano contribui para o discurso que legitima muitas situações de vulnerabilidade e violências contra a mulher na sociedade brasileira. A pergunta que fazemos é? será a cultura patriarcal heteronormativa que adentra na igreja para que tais obreiros transmitam esse tipo de discurso, ou esses homens não estão isentos dessa cultura, mas se utilizam dela e dos subsídios bíblicos para a manutenção do machismo estrutural que persiste na sociedade?

Carla Bassanezi Pinsky em *Imagens e Representações*, na obra *Nova História das Mulheres* (2016), discute a era dos modelos rígidos e dos modelos flexíveis, nesse caso, a era dos modelos rígidos de comportamento feminino, entre o início do século XX até 1960 e o de maior fluidez a começar em meados de 1960 até os dias atuais. Para ela, “é importante conhecer as representações que prevalecem em cada época, pois elas têm a capacidade de influenciar os modos de ser, agir e sentir das pessoas, os espaços que elas ocupam na sociedade e as escolhas de vida que fazem (PINSKY, 2016, p. 470).

No caso das assembleianas da IEADPE encontramos um modelo de maior rigidez em relação as demais denominações, fato esse já discutido anteriormente, mas que também contribuem para o estudo das mudanças nas imagens femininas que foram e são construídas na sociedade, nisso “um grande esforço teve de ser feito no sentido de enquadrar, por meio de normas, as condutas femininas, demarcar o “lugar da mulher” e definir claramente que tipo de mulher seria alvo de respeito social”

(PINSKY, 2016, p. 472), dos vários setores da sociedade que uniam-se em único coro uníssono, o religioso ainda se sobressai até os dias de hoje, dando a essas mulheres o mesmo ideal de mulher que outrora foi definido como comportamento aceitável para as “moças de família”.

4.1 As narrativas dissonantes

O poder simbólico que já vem sendo discutido ao longo dessa dissertação está intimamente ligado ao controle social dos sujeitos por uma relação de forças e dominação. E para tanto aponta Sandra Pesavento, a atuação desses poderes na vida das pessoas que são historicamente datados.

Aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças. Implica que esse grupo vai impor a sua maneira de dar a ver o mundo, de estabelecer classificações e divisões, de propor valores e normas, que orientam o gosto e a percepção, que definem limites e autorizam os comportamentos e os papéis sociais (PESAVENTO, 2004, p. 41-42).

Os mitos e as crenças que fazem parte do imaginário e das representações coletivas estão intrínsecos ao poder simbólico que segundo Pesavento “constroem identidades dotadas de poder simbólico de coesão social” (2004, p. 75). Nessa perspectiva, busca-se entender as representações não somente coletivas, mas também as individuais pelas quais os sujeitos assembleianos constroem o seu mundo particular de significações.

Natália Moraes é uma de nossas entrevistadas e atualmente está com vinte e sete anos, professora de Matemática, mestre e doutoranda em Biometria e Estatística Aplicada, é natural de Jupi-PE e recentemente reside em Garanhuns-PE, solteira e mulher assembleiana desde que os pais se converteram ao evangelho quando tinha quatro anos de idade. Abaixo traremos na íntegra alguns dos questionamentos que foram feitos a ela.

Na sua opinião, quais são os desafios que a mulher assembleiana enfrenta para a permanência nessa instituição?

Todas as regras que precisamos seguir. Interferem nas vestes que vamos escolher, como devemos nos comportar, com quais pessoas nos relacionar. Nos limitam.

O que você acha dos usos e costumes assembleianos em relação as mulheres?

São um conjunto de regras impostas para limitá-las. O objetivo é mantê-las sob controle, com a justificativa de que só agindo assim poderão agradar a Deus.

O que você acha da atuação feminina na Assembleia de Deus?

Ocupam sempre os sub cargos. São tratadas de maneira desigual com relação aos homens, como se não fossem dignas ou capazes de exercerem a mesma função que eles.

Sobre a divisão administrativa e eclesiástica em relação aos trabalhos desenvolvidos pelos homens e pelas mulheres na igreja, qual seu posicionamento?

É machista. As mulheres ficam sempre abaixo dos homens, tratadas como se a sua função fosse somente servi-los.

Sobre as decisões no que compete a Assembleia de Deus, as mulheres são consultadas, ouvidas? Você acredita que as mulheres tem vozes principalmente sobre aspectos que estão diretamente relacionadas a elas?

Não, são apenas comunicadas a respeito do que os homens, que são os líderes, decidiram. Não têm voz nenhuma, e se, por acaso, alguma tentar se fazer ser ouvida, acaba sendo silenciada pelas outras mulheres que, acostumadas, reproduzem comportamentos machistas.

Você já exerceu ou exerce alguma função na igreja?

Sim. Já fui professora das crianças na escolinha dominical e vice secretária do conjunto de jovens.

Quais mudanças mais latentes você consegue visualizar sobre as mulheres assembleianas a partir dessas duas últimas décadas?

A introdução de costumes tais como usar o cabelo mais curto, pintá-los, esmaltar as unhas. Mulheres missionárias, apesar de ser um número consideravelmente pequeno com relação aos homens.

Sobre os corpos femininos assembleianos, o que você tem a nos dizer?

São objetificados, tentação para os homens. Assim devem ser cobertos, escondidos como se fossem o próprio pecado.

Em sua perspectiva, os usos e costumes podem ser utilizadas como ferramenta de opressão ou podem também serem utilizados como um instrumento de modelo a ser seguido?

Sim, esses usos e costumes são uma forma de controlar os fiéis, de decidir como eles irão se comportar e puní-los caso ajam de uma forma diferente do que está determinado.

A mulher no mercado de trabalho tem influenciado de que maneira na mentalidade assembleiana?

As mulheres mais jovens têm ido pra fora construindo sua carreira profissional, conquistado o seu lugar de destaque, exercido profissões e ocupado cargos importantes, indo de encontro aos costumes assembleianos que limitam a mulher a dona de casa, responsável por limpar, cozinhar e cuidar dos filhos.

O que é ficar em “disciplina”? Quais relatos você poderia trazer?

Não poder participar da Santa Ceia por determinado tempo por algo que você cometeu que é considerado pecado. Ir contra as “regras” da igreja, a exemplo, dançar, ter um relacionamento com alguém de outra denominação, usar uma roupa que não está de acordo com o que é imposto pela igreja, entre outros.

Disciplina é punir?

Mais que punir, é expor a pessoa a uma situação de humilhação.

Sobre as Lições Bíblicas, você consegue enxergar a atuação das mulheres de que maneira?

Raras as vezes em que uma lição bíblica trouxe uma figura feminina como destaque. Isso, pra mim, evidencia ainda mais o machismo que impera dentro da instituição Assembleia de Deus.

As mulheres assembleianas possuem apoio da instituição caso desejem ingressar na carreira política?

Jamais. Seria um absurdo uma mulher crente, da igreja Assembleia de Deus envolvida em política.

Caso haja em sua percepção, em que ponto você considera que as mulheres são vigiadas e/controladas?

As mulheres estão sob vigilância o tempo inteiro, e o que é pior, na minha opinião, são vigiadas por outras mulheres, que ao invés de acolherem apontam o dedo e se acham no direito de condená-las.

O que você tem a nos dizer sobre a atuação das mulheres nos Círculos de Orações?

Já que as mulheres não podem ocupar os cargos importantes, o Círculo de Oração é como se fosse um prêmio de consolação. Lá as mulheres podem fazer coisas que em cultos normais não poderiam, como dirigir o culto e dá a palavra, desde que nenhum homem esteja presente, porque se estiver, quem fará isso será ele.

O embasamento bíblico frequentemente utilizado para a ordenação das funções administrativas e eclesiásticas para as mulheres nas igrejas é: “E disse o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele” Gênesis, 2:18. Para você o que é ser adjutora para as mulheres assembleianas?

É ser uma ajudante, estar submissa ao homem fazendo as atividades que ele lhe designar. Satisfazendo-o (MORAES, 2024. Informação verbal).

Na entrevista com Natália Moraes, as perguntas foram direcionadas para o que já está em discussão ao longo dessa pesquisa, tais como os usos e costumes, a atuação feminina e masculina dentro da igreja, o corpo das mulheres assembleianas - disciplina e vigilância, família, trabalho, mulheres na política e a escrita feminina nas Lições Bíblicas.

Para se pensar nos desafios contemporâneos que as mulheres assembleianas passam, a entrevistada salienta que as regras impostas as mulheres são a maior dificuldade à permanência, visto que tais regras são limitadoras, acrescentando que os usos e costumes fazem parte do controle social a qual elas pertencem. Por outro, em relação a atuação feminina na igreja diz ela que são sub cargos, que nesse sentido também foram permitidos, cedidos as mulheres como no caso dos Círculos de Oração em que ela chama de um “prêmio de consolação” dada as mulheres e que por conseguinte contribui na desigualdade que existe na igreja, pois as mulheres não podem exercer as mesmas funções que os homens e que também reverberam o machismo atuando dentro da igreja, dado que as mulheres desempenham o papel de servir a eles, nesse sentido, para essas mulheres servir aos homens é servir a Deus?

Mas adiante, demonstra ela o fato de que as mulheres também são reprodutoras de machismo, já que em tentativas de questionamento sobre as decisões pastorais, essas mulheres são silenciadas também por outras mulheres que normalmente exercem alguma liderança, seja de adolescentes, jovens, mulheres e etc., esclarece ela que em sua visão, as mulheres são comunicadas, ao invés de serem consultadas a respeito das decisões administrativas e eclesiásticas, posto que não existe o voto feminino ou a participação efetiva de mulheres nas reuniões de obreiros, a exemplos de poucos casos, tal como a irmã⁴⁵ Sizely Brito que já foi convidada para participar de algumas ocasiões. Nesse ponto, vejamos um trecho da entrevista com Sizely Brito

Sobre as decisões no que compete a Assembleia de Deus, as mulheres são consultadas, ouvidas na sua opinião? e você acredita que as mulheres têm vozes principalmente sobre aspectos que estão diretamente relacionados a elas?

Falar no aspecto Geral do Brasil, sim! tá crescendo a força e o espaço para mulher opinar, falar, não é, mas se eu olhar em alguns ministérios isso ainda é muito, muito restrito e em outros casos em outras situações até descartada.

Você já participou de alguma reunião de obreiros como convidada?

Já!

Como foi?

Foi bom e foi um pouquinho diferente porque eu falo, né. Eu acho que isso é uma coisa que eu tenho desde criança porque fui criada em um lar que os meus pais sempre deixaram eu falar, então eu não tenho dificuldade de falar, de expor o que vejo, o que penso, né, o que concordo, o que discordo, então nas vezes que eu fui convidada era dado espaço e nos espaços que era dado o assunto que tava a mesa se falava, dava a opinião, da visão nossa, porque a visão e a opinião feminina vai ser sempre um ponto de luz diferente da visão masculina, não é, porque a gente tá vendo a mesma situação, a mesma história, só que o olhar feminino é diferente, isso é fato, então foi boa a experiência, foi boa até também para colocar o que a gente tá ali no trabalho, as mulheres, nós estávamos ali trabalhando e muitos trabalhos que só tinha mulheres não tinha homens, acontecia algum fato que ia para a mesa da reunião e aí colocada apenas com os irmãos que não estavam ali e a gente estando nessa reunião aí abriu o leque para que a gente contasse o fato e como foi que aconteceu e aí é muito importante isso sim, muito importante, apesar que muitas vezes na mesa, o outro lado não queria ouvir a opinião nossa porque divergia da outra opinião, mas que foi uma experiência boa foi, porque eu tive a oportunidade de falar coisas que eu não podia falar fora daquela reunião.

⁴⁵ Usaremos o termo “irmã” ao nos referirmos as mulheres assembleianas, visto que essa é a forma como gostam de serem chamadas.

É raro disso acontecer?

Cada dia mais raro! dentro do ministério, mas no geral, tá como diz assim, se envolver a área que a gente atua existe espaço, existe espaço sim, mas eu acredito que a tua dificuldade de encontrar gente para tua entrevista é porque nas reuniões poucas mulheres estão, poucas mulheres conseguem falar e pouquíssimas tem coragem de falar (BRITO, 2023, Informação verbal).

Sizely Brito possui uma vasta experiência nas Assembleias de Deus como preleitora e missionária, sua atuação expande o nosso olhar acerca da atuação feminina na IEADPE assim como nas Assembleias de Deus no Brasil, por ser convidada para pregar em muitos lugares e denominações diferentes, semelhantemente a irmão Zezé também tem conhecimento de como as outras denominações lidam com a atuação feminina por ser também pregadora e missionária. Um ponto que nos chamou atenção é, o desejo das mulheres, na fala de Sizely Brito, em serem ouvidas, pois em muitos momentos ela se utiliza da ânsia das mulheres por falar e das poucas que se sentem, como ela, confortáveis para falar mesmo que sua opinião seja contrária às demais.

Outro ponto de extrema importância levantada por ela é que nas reuniões de obreiros, há determinados casos que são discutidos pelos homens sem os envolvidos estarem presentes na situação mencionada, ou seja, as narrativas dos fatos podem estar totalmente distorcidas ou apenas com a intencionalidade de quem os levou a mesa de discussão, dando a entender que os relatos não são confiáveis e as decisões menos ainda. Sobre os usos e costumes podemos observar que, segundo a percepção de Natália Moraes, servem como uma forma de controle e instrumento de vigilância, punível sempre que necessário. Sob de outro ponto de vista, para Sizely Brito

Esse negócio de uso e costumes na realidade muitos pastores alegam como a são doutrina né, mas na realidade eu acredito que é aquela coisa quem se identifica e quer seguir siga, e aqueles, aquelas que não querem que não aceitam, que não gostam, não são obrigadas a estar lá sabe, mas se está dentro de uma igreja que tem esses usos e costumes como base, como uma das prioridades, é necessário obedecer.

Como é que você pensa nos usos e costumes sabendo que não é uma doutrina?

Não, é diferente, por mais que alguns líderes queiram juntar isso, dizer que usos e costumes é doutrina bíblica, mas não é doutrina bíblica, não é, e não existe como você querer afirmar que é doutrina bíblica porque você não vai encontrar base bíblica para isso, mas a Bíblia ela nos dá luz de como a mulher cristã precisa se portar, ela dá a luz, ela dá direção, ela ensina, ela traz um norte, mas a questão dos usos e costumes é algo que foi construído,

ensinado desde a fundação da igreja, ali na base daquela igreja e a doutrina bíblica, ela vem antes das Assembleia de Deus, a Assembleia de Deus é uma das igrejas que seguem a doutrina bíblica, nós sabemos que a Igreja Batista é mais antiga que a Assembleia de Deus e tantas outras Igrejas são mais antigas do que a Assembleia de Deus e tem doutrina bíblica, então é isso, a doutrina bíblica é a base da nossa fé, a base da nossa fé é a doutrina bíblica e os costumes é maneira de viver, modos.

É ruim se você me perguntar: você acha ruim o uso de costumes? Não, para quem gosta de seguir não é, agora para quem não quer, para quem não se identifica aí torna-se um peso, uma obrigação, um jugo e aí complica porque a gente vê um tanto de pessoas com N problemas né e aí complica, tanto é que, um exemplo, eu uso saia, uso o vestido, mas eu gosto de usar, já existe mulheres que são cristãs e não gostam de usar saia, não gostam de usar vestido, tá entendendo? mas eu acredito que Pernambuco não, a Assembleia de Deus ela é bem tradicional, mantém, e eu acredito que vai perdurar por muito tempo, mas aí fora quase nenhuma não tem mais, uma minoria aí, e eu acredito que também muitos pastores têm medo até pessoas que estão fora de Pernambuco tem o receio da questão do limite sabe, até onde, até como, de que jeito, mas isso aí para quem tá ali meditando Bíblia, lendo Bíblia, aprendendo Bíblia, orando e querendo andar com Deus, a Bíblia e o Espírito Santo, ele é o mestre para ensinar, ele é o mestre para chegar na consciência de qualquer mulher, de qualquer jovem, de qualquer adolescente e dizer olha teu limite é até aqui, então eu tô trazendo os usos e costumes, tipo assim, que não precisa ninguém tá, sabe, o Espírito Santo e a palavra quem vai moderando, moldando, o nosso coração e a gente vai seguindo o que Deus tem para nossa vida, ver como é interessante, eu vejo mulheres que não se sente bem se pintar as unhas, dentro dessa Assembleia de Deus, e não pintam, já tem outras que dizem que não se sente bem se cortar o cabelo mais curto, aí já não corta, mas essa já passa esmalte nas unhas e a outra já cortou o cabelo curto, mas não passa esmalte na unha, quer dizer são coisas que vai da pessoa, mas você já encontra, tem muitas coisas que outrora não se fazia que hoje já faz, eu conheci uma irmã que ela foi disciplinada, tirada do conjunto de jovens porque estava com diadema, quando ela era adolescente, na cabeça, diadema porque era pecado usar diadema, porque lá em Apocalipse diz que tem um diadema no anjo quer dizer o quê?

Ouve mudanças na Assembleia de Deus ao longo do tempo.

Sim, sim, muita coisa mudou!

Sobre os usos e costumes da Assembleia de Deus a convenção geral escreve que as mulheres não podem arquear sobancelhas, fazer a sobancelha, pinturas, o tamanho da saia, a calça comprida e hoje como é enxergado principalmente às mulheres mais jovens nesse processo?

Eu posso dizer que se você for ver até nas mais rígidas arquiari as sobancelhas quase todas fazem, pintura, quase todas usam maquiagem, pode não usar maquiagem, vamos dizer para ir para balada, mas usa aquela maquiagem mais moderada, se você for para um casamento assembleiano já estão todas maquiadas ali, então quer dizer, querendo ou não os usos e costumes na realidade eles se mantêm, se mantêm principalmente a questão de calças e joias também, bem, joias digo assim colar, brinco, porque anéis

já se usa bastante, em alguns lugares você já vem uma pulseirinha meio tímida chegando.

Em relação ao cabelo?

Pelo cabelo eu passei por uma situação muito interessante, eu dirigi o círculo de oração e eu dei luzes no meu cabelo, menina foi muito engraçado porque quando eu dei luzes a minha liderança achou de boa, a esposa do meu pastor elogiou, o pastor também acho bom. Eu não me sinto bem, tanto é só dei uma vez, que eu olhei assim, só me vejo de cabelo preto, eu não me encontrei muito nas luzes não, mas eu dei e cheguei a passar um ano assim ou mais e por conta disso aí tiveram algumas dirigentes Círculo de Oração que não gostaram porque para elas isso é um erro, mas na igreja não existe da parte da liderança do pastor a proibição, mas para algumas dirigentes é um erro (BRITO, 2023. Informação verbal).

Para Sizely Brito, a diferenciação da Doutrina Bíblica e os usos e costumes fica bem delimitado, mas encontramos em sua primeira fala um dos discursos assembleianos em defesa do cumprimento dos usos e costumes que é bastante utilizado nos cultos de Doutrina que acontecem toda semana nas congregações, assim como a reprodução desse discurso sempre que surgem dúvidas e até mesmo atos de não cumprimento de alguns costumes, em suas palavras quem não se sente confortável não é “obrigado” a ficar, a permanecer, nessa perspectiva se algo te incomoda, saia, mas não está aberto a discussão até que se faça necessário para os líderes a mudança de tal costume, mas que se você optar por permanecer sabendo que muitas garotas conhecem apenas aquele mundo, aquela dada realidade, é necessário “obedecer”. Contraditório é pensar que uma das “prioridades” da IEADPE seria o corte e a pintura dos cabelos das mulheres, os adereços que usam em seu próprio corpo, a exemplo do diadema, da cor de esmaltes, etc. Mas que para Sizely Brito, genuinamente os usos e costumes são conflituantes para as mulheres que não se identificam com determinadas regras, e as tensões surgem exatamente daí, por ser relativo a cada mulher as regras de vestimenta e em tudo que diz respeito a seus corpos, corpos estes que para Natália Moraes são objetificados e um perigo constante para os homens, segundo a visão que a igreja passa com os ensinamentos.

Em contrapartida, Sizely Brito também concorda com a nossa linha de entendimento em relação as mudanças que estão acontecendo com as mulheres assembleianas. Essas mudanças podem ser percebidas rapidamente na maneira como elas estão subvertendo os usos e costumes que não deixaram de ser proibidos pela

igreja, mas que ainda assim vemos esse movimento em um primeiro plano a partir da estética, o que pode demonstrar uma mudança de comportamento e pensamento acerca dos usos e costumes.

Para tais desafios à mulher assembleiana, ainda encontramos o ato de disciplinar os seus membros, o exemplo citado pela irmã Sizely Brito em relação a uma senhora que, em seu tempo de juventude, foi tirada do conjunto por estar com um diadema evidencia as relações de poder que são relações de força sobre outros indivíduos, na fala de Sizely Brito foi exposto que esse pensamento teve fundamentação bíblica para que a atitude de a retirar do conjunto contra a sua vontade fosse plausível, o correto. Entretanto, segundo Natália Moraes, o “ficar em disciplina” é motivado quando os membros tem uma atitude que desagradam os ditos assembleianos e às regras impostas, o que acarreta uma punição, nesse sentido “pedir perdão a igreja” diante de todos no culto de Santa Ceia é mais que punir é também vexatório, humilhante e para além, uma comprovação de culpa ainda que a atitude, como pôr exemplo, a ida para uma festividade de rua com músicas seculares mesmo que seja beneficente, resulta em má conduta e nesse caso, o membro só pode cear com os irmãos quando o mesmo pedir perdão diante de todos, o que paira no ar a comunidade é: o que será que essa jovem fez para pedir perdão? À vista disso, ainda existe o confessorário, mudam as instituições e o modelo adotado, desta feita é em público, e não é Deus por intermédio do padre que precisa perdoar, mas toda a comunidade.

Vejamos na ótica de Sizely Brito, o processo de disciplina na IEADPE.

O que é ficar em disciplina e quais relatos você poderia trazer ?

Disciplina é uma maneira de exortar. É tipo, é parar para tratar alguém, a base é essa. Você para para tratar aquela pessoa e aquela pessoa está adoecida em alguma área. Ela está doente, ela precisa de tratamento. Então, ela precisa parar, ser tratada para se recuperar e voltar a funcionar de maneira saudável.

Como ficou com o tempo relacionado a ato corretivo, punição?

Eu não vejo a disciplina como tipo assim, punir, sabe? Até porque é muito complexo, porque tem casos e casos. Tem casos de excessos naquele que está disciplinando e tem casos também de excessos ou de negligências ou de falta de vontade de ser tratado naquele que precisa. Pode existir um desses extremos ou essa pessoa não quer ser tratada ou alguém exerceu, vamos dizer, um excesso na hora de disciplinar. Pode ter e um desses extremos pode causar um dano grande, agora que hoje em dia é bem mais maleável, sabe? Do que já foi, mas eu já acompanhei alguns casos e que fez bem aquela pessoa, sabe? E já vi casos que fizeram mal àquela pessoa (BRITO, 2023. Informação verbal).

Para Sizely Brito, ficar em disciplina diz respeito ao cuidado com os doentes. Por conseguinte, caso algum membro esteja em pecado, ele é afastado por um determinado tempo a depender do ato cometido para ser tratado e pode haver casos em que essa pessoa é “curada”, enquanto pode haver casos dessas pessoas não se “consertarem” e continuarem em “pecado”. Entretanto, ela confessa haver situações de excessos e exageros por parte de quem está disciplinando, assim como excessos de quem está sendo corrigido.

Acerca dos usos e costumes continua Sizely Brito, de que mesmo com mudanças significativas,

ainda existem outras bem firmes e eles não abrem mão, tipo brinco, colar isso ainda é, isso nas tradicionais. Porque em muitas Assembleias de Deus, se você for hoje você, vai ver, vai ter calça, vai ter brinco, vai ter colar, vai ter unha de toda cor, vai ter a unha em gel, a grandona, vai ter tudo.

Na realidade, eu acho que houveram muitos exageros, sabe? E ao passar do tempo, também observando a palavra, lendo a Bíblia, alguns pastores foram vendo que existiam alguns exageros, não é? Mas a gente vê, houve um pastor, ele já até já, como a gente costuma dizer, já descansa em Cristo, que ele é um teólogo muito, muito respeitado. Antônio Gilberto, ele disse assim, que muitos pastores disciplinaram crentes, tiraram da santa ceia, tiraram de ministério, porque tinha uma televisão em casa, que era proibido. E muitas dessas pessoas que passaram por essa disciplina não voltaram mais a igreja e ele ensinando para pastores numa Escola Bíblica da Convenção Geral do Brasil, ele disse assim como está a consciência desses pastores? que hoje seus filhos e seus netos têm televisão e internet dentro de casa e aquela pessoa nunca mais voltou para a igreja.

Foi por haver também muitos equívocos no que era proibido porque teve muita coisa gente é muita coisa: não podia usar nenhum tipo de adorno na cabeça, nem presilha, nem pendente...

Proibido calça, mas muitas irmãs são enfermeiras e técnicas. Elas usam calça para trabalhar, são vendedoras, são farmacêuticas, usam uma calça para trabalhar, são motoristas, usam para trabalhar. Homens, né, são militares, usam bermuda no treino, usam short no treino, que nem bermudas são, é quase um short. São educadores físicos, usam bermuda, quer dizer, e no lazer, usam roupa de banho, tem uma realidade que cedeu muito, tu tais entendendo? Já cedeu muita coisa, é quase como um ceder quase a pulso, sabe? É aquela coisa. A sociedade modernizou e não tem como você querer hoje que uma menina hoje de 25 anos, ela se comporte como a menina de 25 anos há 40 anos atrás. Ela vai ser crente? Vai. Ser santa? Precisa ser. Vai ler a bíblia? Vai. Crê na bíblia? Crê. Vai obedecer a bíblia? Vai. Só que a maneira de se comportar muda muito (BRITO, 2023. Informação verbal).

No primeiro momento dessa conversa a entrevistada esclarece que, mesmo com mudanças, as igrejas pentecostais mais tradicionais ainda são mais rígidas, como no caso da IEADPE, mas que em comparação com as demais já se tem uma flexibilidade maior. Argumenta ela, em seguida, que alguns pastores perceberam a partir da leitura da Bíblia que houveram exageros e por haver equívocos sobre o que seria ou não proibido: objetos supérfluos que não demonstravam em nada a santidade e a fidelidade das pessoas para com Deus e a comunhão com a igreja, especialmente às mulheres.

Vale salientar que essa crítica feita aos líderes da igreja respondem as principais indagações levantadas nessa pesquisa, pois, sabendo que alguns pastores reconhecem os exageros cometidos entende-se que alguns usos e costumes não deveriam ter embasamento bíblico, entretanto foram utilizadas como estratégias de manutenção para o controle social na relação de força e de mando dos pastores sobre o modo como esses sujeitos deveriam viver, pensar e agir. Desses “equívocos” surgiram práticas religiosas que constituíram os alicerces da identidade assembleiana que persiste na contemporaneidade, ainda que haja talvez “exageros” que não se perderam para que se preservem “os bons costumes” ou será as vantagens de um sistema que alimenta uma cultura ainda patriarcal? Em seguida ela traz exemplos de mudanças nas vestimentas de mulheres e homens justificadas devido a profissão que exercem e a modernização, de que os tempos mudaram, assim como o comportamento social das jovens assembleianas, nesse sentido entendemos a dinamicidade que ocorre nas representações e visões de mundo ao passo que não são estáticos, mas em constante mudança.

Recentemente Sizely Brito se desligou da IADPE estando nesse momento na Assembleia de Deus Vitória em Cristo (ADVEC), cujo pastor presidente é Silas Malafaia. Em entrevista recente ao MapaCast podemos observar Sizely Brito com unhas pintadas de vermelho, pulseira e colar, essa imagem representa não somente a mudança de denominação, mas a mudança de paradigmas e a ruptura de conceitos, Sizely Brito segue recebendo inúmeros convites para pregação em várias denominações diferentes, além do projeto “Mãos Fortalecidas”, uma ONG que tem como objetivo “prestar serviços a comunidade nas áreas de cultura, educação e

ciência sobre as questões de paz social e desenvolver atividades culturais e científicas, tais como cursos, palestras, conferências e congressos”⁴⁶, localizado no povoado Posto Alto da Serra - PE, para ela “a vocação vem antes da denominação”.

Figura 17: Sizely Brito em entrevista ao MapaCast



Fonte: Instagram sizely_b

Para se pensar no imaginário, conceito de grande importância para o estudo das representações, Pesavento diz que “entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo” (2004, p. 43). E nessa perspectiva

Essa construção de sentido é ampla, uma vez que se expressa por palavras/discursos/sons, por imagens, coisas, materialidades e por práticas, ritos, performances. O imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito (PESAVENTO, 2004, p. 43).

Por fim, as produções identitárias sinalizam para a relação com o outro, um outro diverso e múltiplo, ainda que submersos em uma identidade coletiva. As mulheres assembleianas estão em processo de construção e reconstrução de identidades, as vivências individuais apresentam para cada, uma lente diferente, ângulos diferentes e perspectivas diferentes, pois todas experienciaram e sentiram a vida de outras maneiras se materializando também nas práticas religiosas e o sagrado, dessa forma “os *Outros*, que marcaram a diferença, são múltiplos, tais como os recortes de pertencimento identitário podem ser também variados e se superpor em uma mesma pessoa” (PESAVENTO, 2004, p. 60).

⁴⁶ Texto retirado das redes sociais da própria irmã Sizely Brito, através do Instagram. O espaço físico encontra-se em construção até o momento da pesquisa por meio de parcerias de vários setores da sociedade, tais como donos de materiais de construção e comerciantes no geral, etc.

É, pois, diante dessa categoria de análise que pensamos na “percepção de quem vê e enuncia o outro, descrito e avaliado pelo discurso, figurado e representado por imagens” (PESAVENTO, 2004, p. 60) na comunidade discursiva assembleiana. Essa produção imaginária do outro, no caso das outras, permitiu com que se consolidasse um imaginário ideal de mulher: mãe, dona de casa, submissa, delicada, amigosa e que evita a todo custo o conflito, sabe-se que uma boa mulher edifica sua casa e a tola a destrói, parafraseando um dos subsídios bíblicos para sustentar a docilidade e a passividade das mulheres. Desta feita, concordamos que “palavras e imagens são formas de representação do mundo que constituem o imaginário” (PESAVENTO, 2004, p. 86).

Vejamos como exemplo, o Culto da Família que é destinado aos casais da IEADPE. Esse culto é direcionado especialmente à família. Segundo o Credo assembleiano família “é uma instituição criada por Deus, imprescindível à existência, formação e realização integral do ser humano, sendo composta de pai, mãe e filho (s) - quando houver”, (CPAD, 2017, p. 203) monogâmica e heterossexual.

Reconhecemos preservada a família quando, na ausência de pai e da mãe, os filhos permanecerem sob os cuidados de parentes próximos. Rejeitamos o comportamento pecaminoso da homossexualidade por ser condenada por Deus nas Escrituras, bem como qualquer configuração social que se denomina família, cuja existência é fundamental em prática, união ou qualquer conduta que atenta contra a monogamia e a heterossexualidade, consoante o modelo estabelecido pelo Criador e ensinado por Jesus (CPAD, 2017, p. 203-204).

Diante da presença, uma ausência pode nos dizer muito sobre o modo como os assembleianos identificam a família. Na imagem abaixo, do último Culto da Família na IEADPE, em Garanhuns de 2023, podemos observar o ideal de família: apenas casais, aliás a nomenclatura primária era Encontro de Casais. Excluem do processo mães solas, que não são mencionadas no Credo assembleiano, a família perfeita e louvada é composta por pai, mãe e filhos dentro de um casamento monogâmico e heterossexual, as demais composições de família são casos a parte que não merecem o devido valor social, pois “a maternidade legitimada é apenas a que ocorre dentro de uma família legalmente constituída” (PINSKY, 2013, p. 493). Nessa perspectiva “as representações apresentam múltiplas configurações, e pode-se dizer que o mundo é construído de forma contraditória e variada pelos diferentes grupos sociais” (PESAVENTO, 2004, p. 41).

Os assembleianos creem, professam e ensinam que o casamento tem como propósito “a instituição da família matrimonial, compensação mutua do casal, a procriação, o auxilio mutuo, continência e satisfação sexual” (CPAD, 2017, p. 204), esse por sua vez “dentro dos limites do uso natural do corpo, pureza e da santidade”, como dito anteriormente, tendo em vista que algumas práticas sexuais como o sexo anal, por exemplo, não é recomendado pela igreja entre outros aspectos que são ensinados nos antigos Cultos para Casais, tal como, não dormir despido com seu marido, pois Jesus pode voltar a qualquer momento. Desconsidera-se até mesmo o que as pesquisas na área da saúde indicam a respeito de dormir desnudo, nesse caso, a IADPE recusa também os estudos atuais voltados ao prazer feminino. Esse exemplo em particular, pode ser associado ao Brasil Colônia⁴⁷ onde as fontes sobre a história da sexualidade nesse período descrevem cenas em que os conjugues não tiravam suas vestes até mesmo no ato sexual que dirá na hora de dormir. Na figura 18, temos a imagem de vários casais assembleianos. Homens de terno e gravata, o que representa serem obreiros e mulheres com vestimenta modesta, saias ou vestidos com comprimento abaixo do joelho, assim com as blusas sempre com mangas.

Figura 18: Culto da Família - IEADPE 2023



Fonte: Instagram ieadpe.filialgaranhuns

A relação de pai, mãe e filhos para os assembleianos e segundo o Credo é por meio da diferenciação dos sexos, o que determina as figuras paternas e maternas.

⁴⁷ Para mais informações sobre o período mencionado, entre outros, lê *História das Mulheres no Brasil* (2018), organização de Mary Del Priore e coordenada por Carla Bassanezi Pinsky.

Acerca dos relacionamentos que acarretam em filhos fora do casamento, diz o Credo,

entretanto, por configurar um desvio moral e espiritual em relação ao padrão divino para a instituição e preservação da família, tal relacionamento **não deve continuar**, posto que se constitui prostituição, se antes do casamento, ou adultério, se extramatrimonial (CPAD, 2017, p. 205). - Grifo nosso

Uma possível interpretação dada a essa leitura é: uma mulher que engravida fora do casamento é orientada a deixar esse relacionamento e continuar seu caminho como mãe solo, visto que também é considerado prostituição assim como a infidelidade? Compreendendo que poucos assembleianos param para ter conhecimento sobre esse Credo, não falaremos sobre as moças que se casam grávidas na igreja. Contraditório é haver um Credo com esse tipo de posicionamento, mas que na prática não acolhe as mulheres que seguem uma gravidez fora do “padrão divino à instituição” por ser considerado também como prostituição.

Outro ponto extremamente crucial para o entendimento do pensamento assembleiano diz respeito às formas heterodoxas de formação de família. Vejamos na íntegra.

Em fase dos avanços médicos e científicos, a igreja posiciona-se favoravelmente as técnicas reprodutivas que não atentam contra a pureza da relação sexual monogâmica, desde que a fertilização (processo no qual tem início a vida humana) ocorra no interior do corpo da mulher e os gametas utilizados pertençam ao próprio casal. As técnicas em que a fertilização ocorra fora do corpo da mulher, com a respectiva manipulação do embrião, são condenáveis por desrespeitarem o processo de fecundação natural que deve ocorrer no interior do ventre materno. Além de esses procedimentos exporem os embriões ao risco de serem descartados, criopreservados ou utilizados em experimentos, podem possibilitar a comercialização de corpos e de almas, atitude essa escatologicamente prevista e condenada nas Escrituras. Condenamos as técnicas reprodutivas que requerem o descarte de embriões e doação. Rejeitamos a maternidade de substituição, mediante a qual se doa temporariamente o útero, por ferir a pureza monogâmica. Não admitimos a reprodução *post-mortem* em virtude da cessação do vínculo matrimonial (CPAD, 2017, p. 206).

A Reprodução Humana Assistida é um assunto de grande relevância para o entendimento dessa comunidade religiosa discursiva. A barriga solidária, por exemplo, que é recusado no Credo assembleiano é justificado pelo fato de ferir a pureza monogâmica. Em poucas palavras, a monogamia na sociedade em geral se apresenta como um relacionamento entre duas pessoas seja ela amorosa/sexual, entretanto, nessa declaração o útero de substituição não torna o casal monogâmico, essa é uma

interpretação feita pelo Credo assembleiano que poucos tem conhecimento, ainda que os pais biológicos sejam o casal. Uma coisa é dizer que essa recusa seja feita pelo fato de a fertilização ocorrer fora do corpo da mãe e por isso não ser um método natural à luz dos preceitos da instituição e outra coisa bem diferente é expressar algum tipo de quebra na monogamia do casal. Vejamos nesse momento as considerações que Sizely Brito tem diante desse posicionamento da igreja.

Esse é um assunto hiper-mega polêmico. A Assembleia de Deus, como a gente diz, a raiz, né? Esse Credo aí é mais recente. É o Credo elaborado pela Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, que aí descarta muitas Assembleias de Deus, tá entendendo? Nessa daí, você vai encontrar às lição ligadas à Convenção Geral das Assembleias de Deus, que são algumas. E tem outras que já não são ligadas à essa Convenção, já são ligadas à outra Convenção. Então, as que são ligadas à essa Convenção, que defendem esse Credo aí, é polêmico. Eu já vi o pastor explicando, falando sobre essa questão. Eu acredito assim. Deus é o dono da mãe e da mulher, sabe? Ele é o dono da nossa mãe. Ele é o Deus, que se Ele quiser fechar a mãe, Ele fecha. Se Deus quer que a mulher venha a ser mãe de filhos e filhas e por algum motivo essa mulher não conseguir ser, é um caminho difícilimo principalmente se essa mulher não conseguir ser. É um caminho difícilimo principalmente para aquelas que querem ser e não estão conseguindo ser. Aí vem um dilema para essas mulheres. E agora não é? Eu abraço o Credo, não vou atrás do que a ciência tem a me oferecer ou vou e descarto esse Credo. E eu acredito assim, que eu não vou aqui dar uma opinião, bater o martelo, porque eu acho que é uma questão muito pessoal para o casal que está passando por essa situação, casado há anos, que não tem filho, se vão ou não.

O Credo diz que não é legal ir, que é melhor ou adotar ou crer no milagre, ou não ter, que é a igreja, ela não descarta a questão da adoção, o que ela não abraça é a questão de ser em laboratório, e na realidade eu não faria, sabe? Eu não faria porque eu creio que se Deus quiser fazer um milagre não tem idade para abri a mãe de uma mulher, ele pode abrir a mãe de uma mulher na idade que ele quiser, e se ele não abrir eu tenho uma colega que ela passou muitos anos casada e não engravidou, e apareceu uma criança para ela adotar, a mãe era alcoólatra e o menino foi tirado da mãe que ele estava abandonado, a mãe estava embriagada sempre e o menino ia ficar no orfanato, e aí uma mulher do Conselho do Tutelar lembrou dessa irmã. Aí, ela ligou para ela e disse, olha, chegou um caso aqui, assim e assim, um bebê, ele tem seis meses, ele tá muito debilitado, tu queres encarar essa adoção? Aí, ela falou com o marido e o marido falou, vamos encarar essa adoção, e eles adotaram essa criança, e hoje essa criança, ele é um adolescente, mas ele é um menino assim, hiper educado, sabe? Esse menino teve N oportunidades que ele não teria, uma escola boa, um pai presente, uma mãe amorosa, um lá, família, quer dizer, será que a mãe que está fechada não tem uma criança já aí esperando essa mãe?

Eu prefiro ir para essa vertente do que encarar esse outro lado da ciência que querendo ou não, porque a Assembleia de Deus descarta isso, por causa do número de óvulos que são descartados. Aí é um dos batentes que eles batem que brincam de ser Deus. Eles dizem até assim, o homem quer brincar de ser Deus (BRITO, 2023. Informação verbal).

Acreditados que a entrevistada confundiu a questão do descarte de “embriões”, por descarte de “óvulos” em sua fala final, uma vez que mulheres descartam naturalmente o ovócito II todo mês, quando essa não se encontra grávida, por meio da menstruação. Para os assembleianos, apenas a Reprodução Assistida do Coito Programado e a Inseminação Artificial ou Intrauterina é permitido, pois ambas ocorrem dentro do útero da mulher. Nessa lógica, para eles, a Inseminação Intrauterina pode ser considerada natural, fato bastante problemático, uma vez que o próprio nome diz “artificial”. Desta feita, recusam-se a fertilização *In Vitro*, que é também uma das técnicas de Reprodução Assistida, seja ela a FIV convencional ou a ICSI (Injeção intracitoplasmática de espermatozoides), por ocorrer a fecundação fora do corpo da mulher e pelo seu potencial de descartes de embriões.

Outras reflexões acerca das ausências podem ser analisadas nas variadas fontes, sejam elas ditas, vistas ou ouvidas. Na imagem abaixo temos a entrega dos certificados na formatura do Discipulado de novos membros da IEADPE em Garanhuns, o Discipulado são as aulas que são ministradas pelos obreiros para os novos convertidos ou para aqueles que finalmente decidem se batizar nas águas para fazerem parte do Corpo de Cristo como membros da igreja, foram cerca de 70 pessoas entre eles: adolescentes, jovens, adultos e idosos. No Discipulado, o ensinamento do Credo assembleiano, dos usos e costumes, da doutrina, são ministradas pelos homens, por isso são os obreiros que entregam os certificados de conclusão, mas uma vez a hierarquia eclesiástica é reproduzida, pois a atuação dos homens e das mulheres são bem determinados: o ensino, a fala, o saber é da alçada dos homens, ou hipervalorizada em detrimento do conhecimento limitado que pode ser dado as mulheres.

Figura 19: Formatura do discipulado - Garanhuns, 2023.



Fonte: Instagram ieadpe.filialgaranhuns

As falas destoantes das nossas entrevistadas e a própria escrita assembleiana representam a força do imaginário enquanto construtor de identidades. As semelhanças de narrativa e as diferenças sociais são perceptíveis nos relatos de nossas entrevistas. Nessa circunstância, com as vozes da jovem Natália Moares e a irmã Sizely Brito, que em muitos momentos convergiam, mas em outras divergiam em suas opiniões, demonstrando que os recortes de pertencimento identitário a partir das representações não são somente coletivas, mas também são múltiplas e variadas maneiras que as mulheres interagem com o seu meio e consigo mesmas. Assim como todas as mulheres, as assembleianas são uma intersecção.

4.2 Assembleianas na cidade

A natureza feminina discutida por Pinsky (2016) no século XX diante do modelo rígido de comportamento feminino socialmente aceitável ainda persiste na narrativa assembleiana por se tratar do último Credo assembleiano: a família.

As mulheres eram, “por natureza”, destinadas ao casamento e à maternidade. Considerada parte integrante da essência feminina, esse destino surgia como praticamente incontestável. A família era tida como central na vida das mulheres e referência principal de sua identidade (PINSKY, 2016, p. 470).

O discurso que apresenta as características naturais da mulher também está presente especialmente no seio religioso, mas a ciência também buscou formas de enquadrar as mulheres em um perfil aceitável à moralidade na formação da sociedade brasileira e sobre isso, diz Soihet:

A medicina social assegurava como características femininas, por razões biológicas: a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade, à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios. As características atribuídas às mulheres eram suficientes para justificar que se exigisse delas uma atitude de submissão, um comportamento que não maculasse sua honra (SOIHET, 2018, p. 363).

Entretanto, as mulheres na cidade começaram a ganhar uma nova conotação a partir do acesso que elas tiveram ao mundo público, uma vez confinadas em casa e tendo por características femininas o cuidado com o lar e a família, outras atribuições foram ficando cada vez mais delimitadas a esse espaço. Obviamente, as mulheres pobres não se encaixavam nesse perfil, pois sempre tiveram a necessidade de trabalhar. A virada de paradigmas às mulheres deveu-se primeiramente a entrada delas no mercado de trabalho em outras áreas, com outras atribuições, outras possibilidades: enfermeiras, professoras, atrizes, entre tantas outras que foram e são conquistadas diariamente. A vontade do saber sempre esteve presente nos anseios das mulheres, com isso, segundo Pinsky

Trabalhar permitiu à boa parte das mulheres romper com o relativo isolamento vivenciado no mundo doméstico, modificando sua postura com relação ao que ocorria fora das paredes da casa e aproximando sua participação cultural à dos homens” (PINSKY, 2016, p. 505-506).

Mesmo com a entrada no mercado de trabalho, ainda assim temos o trabalho doméstico, que para Perrot é um trabalho de mulher, naturalizado para ser, presente em toda a vida da mulher, diz ela:

O trabalho doméstico é fundamental na vida das sociedades ao proporcionar seu funcionamento e reprodução, e na vida das mulheres. É um peso nos seus ombros, pois é responsabilidade delas. É um peso também na sua identidade: a dona de casa perfeita é o modelo sonhado da boa educação, e torna-se um objeto de desejo para os homens e uma obsessão para as mulheres. O trabalho doméstico marca todo o trabalho feminino: a mulher é sempre uma dona de casa (PERROT, 2019, p. 114).

Nessa perspectiva, as mulheres assembleianas ao entrarem no mercado de trabalho também saem desse isolamento, o espaço que ela tinha entre casa e igreja, agora já não são os únicos. A esse ponto, Sizely Brito responde como as mulheres no mercado de trabalho tem influenciado na mentalidade assembleiana e quais são as contribuições que elas trazem às igrejas a partir de suas vivências e formações?

Olha, tem os pós e os contra, sabe? Tem aquelas pessoas, aquelas meninas e mulheres que saíram e que trouxeram muitos benefícios, ajuda, sabe? Na maneira, vamos dizer, enfermeiras, não é? Que muitas vezes nos eventos feitos pela denominação, elas estão ali socorrendo as pessoas, ajudando, quer dizer, estão presentes nesses espaços e que isso já vem desde o início, porque sempre houveram mulheres assembleianas na área da saúde, sempre existiu, só que hoje existe bem mais, mais professoras então. Escola Bíblica Dominical é cheia de mulheres, irmãs que cursaram pedagogia e hoje estão ali ensinando as nossas crianças. E você vê também

na área de jovens, você vê muitos irmãos que se formaram, às vezes, em direitos, são advogados, outros, são até promotores tem e estão ali ensinando, tem a capacidade da oratória de ensinar e estão ali. Quer dizer, querendo ou não, eles usam também daquele crescimento acadêmico para somar com o conhecimento bíblico e ajuda no ensino (BRITO, 2023. Informação verbal).

Com esse depoimento, observamos os exemplos de profissões que normalmente são desempenhadas pelas mulheres no mercado de trabalho: enfermeiras, professoras, nutricionistas, psicólogas, advogadas, esteticistas e cabeleireiras. Vale salientar que ela demonstra também o trabalho social em que desenvolvem na igreja de maneira voluntária assim como as funções que desempenham na igreja, como por exemplo, na Escola Dominical. Esse relato nos ajuda a identificarmos os perfis das mulheres trabalhadoras assembleianas e a relação que possuem com a igreja. Na entrevista também foi questionamento se com o trabalho das mulheres, exercendo uma profissão, tendo sua independência financeira, aumentaram os casos de divórcio na igreja.

Tem. Sabe porque aumenta? Isso é geral. Não é só dentro da Assembleia de Deus, mas no geral. Porque tem que ter, eu acho que, companheirismo, sabe, do casal tem que ter mais diálogo, tem que ter mais renúncia, mais compreensão. Que uma coisa é uma família ter uma mãe do lar, não é? Que todo mundo chega, tá tudo perfeito. E outra coisa, aquela família ter uma mãe que tem um corre-corre extra fora e que chega junto com a família e que ali quando chega é que muitas vezes se ficar só ela para tudo aí vai pesar. E esse peso, essa sobrecarga que ela vai ter de alguma forma, vai ter alguma reação nela mesmo. Às vezes na saúde, vai dar uma luz, às vezes o emocional, querendo ou não, isso vai interferir. Também na vida conjugal, às vezes a cobrança ou excesso, mas acho que quando causar o conversa sobre isso no início, ou antes mesmo de ser um casal, acho que dá certo. Agora, quando isso não é um diálogo, não tem uma conversa, não tem um entendimento, aí fica complicado. No meio da tempestade, alguém tem cabeça para pensar (BRITO, 2023. Informação verbal)?

Outro ponto que gira em torno das assembleianas é o Movimento Feminista, segundo a Revista *Lar: Mensageiro da Paz* “Feminismo é diferente de feminino”. E para as mulheres assembleianas o feminismo não deve ter espaço no seio evangélico, uma vez que possuem divergências de pensamento, pois muitas das pautas feministas ferem os preceitos bíblicos e institucional.

Tem uma diferença. A base do movimento feminista, ele iniciou com um propósito até bom, tá entendendo? Um propósito bom. O início dele, ele tinha uma linha bem saudável e justa, não é? A questão da sobrecarga que tinha sobre as mulheres no trabalho, que era demais. A questão da mulher não ter direito de escolher os seus líderes, governantes também. Era um injustiça, porque elas também iam ser governadas por eles. A questão

salarial, que até hoje eu acho muito difícil igualar, até porque a questão pesa muito, principalmente no privado com a questão da maternidade, que sabe que aquela pessoa, aquela mulher vai passar um bom tempo, ela vai chegar o tempo de gerar, ela vai ter o tempo de se afastar. Então isso pesa no mundo privado. Eles seguram, mas que depois começam a entrar no meio desse movimento bandeiras, que são contrário ao que nós queremos, começou a entrar a bandeira da questão de ter a liberdade para o uso de drogas, de álcool, tantos gritos, do aborto, a liberdade do seu próprio corpo, fazendo dele o que ela bem quiser e tal. São bandeiras que não dá para andar, você está entendendo. Então, eu sou uma mulher cristã feminina, mas eu não tenho como ser feminista. Não dá, não dá para ser feminista. Não tem como eu ser. Como é que eu vou ser? O que é que está no movimento feminista? A bandeira do aborto, a bandeira do que eu faço com o meu corpo o que eu quiser. Eu não preciso de homem para ser mulher. Então, são bandeiras muito fortes e contrárias ao que eu acredito. Aí você vê a igualdade de gênero. Mas será que existe essa igualdade mesmo? Se eu for para a biologia e se eu for para a Bíblia, não é que tem um maior ou outro menor é que não são iguais homem e mulher não é igual, só não somos iguais não somos! o homem tem uma maneira de ver e de agir bem diferente da mulher ver e agir e eles na realidade Deus fez ele se complementando porque eu como mulher tenho muitas coisas que o homem, tipo meu marido, ele não tem porque ele é um homem, tá entendendo? então esse grito feminista nós somos iguais que agora já não é nem igual né, é que a mulher ela é já tá passando não é... esse grito de é um negócio tão sério que assusta (BRITO, 2023. Informação verbal).

Ao responder sobre os usos e costumes, Sizely Brito afirma ser um modelo a seguir e não um instrumento de opressão, para argumentar o seu ponto de vista, ela se utiliza da moda evangélica. Vejamos.

Eu acho que hoje em dia é mais modelo a ser seguido, sabe, opressão não, é modelo a ser seguido. Se você quer ser, se você quer seguir, siga. Se você não quer, vá para outra denominação e siga a Deus em outra igreja, que não tem usos e costumes. Mas se você se sente bem, se você quer ir. Você pode ver hoje o mercado do seguimento evangélico cresceu muito a questão da moda evangélica também cresceu muito e cresceu em cima de usos e costumes, quer dizer que tem demanda, ninguém vai produzir se não tiver consumo e você pode ver que o estado de Santa Catarina do Paraná é onde estão as melhores, as marcas mais caras do segmento evangélico, roupas caras, não são roupas baratas e a gente tem aqui o polo que no caso vem de Toritama e Santa Cruz de Capibaribe que também tem a moda evangélica que vem de lá e que vai para o país todo, entra na questão da modéstia porque muitas mulheres que não são evangélicas também usam e gostam, se identificam (BRITO, 2023. Informação verbal).

O cuidado com o corpo, com a aparência, tem sido também outra virada de paradigma as mulheres assembleianas que antes não tinham a permissão de seus pais ou de seus maridos para irem a academia, mas que hoje possuem uma certa tomada de consciência em relação ao próprio corpo, assim como a independência financeira que resulta em mais escolhas na vida dessas mulheres.

Eu acredito que das que vão e fazem algum tipo de exercício, eu acredito que uma boa parte chegaram lá por conta da saúde que pediu, gritou, mas que um bom leque é por causa da aparência mesmo, porque aquelas que vão quando a saúde grita, como o meu caso, que eu vou porque a saúde pede, não é porque é muito vidrada, assim na aparência, no querer apresentar, não é isso. É porque realmente precisa ir, tem que ir, mas tem aquelas que realmente são mais preocupadas, que querem estar melhor e essas vão antes da saúde gritar. Aliás, a saúde nem grita porque elas estão lá fazendo (BRITO, 2023. Informação verbal).

Para concluirmos essa seção sobre as mulheres assembleianas na cidade a partir da perspectiva que as coloca como narradoras de suas próprias vivências temos a fala de Sizely Brito que exprime o sentimento de muitas outras mulheres assembleianas acerca do olhar da sociedade para com elas. Vejamos:

Para a sociedade as assembleianas são tidas como mulheres que ficou atrás, que ficaram no passado. A sociedade discrimina muito a mulher assembleiana. A sociedade, no geral, ela discrimina a mulher, mas eu acredito que hoje em dia a mulher assembleiana, ela não tem vergonha dela. Eu acho que, na realidade, elas têm é prazer de ser assembleiana e se identificam como mulher assembleiana. Elas não têm vergonha, mas são discriminadas. Falam muito de discriminação, mas a mulher assembleiana é discriminada. No geral, a mulher evangélica sofre discriminação, sofre, mas as assembleianas sofrem mais, tanto é que a maioria das jovens assembleianas sofrem *bullying* onde elas chegam. Escola, faculdade, mas elas não se envergonham de ser, então a maioria delas levantam a cabeça e vão embora. Não se abatem (BRITO, 2023. Informação verbal)!

A discriminação às mulheres assembleianas, mencionada acima, parte de um relato que evidencia o sentimento da maioria das mulheres assembleianas, pois o estigma em relação a elas também é um ponto a ser questionado, na entrevista Sizely Brito denuncia o tratamento que a sociedade dá as mulheres assembleianas que estão na cidade, em vários espaços de trabalho e de estudo. Essa discriminação pode ser considerada o contraponto das assembleianas que também buscam apresentar as identidades das quais se sentem pertencentes, tendo como núcleo a sua relação de crença e fé na comunidade discursiva religiosa das quais assumem com o orgulho de serem, como pontuado por Sizely. As assembleianas na cidade também apresentam onde estão inseridas em termos de mercado de trabalho, assim como os desafios por serem também donas de casa, situação presente na vida de todas as mulheres. Nessa lógica, também podemos identificar, na fala de Sizely Brito, o posicionamento da maioria das mulheres assembleianas acerca do feminismo, onde diz “eu sou uma mulher cristã feminina, mas eu não tenho como ser feminista”, devido as várias pautas

do movimento que se afastam dos preceitos estabelecidos por Deus e da Igreja. Além disso, essas mulheres na cidade estão encontrando seu próprio caminho e ainda que seja sutil e incipiente já demonstram um maior controle de seus corpos, a exemplo de atividades físicas ou uso da moda evangélica como escolha de vida para um vestuário modesto na difícil tarefa de permanência.

4.3 Irmã Zezé de Garanhuns - uma missionária fora da curva

Maria José Barbosa da Silva, conhecida como irmã Zezé, é residente da cidade de Garanhuns, no agreste pernambucano, nascida em Paquivira, município de Canhotinho - PE, atualmente está com sessenta e sete anos, casada a cinquenta anos, mãe de cinco filhos e avó. Zezé é missionária da Assembleia de Deus em Pernambuco tendo visitado vários países e Estados brasileiros, até agora os países em que ela passou foram: Estados Unidos; Israel, França, Alemanha; Argentina; Itália; Suíça; Inglaterra, Espanha; Egito e Grécia. Vale salientar que até o momento houve apenas o convite para o Egito no continente africano, e que maioritariamente os países em que ela mais visitou como convidada foram países europeus, a exceção de Israel por ser o lugar de maior importância para os cristãos, tal qual para os judeus e muçulmanos, localizado no Oriente Médio, assim como Argentina e Estados Unidos, na América. Abaixo temos algumas imagens retiradas das redes sociais da Irmã Zezé em alguns pontos turísticos das cidades em que ela visitou no exterior.

Figura 20: Irmã Zezé em Paris



Fonte: Instagram irmazezedegaranhuns_oficial

Figura 21: Irmã Zezé na Alemanha

Fonte: Instagram irmazezedegaranhuns_oficial

Figura 22: Irmã Zezé nos Estados Unidos

Fonte: Instagram irmazezedegaranhuns_oficial

A irmã Zezé de Garanhuns, possui um reconhecimento significativo na história da Assembleia de Deus em Pernambuco pela comunidade, sendo uma missionária de grande notoriedade no trabalho de difusão do evangelho e isso se explica pelo fato de que “a força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social” (PESAVENTO, 2004, p. 41).

É importante frisarmos que na Assembleia de Deus as mulheres em sua grande maioria são esposas dos missionários, no caso específico da irmã Zezé seu reconhecimento foi tão grande que ela atua nas missões com o que ela costuma chamar de sua “caravana” e não com o marido, este por sua vez é presbítero e dirige uma congregação em Garanhuns, local de residência de sua família. A irmã Zezé por sua vez também atua por anos na Assembleia de Deus em Pernambuco como dirigente de Círculo de Oração adulto, passando por diversas congregações em Garanhuns, pois faz parte das práticas assembleianas a troca de dirigentes de congregação, como também de dirigentes de Círculo de Oração e principalmente do pastor local. Esse sistema de rodízio permite com que cada congregação e no caso da cidade em si, passem pela gestão de uma outra pessoa, pois cada membro possui

habilidades específicas e maneiras particulares de gerirem uma igreja, ainda que as regras sejam as mesmas em todas as congregações espalhadas por Pernambuco.

No caso da irmã Zezé ao longo dos anos foi observado que sempre que ela ia para uma nova congregação, as pessoas a seguia, não só de assembleianos, mas uma legião de pessoas de outras denominações e até mesmo pessoas que não são evangélicas. O Círculo de Oração é o único culto feito por mulheres e para mulheres semanalmente, o seu objetivo maior é a intercessão, pois os crentes buscam os Círculos de Orações especialmente em busca de uma cura divina, por isso conhecido como “hospital da alma e do corpo”. Anos de experiência visitando Círculos de Orações fazem dessa pesquisadora uma conhecedora de causa da infinidade de relatos e testemunhos de mulheres e homens que buscavam soluções para “causas impossíveis”, direcionadas principalmente para a família, tais como: desemprego; curas; uso de entorpecentes pelos filhos; violências domésticas sejam elas físicas e na grande maioria psicológica de seus conjugues, assim como sonhos, objetivos de vida, como a tão sonhada compra da casa.

Outro ponto a considerar é que a irmã Zezé consegue reunir diversas pessoas, pois todas se sentem acolhidas independentemente do traje que está usando, ou do modo como as pessoas escolheram viver, a tal ponto que ela recebe uma infinidade de doações para necessitados vindas principalmente de pessoas com um maior poder aquisitivo, na grande maioria em forma de gratidão pelas bênçãos alcançadas.

Outro aspecto de grande relevância para o reconhecimento e o valor que as pessoas depositam na irmã Zezé é o fato dela ser profetiza, as Assembleias de Deus possuem uma espiritualidade marcada pelas promessas dadas por Deus, assim como as revelações⁴⁸, que são entregues por intermédio principalmente dos seus profetas⁴⁹.

⁴⁸ Segundo o Dicionário de Filosofia “a palavra REVELAÇÃO (in. *Revelation*; fr. *Révélation*; ai. *Offenbarung*; it. *Rivelazione*). Manifestação da verdade ou da realidade suprema aos homens. A R. foi entendida de duas maneiras: Ycomo R. histórica; 2a como R. natural. 1- É histórica a R. que toda religião positiva adota como fundamento. Consiste na iluminação com que foram agraciados alguns membros da comunidade, cuja tarefa teria sido encaminhar a comunidade para a salvação. Neste sentido, a R. é um fato histórico, ao qual se atribui a origem cia tradição religiosa. 2 a A R. natural é a manifestação de Deus na natureza e no homem. Às vezes essa forma de R. é admitida ao lado da outra, outras vezes é negada ou subordinada à outras. Só o conceito de R. natural tem valor filosófico, sendo o outro especificamente religioso” (ABBAGNANO, 2007, p. 858).

⁴⁹ Profeta seria o porta-voz oficial da divindade. O conceito de profeta no Antigo Testamento era “a pessoa incumbida para falar em nome de Deus. O Altíssimo fazia dele o seu porta-voz, um embaixador que representava os interesses do reino divino na Terra” (CPAD, Lição Bíblica de nº 7, do 2ª Trimestre de 2014, p. 50).

Ao longo dos anos, a conhecida irmã Zezé faz parte desses profetas e sua credibilidade é tão alta devido ao cumprimento das promessas ou das revelações que são feitas por ela durante o Círculo de Oração, testificadas ao passo que as pessoas voltam para agradecer e relatar os casos.

A revelação segundo os ensinamentos bíblicos das Assembleias de Deus no Brasil é “ato pelo qual Deus revela aos homens os seus mistérios, sua vontade” (CPAD, Lição Bíblica de nº 3, do 2º Trimestre de 2014, p. 21). Os Dons Espirituais que fazem parte do Credo assembleiano está alicerçado em

1 Coríntios 12

8 Porque a um pelo Espírito é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência;

9 E a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar;

10 E a outro a operação de maravilhas; e a outro a profecia; e a outro o dom de discernir os espíritos; e a outro a variedade de línguas; e a outro a interpretação das línguas.

Seguiremos a *Classificação Geral dos Dons* a partir da divisão feita pela CPAD, para o estudo da igreja nas Escolas Dominicais, a fim de inserirmos uma discussão que levante a própria instituição enquanto objeto e sujeitos de pesquisa. Desse modo faremos uso das leituras e da interpretação da igreja enquanto produtoras de textos literários e percepção do mundo.

TABELA 4

| CLASSIFICAÇÃO GERAL DOS DONS - 1 Co 12 | | |
|---|----------------------|--------------------------|
| DONS DE REVELAÇÃO | DONS DE PODER | DONS DE ELOCUÇÃO |
| Palavra da sabedoria | Fé | Profecia |
| Palavra do conhecimento | Cura | Variedade de línguas |
| Interpretação de línguas | Operação de milagres | Interpretação de línguas |

Fonte: CPAD, Lição Bíblica de nº 3, do 2º Trimestre de 2014.

Na entrevista ao MapaCast foi perguntado a irmã Zezé como ela descobriu esse dom profético, diz ela em sua resposta que:

Da profecia foi no Círculo de Oração, e da revelação desde solteira. Deus me dava muita revelação e eu não entendia, eu não queria. Minha vó sempre dizia, filha Deus te deu um dom, quando eu sonhava, quando eu via as coisas, eu ficava com medo e dizia vovó eu vi assim e assim, o irmão não está bem. A primeira revelação eu vi um ungido cheio de lama e a roupa dele caía, dia de domingo, ele pregando “Deus salva, Deus cura”, eu dizia: misericórdia, vovó! O paletó do pastor tá cheio de lama e tá caindo. Quando a gente chegou em casa, minha vó disse assim, Deus lhe deu o dom da revelação, não conta a ninguém, é porque o pastor está sujo, quando a pessoa está sujo perante Deus, está cheio de lama, ela foi me explicando e a profecia eu não queria porque é outra história, meu marido falava que Deus o livre que não queria de jeito, que mandava tapar a boca, então eu dizia Senhor não quero esse dom de profecia, eu não quero e um dia na Oliveira Lima (congregação) tava o poder caindo, nós tava orando e botei a mão em um homem de repente eu dei pulo e Deus me tomou pra aquele homem, Deus me contou a vida do homem, ai Deus me usou pra o pastor, pra um monte de gente e quando terminou eu fiquei assustada, ai o pastor disse assim: Deus lhe deu o dom de profecia, tudo que eu disse a Deus de madrugada, Deus lhe usou, nunca cresça. É por isso que até hoje guardo isso (SILVA, 2023. Informação verbal).

Ser agraciado com o dom da revelação e o ministério da profecia é algo que nem todos da Assembleia de Deus desejam, pois é comum a expressão de que é necessário “pagar um preço”. Essa fala carrega consigo um peso muito grande, pois representa sofrimento, entendendo que o preço a se pagar é muito alto, por exemplo, com enfermidades, calúnias, fofocas. Em alguns casos, quando o “vaso”⁵⁰ não diz o que Deus quer por ser pesado demais a mensagem ou dependendo de quem seja, tal como um pastor, mencionado no relato acima, Deus pode castigá-lo por não fazer o que Ele mandou, daí pagar o preço, muitas das vezes no cotidiano assembleiano dos Círculos de Orações, moças temiam serem desmascaradas acerca da “perca da virgindade” diante de todos. Essa prática tem diminuído com o passar do tempo ou as jovens já não estão frequentando como antigamente os Círculos de Orações.

Outra ressalva muito importante para o estudo dessas representações femininas, versam sobre o aspecto da violência doméstica. No relato da irmã Zezé fica nítido o medo que ela sentia do seu marido, quando relembra o que ele dizia: “mandava tapar a boca” caso ela tivesse o dom da revelação e da profecia. Tapar a boca apresenta as mesmas características do silenciamento das mulheres, pois uma mulher que fala incomoda, ao passo que altera os papéis designados dentro da lógica do binarismo homem/mulher.

⁵⁰ Instrumento de Deus, nos ditos evangélicos, na entrega de sua mensagem.

Abaixo, temos a Irmã Zezé e a irmã Cecília que foi pioneira dos Círculos de Orações na cidade de Garanhuns, atualmente está com 94 anos de idade e de grande representatividade às mulheres assembleianas.

Figura 22: Irmã Zezé e irmã Cecília



Fonte: Instagran *irmazezedegranhuns_oficial*

O uso da palavra pelas mulheres como preletoras oficiais não é um caminho de valorização. Em seguida, temos dois exemplares onde a irmã Zezé é chamada de pregadora, esses panfletos não fazem parte da IEADPE e como missionária a irmã Zezé tem inúmeros convites para ministrar a palavra em outras denominações. A experiência acumulada ao longo de tantos anos de convertida fazem dela, assim como a irmã Sizely Brito testemunhas vivas das mudanças que existem entre outras igrejas assembleianas no Brasil. Mas um ponto que nos chama atenção é o fato de que a irmã Zezé pelo ministério da qual faz parte não é apresentada como pregadora, entretanto, esse reconhecimento fora da IEADPE, nesse sentido, seja maior. A irmã Zezé vem de uma família humilde e seus estudos da Educação Básica foram concluídos na fase adulta por meio da Educação de Jovens e Adultos (E.J.A). Assim como tantos homens assembleianos que possuem uma escolaridade baixa, mas que alcançam cargos ministeriais na igreja, porque desde o princípio a Assembleia de Deus fez esse movimento, sendo esse um dos fatores do crescimento da igreja em diversas localidades do Brasil.

Figura 24: Divulgação de eventos onde a irmã Zezé foi a pregarora



Fonte: Instagram irmazezedegaranhuns_oficial

Com mais de 23 mil visualizações até o presente momento o *podCast* MapaCast⁵¹ trouxe como convidada a irmã Zezé, indo ao ar no dia 20 de novembro de 2023, atualmente o maior visto entre todos os vídeos do canal. Nessa entrevista, ela relata várias experiências que teve em sua vida, os assuntos foram diversos desde as viagens que fez, as curas recebidas, sobre os filhos, o casamento e a atuação na igreja com o Círculo de Oração.

Figura 25: Irmã Zezé no MapaCast



Fonte: Instagram mapacast

⁵¹ “O MapaCast é o *podcast* oficial da Agência Mapa Digital. Toda semana, pelo menos um novo episódio para falar sobre Deus, testemunhos, empreendedorismo, política, finanças, negócios e muito mais. Trazendo semanalmente convidados muito especiais que contribuem muito para levarmos assuntos muito pontuais para vocês”. (texto retirado do canal do YouTube MapaCast, o link de acesso para a entrevista do MapaCast com a irmã Zezé é <https://youtu.be/mRSvL0SgwEM?si=hhpXawdpHUZW4Gk>).

Um dos pontos apresentados pela irmã Zezé nesse *podcast* foi sobre sua relação no casamento, das fases, e dos sofrimentos que passou tanto financeiramente, quanto as diversas violências a que era submetida no casamento, a palavra violência não foi utilizada, mas as suas falas expressam casos de violência psicológica e simbólica. Abaixo, temos um dos trechos em que ela relata as dificuldades no casamento a fim de ajudar outras mulheres a passarem por crises no casamento, mas em defesa da permanência das mesmas no matrimônio, suportando até a morte.

Se você está passando uma crise no casamento como eu passei, crise de ciúmes, como eu sofri, eu no meu jeito eu gosto de abraçar, todo homem, toda mulher, e já meu esposo não queria que eu abraçasse as pessoas, que eu falasse. Quando terminava o culto nós discutíamos, ele dizia “não pode você agora é casada”, ele tinha ciúme até de animal, é um negócio muito estranho que eu não posso contar e a minha avó dizia assim “vá orar, Zezé fecha a boca!” Porque quando eu abri minha boca eu perdi muita coisa, quando a gente abre a boca a gente perde muita coisa e o Senhor dizia “mulher fecha a boca, vou te dar vitória, vou transformar” e eu dizia quando? “Eu vou quebrar o homem, eu vou fazer”. Quantas vezes ele (marido) dizia a mim “para você viajar, vai viajar não, eu soube que Deus falou, não, se Deus tem negócio com você tem comigo” (SILVA, 2023. Informação verbal).

Faz parte do cotidiano das mulheres assembleianas o discurso de que é preciso ficar quieta, em silêncio, porque Deus é quem resolve por você, essa prática discursiva das mulheres assembleianas fazem com que muitas delas optem por não expor situações de vulnerabilidade ou até mesmo pedidos de ajuda. No relato da irmã Zézé, temos não só homens a impedindo de falar, mas encontramos mulheres, como no caso de sua avó, frear a necessidade de fala, quando a manda “fechar a boca”, uma reprodução do patriarcado que ainda persiste na sociedade por gerações, ela mesma diz que quando abria a boca, perdia muita coisa e como se já não fosse suficiente, o própria Deus a mandava se calar. Á vista disso, o modo como os assembleianos leem o mundo, giram em torno de um paradigma rígido de controle social e comportamental, tudo está muito bem delimitado.

Dessa forma, a violência doméstica que muitas mulheres passam com seus maridos são reverberados nos pedidos de oração ou testemunhos no Círculo de Oração quando os conjugues mudam de comportamento, mas ainda assim essa temática é por muitas vezes silenciadas na comunidade, são os não ditos ou as entrelinhas das narrativas do dominador “destinada a ser passiva e submissa, nada

mais resta à esposa que se colocar sob proteção do marido, a quem deve amar sem impor condições” (PINSKY, 2016, p. 486). Rachel Soihel em *Mulheres pobres e violência no Brasil urbano* (2018), diz que:

A análise do caráter multiforme da violência que incidia sobre as mulheres pobres e das respostas por elas encontradas para fazer face às mazelas dos sistemas ou dos agentes de sua opressão é fundamental. Cabe considerar não só a violência estrutural que incidia sobre as mulheres, mas também aquelas formas específicas decorrentes de sua condição de gênero; esses aspectos se cruzam na maioria das situações (SOIHEL, 2018, p. 363).

Na entrevista Zezé narra um dos episódios mais difíceis de sua jornada cristã ao ser questionada se em algum momento duvidou, ou teve alguma crise relacionada aos desafios de permanência e como foi para ela esse processo de superação.

Eu tava com vontade de sumir, de deixar Jesus, não dá mais não, porque foi a madrugada toda de prova com meu esposo, muita briga, muita coisa, eu disse não, o homem tá ai com saúde e estou morrendo, ai botei minha roupa, botei várias blusas, ai eu disse assim, eu vou deixar os filhos, eu vou dormir no mato, peguei um forro de cama, ai eu disse não dá, eu vou sumir [...]

Deus, tá aqui os meus filhos, porque quando alguém chegar(marido) vai ser o dobro e eu não tô aguentando não e eu não quero fazer besteira porque eu quero morar no céu [...]

Entrei e fui no meu quarto e gritei para os céus, chorei, ai pedi perdão, senhor porque não queres que eu vá embora, que plano é esse, que história é essa, ai tirei a roupa, ai voltei, eles estavam correndo, tudo soado, brincando, ai eu disse é tô errada, deixar cinco filhos, eu tenho que amar meus filhos, eu tenho que criar meus filhos, eu vou lavar roupa de ganho, ai eu olhei pra cá, pra frente assim, vou pedir pra aquela mulher amanhã pra lavar roupa de ganho, vou trabalhar, ele nem me dá e nem quer que eu trabalhe, eu trabalho escondido. Vou passar a limpo e meus filhos ficam calados, eu vou trabalhar, minhas filhas estão crescendo, tão precisando de algo, ai chorei e pronto e naquela noite que ele chegou fazendo o dobro foi pior, é algo que eu não posso contar, foi uma noite muita escura, deserto, eu corri pro banheiro e disse Deus foi você que falou comigo, você tá vendo a noite, tá vendo o que tá acontecendo, ai gritei pra o céu, ele tomou café e foi pra igreja, pregar na igreja, parecia que não tinha acontecido nada e eu fiquei tremendo tomando garapa de açúcar e a noite foi escura, foi uma noite muito escura, mas deu muito vontade, porque na nossa caminhada a primeira coisa que vem é ficar fria na fé, é você morrer espiritualmente, não dá mais desejo de você cantar, não dá desejo de você orar, não dá vontade de você jejuar, não dá vontade de você lê Bíblia, vem aquela angústia em você achando que não tem mais solução [...] (SILVA, 2023. Informação verbal).

Na entrevista ela também fala sobre esperar o cumprimento das promessas “pra meu marido foram vinte dois anos de espera”, “ele se converteu depois de vinte dois anos?”, pergunta a entrevistadora Wedja Godoy. “Não! Ele era crente, casei com o jovem mais santo da igreja, mas não era convertido”.

Ao ser entrevistada pelo mesmo *podcast* a irmã Sizely Brito também traz a memória um dos momentos em que alguns líderes tentaram parar o seu ministério, no sentido de ser um grande desafio para ela na igreja.

Mas é aquela questão, eu ouvi muito: mulher não prega, mulher não ensina, mulher não fala Bíblia, sabe. Por conta disso eu nunca quis parar não, mas dependendo de como vinha, eu sou sanguínea, eu também dependendo de como vinha eu queria... e aí o Espírito Santo dizia para, mas eu dizia Jesus venha aqui, Jesus me ajude, Jesus me ensine aqui, me ensine ir, me ensine a vim, e a gente tava indo, quem estava perto de mim, no caso meu esposo, sempre me apoiou, nunca foi contra, apesar de que procuram ele algumas vezes pra dizer “para ela, proíbe ela de ir, proíbe ela de sair”, e ele “eu posso fazer isso, eu posso fazer isso com ela” e graças a Deus ele apoiando, de baixo da bênção dele e tive pastores também que apoiaram, estenderam a mão, abençoaram, ajudaram, incentivaram, então ajuda muito a cobertura espiritual pastoral, as vezes que tá ao redor não entende, mas se seu pastor entende, se ele estende a mão e se ele abençoa, você vai em paz (BRITO, 2024. Informação verbal).

Enquanto o maior desafio para a irmã Zezé se fez na vida privada com seu casamento e de como isso afetava a sua vida com Deus e a Igreja, para a irmã Sizely seu maior desafio foram as palavras que se fazem machistas acerca de mulheres pregadoras, de mulheres que queriam falar. O relato acima deixa claro a atuação de muitos homens assembleianos que se utilizam do seu lugar de privilégio por serem homens para justificar os benefícios do patriarcado, como no caso de alguns líderes que propuseram a seu esposo que a parasse, estando sob o jugo da submissão ao marido, algo naturalizado pela fala de Sizely, tal como de Zezé que sofreu muito para ter a permissão do marido para fazer suas viagens missionárias mostra-se além dos pequenos gestos transgressivos, mulheres cujas trajetórias de vida evidenciam o sistema religioso pentecostal que oprime e reproduz um discurso de inferioridade feminina. Logo, “agir no espaço público não é fácil para as mulheres, dedicadas ao domínio privado, criticadas logo que se mostram ou falam mais alto” (PERROT, 2019, p. 146).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: por novas performances na história das mulheres pentecostais

Pensar nesses novos territórios que as/os historiadoras/es começaram ou reintroduziram à disciplina da História significa analisar o não esgotamento das possibilidades de pesquisa que tendem, em primeiro plano, ao posicionamento que nos dirigem ao espaço-tempo, ora vivenciadas e em andamento nas sociedades.

Na tentativa de compreensão dessa determinada realidade social experienciadas no seio da Assembleia de Deus, as suas diversas possibilidades de leitura causam um certo desconforto no que tange aos critérios de análise desses sujeitos, pois a apreensão do real pelos seus membros formam o arcabouço que modelam a identidade principal daqueles que se sentem pertencentes a essa instituição e por que não dizer a essa “verdade”, atribuindo-lhes sentido, graças aos compartilhamentos próprios do grupo: crença, credo, usos e costumes, liturgia dos cultos, interpretação bíblica, doutrina, que configuram as práticas socioculturais imersas na religiosidade e nas representações do mundo social por um determinado grupo que sustentam uma dada comunidade religiosa.

Para Chartier as lutas de representações tendem a ter uma posição no mundo social como qualquer outro viés, tal como a econômica e a política, e nesse sentido o poder e dominação não podem estar de fora da indagação historiográfica, pelo contrário, deve estar pautada nelas.

A Assembleia de Deus tem demonstrado seu poder e domínio por meio das práticas religiosas que não ficam apenas dentro do interior das igrejas, espalhadas por todo o território brasileiro, mas na medida em que esses sujeitos estão inseridos em uma determinada cultura, região e etc, por isso o entendimento que não é somente um processo de aculturação, de flexibilidade nos discursos assembleianos em relação a atuação feminina, mas também um modo operante dos sujeitos assembleianos nos espaços que ocupam também fora da igreja, um comportamento social que visa a recompensa na vinda de Cristo e na salvação eterna e por isso todas as ações giram em torno dessa prerrogativa. A santidade que pode ser alcançada pelos fiéis testifica as escolhas individuais em aceitar a conduta que o cristão assembleiano precisa ter para ser merecedor das promessas.

Identificar as especificidades das práticas religiosas que compõem a Assembleia de Deus em suas diferenciadas formas de representação tem se tornado um trabalho

de visibilidade constante a esses sujeitos de pesquisa que estão se destacando no vasto território da História Cultural, por tanto, consideramos a Assembleia de Deus uma religião popular. Outra autora que suscita o trabalho da Nova História Cultural no Brasil é Sandra Jatahy Pesavento, que em sua concepção discute o que de fato seria cultura na obra *História e História Cultural*, para ela “trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo (PESAVENTO, 2004, p. 15), na busca pela produção de sentidos e suas representações.

Por outro lado, pensar nas mulheres e sua relação com o sagrado, abarca também, segundo Perrot sobre o aspecto da alma feminina, e para isso salienta ela, “as vozes de mulheres foram, de início, vozes místicas” (PERROT, 2007, p. 84), em que a religiosidade sempre esteve presente na vida das mulheres e por elas foram experienciadas. E para isso, “as mulheres fizeram a base de um contrapoder e de uma sociabilidade” (PERROT, 2007, p. 84), e para as mulheres assembleianas não seria diferente, nascidas ou não no berço do evangelho, jargão bastante utilizado pela comunidade evangélica, as mulheres assembleianas sabem que possuem um poder que extrapola os poderes institucionais, mas que para elas, são poderes espirituais, dadas as elas e por elas atribuídas a partir da sensibilidade e das características femininas a elas introjetadas pelas sociedades a qual pertencem.

Entretanto, mesmo compreendendo que as vozes femininas assembleianas são múltiplas e atravessadas, essas mulheres também vem sendo a renovação dessa disciplinalização dos corpos e das mentes sucatedas. O cerceamento e a tentativa de permanência e controle escancaram o sistema repressivo e a violência simbólica que as próprias entrevistadas defendem, pois as amarras da doutrinação não foram quebradas, apenas afrouxadas de maneira sutil. Mesmo havendo temporalidades diversas em relação às entrevistadas (Sizely, Zezé e Natália), percebeu-se que ainda assim, essas mulheres representam uma pequena parcela das assembleianas e que seus lugares de privilégio, evidenciam os ausentes: mulheres periféricas, negras e pobres. Uma minoria que demonstra um pequeno avanço, mas processual dessas mulheres.

Por outro lado, pensar nas mulheres pentecostais é se questionar os aspectos diacrônicos que levaram as relações entre os homens e as mulheres as divisões estabelecidas na contemporaneidade, ao passo que tornaram-se com passar do tempo as práticas religiosas do lugar de produção e das apropriações passadas as mais jovens, seja elas de maneira escrita a partir das revistas semanais, jornais, livros, assim como, por meio da oralidade através dos cultos, da Escola Bíblica, dos meios de

comunicação como rádio, televisão e redes sociais.⁵²

As mulheres, para Perrot, “geralmente condizentes de seu papel, foram por vezes tentadas pela subversão de um poder religioso que as domina e as nega” (2007, p. 88), os assembleianos conscientes disto, ao se depararam com as interrogações das mulheres, por vezes a colocaram como rebeldes e desordeiras, ser questionador na cultura assembleiana não é algo em que se deve orgulhar os atores sociais, pelo

⁵² A título de informação a Assembleia de Deus de Pernambuco interage com a sociedade por meio da rádio FM 93,3 / AM 580, canal do YouTube IEADPE oficial e na redeBrasillive, no facebook, instagram, etc.

contrário, como debatido anteriormente a partir das lições bíblicas, levar outros cristãos a refletirem sobre determinado aspecto eclesial e administrativo da igreja é ser considerada uma insurgente dentro do próprio corpo coletivo. Nessa perspectiva, ser um verdadeiro adorador é ser obediente, a obediência a Deus é ser obediente a autoridade constituída, nesse caso ao pastor e a liderança da igreja, mas se as mulheres não possuem esse anseio, segundo Sizely Brito, como poderiam ter esse contrapoder? De que maneira essa dominação religiosa e patriarcal prevalecem negando a importância dessas mulheres para a sustentação dessa instituição, ou melhor desse modo pentecostal de ser?

Sobre o acesso ao saber, Perrot esclarece que “o saber é contrário à feminilidade. Como é sagrado, o saber é o apanágio de Deus e do Homem, seu representante sobre a terra” (2007, p. 91), todavia, encontramos desde o princípio a relação das mulheres com o sagrado nas suas diversas formas, por isso estariam ocultas essa sabedoria as mulheres, ou estariam sendo negadas pelos homens tal conhecimento que por vezes pode ser identificado separadamente da espiritualidade?

Mas o que seria então “uma sociedade que ordena corpos” (PERROT, 2007, p. 90)? nesse caso, o corpo feminino, que carregados de significados são dominados pelos seus afazeres? Bem, para Perrot, “é preciso ministrar às meninas “luzes amortecidas”, filtradas pela noção de seus deveres” (2007, p. 92), pois os construtos socioculturais desencadearam nas mulheres os seus papéis nas sociedades, na família, no trabalho, na igreja, nos ditando o que fazer, como sentir, como conviver. Uma luz amortecida seria esse desejo pulsante por mais, pela vontade de saber, de ouvir, mas acima de tudo, do falar, do se deixar narrar nossas próprias vidas, que empoeiradas em uma das estantes de nossa memória ousam questionar se o que fazemos ou melhor, o que somos mandadas a fazer precisam ser feitas dessa maneira, ou se existem outras formas, outros caminhos, ainda que o propósito continue intacto, no caso das assembleianas, a promessa vindoura de uma vida com Cristo na imensidão do vasto tempo infinito, o paraíso?

As mulheres na cidade fazem parte de uma das categorias de análise que podem ser discutidas em relação as vivências das mulheres e sua relação com o tempo, desse modo, questionamos também o que levanta Perrot na obra *Minha história das mulheres* “o que são as mulheres: vítimas ou complacentes? Nesse ponto há um debate historiográfico que levanta a questão, essencial da adesão das mulheres (e mais amplamente de todo ator social)” (PERROT, 2007, p. 144). De todo modo, as

mulheres assembleianas são vítimas ou complacentes com a hierarquia e a divisão coletiva dessa comunidade discursiva?

Nas reflexões de Pesavento “no campo da História Cultural, o historiador sabe que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões (2004, p. 51). Temos aqui posto uma pequena parcela de considerações acerca das mulheres assembleianas, onde o sujeito central esbarra na tentativa de encadear mais prerrogativas sobre os espaços de atuação em que as mulheres assembleianas estão inseridas, diante disso fomenta-se também explorar o vasto campo da história das mulheres pentecostais que por um fio condutor escolhemos as assembleianas em Pernambuco, para tanto dialogamos com algumas vivências de mulheres em diferentes idades, profissões e localidades, mas que partilham de uma identidade em comum, que enxergam sob lentes diversas os papéis das quais exercem dentro da instituição, e por esse ponto entendemos quão multifacetado e polissêmico são as vozes femininas assembleianas e seus regimes de verdade que configuram o cerne das realidades que se apresentam em torno do coletivo religioso e suas práticas sociais.

Pesavento salienta que “tudo que se conhece da História é uma construção da experiência do passado, que tem se realizado em todas as épocas” (2004, p. 53), a história das mulheres assembleianas no Brasil está percorrendo um caminho de muitas possibilidades, em seu princípio a atuação feminina como no caso de Frida Vingren e tantas outras como percussoras do papel que seriam desempenhadas por elas nos fazem refletir a emergência da dualidade feminina na pós-modernidade nos espaços pentecostais.

A categoria central da História Cultural segundo Pesavento seria a representação, para ela “expressas por normas, instituições, discursos, imagens e ritos, tais representações formam como que uma realidade paralela à existência dos indivíduos, mas fazem os homens viverem por elas e nelas” (2004, p. 39). Partindo dessa premissa, entendemos que a comunidade discursiva dos assembleianos comungam não somente de uma crença, mas fazem parte de toda uma categoria de análise que interagem e interferem na sociedade por meio da representação de mundo que apresentam e defendem.

Nessa perspectiva, o modo como é feita a leitura desses atores sociais em particular expõem a realidade vivida no interior da instituição, pois as normas escritas e não escritas que fazem parte do arcabouço assembleiano, assim como seus usos e

costumes possibilitam diversas interpretações, não apenas dos pesquisadores, mas em especial dos sujeitos da pesquisa que visivelmente tomam suas próprias conclusões acerca do modo de viver assembleiano. Fato esse pensado a partir das declarações de nossas entrevistadas que possuem visões diferentes a respeito das hierarquias eclesíásticas e administrativas da igreja.

Construção simbólica do pertencimento que envolve práticas e representações do tempo vivido dos sujeitos que fazem a História no cotidiano, no campo, na cidade, das sensibilidades e subjetividades, das crenças, do imaginário, das apropriações e das diversas identidades que constroem o mundo de sentidos de um determinado corpo coletivo reunindo por si só os elementos de que a História carece enquanto problematizadora dos acontecimentos.

Em conclusão identificamos que as práticas sociais do lugar e a convivência do dia a dia vão consolidando determinados comportamentos femininos e nesse sentido a disciplinarização das mulheres assembleianas está em diversas esferas da vida, já que as pressões das quais passam acerca do comportamento pessoal e coletivo corroboram com “as normas e valores diversos, próprios da cultura popular” (SOIHET, 2018, p. 362). O claustro das mulheres representadas surgiu a partir das inquietações a respeito dos espaços que se tornam enclausuramento das mulheres, esses espaços que são lugares de produção dos próprios sujeitos foram bem demarcados por Perrot ao defini-los como:

As formas de confinamento, de enclausuramento das mulheres, são muitas: o gineceu, o harém, o quarto das mulheres do castelo feudal retratado por Jeanne Bourin num romance recente, o convento, a casa de estilo vitoriano,, o bordel. É preciso proteger as mulheres, ocultar sua sedução. Cobri-las de véus. “Uma mulher em público está sempre fora de lugar” diz Pitágoras. “Toda mulher que se mostra se desonra”, escreve Rousseau a D’ Alembert. O que se teme: as mulheres em público, as mulheres em movimento.

As práticas socioculturais e religiosas diante do seu lugar de produção está relacionado à doutrina e aos usos e costumes assembleianos, que são inseridos na comunidade através dos textos literários produzidos pela própria instituição por meio da CPAD. Entretanto, observou-se que essas práticas religiosas também apresentam a identidade assembleiana, uma vez que também representa o modo como essa sociedade discursiva vive, pois essas práticas evidenciam o modo como os costumes são incorporados a partir do cotidiano, das vivências e experiências que são testemunhadas por meio da oralidade.

A manutenção do modo como é representada as mulheres assembleanas frente a pós-modernidade abarca para dimensões que se entrecruzam, tais como discursividade, a cultura popular, a identidade coletiva, as relações de poder, etc. Explorar esse campo de pesquisa sempre será um trabalho de recortes e narrativas. Embora haja um certo grau de rigidez no padrão feminino assembleiano, podemos identificar que no cotidiano essas mulheres encontraram maneiras de lidarem com sua crença apesar de permanecerem vulneráveis e submissas, em subordinação à doutrina e aos usos e costumes que são usados como táticas e estratégias na manutenção desse sistema cultural religioso.

Portanto, a presente pesquisa responde às problemáticas levantadas nesse trabalho, uma vez que percebemos que as identidades das mulheres assembleianas, não são fixas ou estáveis, mas em constante movimento, cercado de conexões e vivências, tais como a situação econômica, o espaço geográfico a qual se inserem, a cultura local, a situação da mulher na sociedade, entre outros fatores que aqui foram pensados. Por outro lado, vimos que de fato essas mulheres apresentam uma padronização comportamental tida como ideal para o seu gênero. Entretanto, com as mais jovens, podemos enxergar um lampejo de criticidade a tais padrões, assim como podemos perceber que o acesso ao conhecimento, ao mundo do trabalho e à independência deram uma conotação maior na visibilidade dessas mulheres. E que de fato, com o passar dos anos, essas mulheres encontraram ferramentas cruciais para as suas permanências na crença e na “sã doutrina” da qual se identificam, como a irmã Zezé, que é valorizada e conhecida nesse meio em que hoje se utiliza das redes sociais e não somente do púlpito, quando permitido, para falar. A fala, enquanto quebra de paradigmas, expressa também as táticas e as estratégias que também são utilizadas pelas mulheres.

Enfim, as “verdades absolutas” já não se encaixam no perfil dessas mulheres, vistas em suas formas padronizadas de vestimenta e comportamento como sendo uma coisa só, daí a discriminação que elas dizem sentir da sociedade. Contudo, percebemos que a cultura assembleiana também é um espaço ativo tanto de produção quanto de resistência, ainda que incipiente, onde as práticas cotidianas são apropriadas e adaptadas pelos seus membros que são efetivados no comportamento coletivo como um padrão doutrinário da repetição.

Nesse sentido, esse trabalho propôs investigar as experiências históricas das mulheres assembleianas diante do contexto atual brasileiro, entre 2001 a 2022, por um

viés particular na percepção de algumas mulheres com a igreja, a família e a sociedade, e desse modo entendemos que o padrão comportamental das mulheres pela sociedade produzem no seio religioso, uma vez que são uma via de mão dupla, ferramentas de subordinação das mulheres, dando a elas um papel subalterno e secundário, onde tudo precisa ser permissivo pelos obreiros, homens, que em sua posição de comando e liderança demonstram estarem confortáveis demais para uma futura mudança.

A vida das mulheres assembleianas, seus corpos enquanto vigilância constante, sujeitas a punições, os papéis executados por elas, o reconhecimento e sua atuação na igreja, tanto na hierarquia eclesiástica quanto administrativa, foram apresentadas tanto na visão estabelecida pela igreja quanto pela lente das mulheres que se apresentam divergentes em muitos aspectos, mas que em outros possuem uma tomada de consciência sobre suas condições no seio da comunidade e esse seria o passo para as negociações dessas mulheres, assim como a escolha na permanência ou retirada. Portanto, os meios de produção e transmissão das práticas religiosas assembleianas, das quais configuram em muito os usos e costumes, e o Credo assembleiano. São especialmente os lugares de produção: a igreja e seus cultos semanais, a Escola Bíblica de Obreiros, Congressos, Círculos de Orações e a própria literatura assembleiana, que manifestam o comportamento aceitável para os cristãos que desejam chegar ao céu.

Em resposta a Feuerbach, na introdução dessa dissertação, a consciência que as mulheres assembleanas possuem de si mesmas continuará em aberto, pois a cada uma reserva-se o espaço do relato, e nesses infundáveis relatos acreditamos na escolha individual que a cada uma foi dada. Não nos esquecendo, é claro, da difícil tarefa que é transpor o silêncio da qual foram confinadas. De uma coisa é certa, essas mulheres estão em toda parte, pois a pós-modernidade e as demandas do mundo globalizado, as impulsionaram também a saírem de seus espaços privados, que outrora eram apenas reservados a elas.

Tais formas de sociabilidade permitem com que se configurem as práticas socioculturais religiosas dos assembleianos por meio do cotidiano, dessa feita posta ou constituída através de tradição e da repetição. Vidas entre fronteiras definem bem essas mulheres em trânsitos coletivos complexos entre o ser e o existir, entre o crer e o fazer, entre o se calar ou falar, representadas, imaginadas ou idealizadas. Elas continuam exprimindo em número a crença e a fé na instituição a qual teceram laços.

Resistir para elas talvez seja permanecer e transgredir, talvez seja permanecer e obedecer. Desta maneira, a Assembleia de Deus tem se tornado uma instituição disciplinar que opera segundo a disciplinarização dos corpos e o comportamento social dos seus membros, através dos usos de costumes e do próprio subsídio bíblico que são utilizados como táticas e estratégias de coerção social, ao passo que padronizam, por meio da repetição das práticas religiosas o modo como devem pensar, viver e agir de seus membros.

Por conseguinte, pensar nas mulheres assembleianas e suas identidades é trazer visibilidade as vozes femininas que além de serem atravessadas pela identidade assembleiana, também se atravessam por outras identidades: o ser mãe, dona de casa, profissional, pernambucanas, entre outros aspectos que se mostram no cotidiano dessas mulheres. As mulheres estão a todo momento em movimento, lentos, graduais, temerosos, audaciosos, tímidos, mas estão em movimento e não é diferente com as assembleianas ao passo que conseguem se sentirem pertencentes e atuantes, mas com uma pintada de sagacidade, de inquietação. Vemos as diferenças e as mudanças que ocorreram em relação as mulheres assembleianas com a pós-modernidade, mas também vimos uma estrutura que se representa como modo de viver dessas mulheres mais velhas, ao mesmo tempo em que buscam maneiras de permanecerem. As mulheres assembleianas são agentes de suas histórias, a narrativa nem sempre foram delas e ainda não é, mas existe uma chama latente, pois o silêncio foi rompido.

Finalizamos nossa pesquisa respondendo um pouco sobre quem são as mulheres assembleianas. São mulheres que estão em todo lugar, alcançando o espaço público, a cidade. E que em termos profissionais, como dito por Sizely Brito, podem tudo, em outras aspectos da vida, não. Entretanto, não se dominam no campo religioso, não se anulam por uma está trabalhando e a outra em casa, mas se excluem e são excluídas do processo de tomada de decisão da própria instituição. São variadas e relativas acerca dos usos e costumes. Desarmônicas, mas não desarmadas. Sentem a necessidade de fala, mas se reprimem, são solidárias e dóceis. Enfim, representam o mundo desde que faça sentido para elas.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicolas, (1901-1990). **Dicionário de Filosofia** / Nicolas Abbagnano; tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. - 5ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALMEIDA, Joede Braga de. **O sagrado e o profano: construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembléias de Deus no Brasil**. 2008. 119 f. Dissertação (Mestrado em Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.
- ALENCAR, Glauber Rodrigues de. **Aspectos da cultura pentecostal brasileira: origem, influências e desenvolvimento**. 2015. [51 f.]. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, [São Paulo].
- ANDRADE, Moisés Germano de. **“Uma história social” da Assembleia de Deus: a conversão religiosa como forma de ressocializar pessoas oriundas do mundo da criminalidade** / Moises Germano Andrade; orientador Drance Elias da Silva; co-orientador Marcos Roberto Nunes Costa, 2010.
- BARROS, José D’Assunção. **O Campo da História – especialidades e abordagens**, Petrópolis: Vozes, 2004.
- BARROS, José D’Assunção. **A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.
- BARROS, José D’ Assunção. **A Fonte Histórica e seu lugar de produção** / José D’ Assunção Barros. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- BANDINI, Claudirene Ap. P. **Costurando certo por linhas tortas: práticas femininas em igrejas pentecostais**. Salvador: Editora Pontocom, 2014.
- BELLOTTI, K.K. **História das Religiões: conceitos e debates na era contemporânea**. História: Questões e Debates, Curitiba, n.55, p. 13-42, jul./dez. 2011. Editora UFPR.
- BURITY, Joanildo A. **Religião e política na fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica**. Rever [on-line], n° 4. 2001.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas** / Peter Burke (org); tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BURKE, Peter. **“História Cultural: passado, presente e futuro”** In *O Mundo como Teatro*, São Paulo: DIFEL, 1992.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: Os limites discursivos do "sexo"**. Tradução de Verônica Daminelli e Daniel Yago França. São Paulo: N-1 Edições e Crocodilo, 2019.
- BHABHA, Homi K., 1949- **O local da cultura** / Homi K. Bhabha; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. -2. ed.- Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia/ Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.)**. - Rio de Janeiro: Campus, 1997.

- CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CERTEAU, Michel. **A Cultura no Plural**. São Paulo: Papirus, 1995.
- CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. - Porto Alegre : ARTMED Editora, 2001.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita** / Roger Chartier; tradução de Fulvia M. L. Moretto. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DEL PRIORE, Mary (org.) & BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 1997.
- ELIADE, M. **História das Crenças e das Ideias Religiosas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- FERREIRA, Mariela de Moraes (Coord.) **ENTRE-VISTAS: abordagens e usos da história oral** / Marieta de Moraes Ferreira (Coordenação); Alzira Alves de Abreu....[et al]. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998. 316 p. il.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (org.) **História oral: desafios para o século XXI**. / Organizado por Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti. — Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- FEUERBACH, Ludwig. **Preleções sobre a essência da religião** / Ludwig Feuerbach; tradução e notas de José da Silva Brandão. Campinas, SP: Papirus, 1989.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação** / José Luiz Fiorin. - 2.ed. -São Paulo: Contexto, 2022.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento de uma prisão**; tradução de Raquel Ramalhe. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- FRESTON, Paul. **Breve História do Pentecostalismo**. In: ANTONIAZZI, Alberto. Nem anjos nem demônios; interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica** / Hans-Georg Gadamer; organizador: Pierre Fruchon; tradução Paulo César Duque Estrada. –2. Ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MAGALHÃES, I. Discurso, ética e identidade de gênero. In: MAGALHÃES, I.; CORACINI, M.J.F.; GRIGOLETTO, M. (org.). **Práticas identitárias: língua e discurso**. São Carlos: Clara Luz, 2006.

MAGALI, Cunha. **A explosão Gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

NETO, Ana Luiza Gouveia. **Na capa e por dentro: Uma análise sociohistórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas** / Ana Luiza Gouveia Neto. --2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo. 1993.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**. Ed. Unicamp, Campinas: 1993.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 5ª Ed., 9ª reimpressão 2006.

PAULA, Wesley Américo Bergamin Granado de. **Assembléia de Deus avante vai!?: transformações e tensões na construção da identidade da Igreja Evangélica Assembléia de Deus no Brasil (1911-1980)** / Wesley Américo Bergamin Granado de Paula. – Londrina, 2013. 205 f.: il.

PEREIRA SÁ, Celso. **A construção do objeto de Pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUEj, 1998.

PERROT, Michelle. **Os silêncios do corpo da mulher**. O corpo feminino em debate. Org. Maria Izilda de Matos e Rachel Soihet. São Paulo: Unesp, 2003.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural** / Sandra Jatahy Pesavento. - 2. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PINTO, Tácito Lívio Maranhão. **A bioética e os evangélicos no Brasil: uma visão a partir da mídia evangélica**. 2008. 98 f. Dissertação (Mestrado em Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

PORTELLI, A. **Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI**. In: Ferreira, M., M., Fernandes, M., Alberti, V. (orgs.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro-RJ. Editora Fiocruz. 1ª Ed. p.67-72. 2000.

RÊGO, Paulo Romero Batista. **História, igreja e poder**. / Paulo Romero Batista Rêgo- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

RICCI, Maurício. **Glossolalia, iniciação e alteridade no pentecostalismo**. Cadernos de Campo (FFLCH /USP), ano 16, jan./dez. p. 221-232, 2007.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. JUNIOR, Manoel Ribeiro Moraes. **A dimensão teórica dos estudos da religião: Horizontes históricos, epistemológico e metodológico nas Ciências da Religião**. Emerson Sena da Silveira. Manuel Ribeiro de Moraes Júnior. São Paulo: Fonte editorial, 2007.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das mulheres e as representações do feminino**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2008.

THOMPSON, P. **A voz do passado – História Oral**. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**; Foucault revoluciona a história. 4ª ed., Brasília: Editora UNB, 2008.

VILHENA, V. C. **O cenário sócio-histórico brasileiro no início do século XX: o surgimento do movimento pentecostal, Frida Maria Strandberg e as lutas das mulheres.**

VILHENA, Valéria Cristina. **Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891 -1940).** 2016. 263 f. Tese (Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

REFLEXUS: REVISTA SEMESTRAL DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES, v.11, p. 97-133, 2017.

SILVA, Cláudio José da. **A Doutrina dos Usos e Costumes da Assembléia de Deus.** Universidade Católica de Goiás: Goiânia, 2003.

ENTREVISTAS

BRITO, Sizely. Depoimento [junho, 2023]. Entrevistadora Jaqueline Tavares da Silva. Garanhuns. Universidade Federal de Alagoas, 2023. Questionário presencial (30 questões). Entrevista concedida para a pesquisa sobre as mulheres assembleianas em Pernambuco.

MORAES, Natália. Depoimento [janeiro, 2024]. Entrevistadora Jaqueline Tavares da Silva. Garanhuns. Universidade Federal de Alagoas, 2024. Questionário presencial (31 questões). Entrevista concebida para a pesquisa sobre as mulheres assembleianas em Pernambuco.

ANEXO 1:

Escala semanal de obreiros

|  ASSEMBLEIA DE DEUS Av. Barão de Rio Branco, 157 Centro - Garanhuns - PE- CEP: 55.234-470 Fone: (087) 3761-1575 - CNPJ/MF Nº 10.632.404-0033-39 Pastor Presidente: Alton José Alves Pastor Local: Pr. Albérico Inácio Silva dos Anjos | | | | | |
|---|------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|------------------------------|---|
| CÓDIGOS DOS CULTOS | | | | | |
| 01. Oração | 13. Manhã Missionária | 25. Anv. União de Adolescentes | 37. Cruzada Evangelística | 51. Conferência da E B D | |
| 02. Pregação | 14. Culto Evangelístico | 26. Est. Pais e Adolescentes | 38. Leitura Anv. C.Oração | 52. Estudo - Oração Mocidade | |
| 03. Ceia | 15. Anv. Círculo de Oração | 27. Ensaio Comissão | 39. Estudo Anv. Templo | 56. Inaug. Ore. Louvor | |
| 04. Doutrina | 16. Aniversário do Templo | 28. Batismo em águas | 41. Formatura do Discipulado | 57. Simpósio de Doutrina | |
| 05. Administrativo | 17. Culto de Missões | 29. Pré-Congresso | 42. Vigília de Ano | 58. Culto do PROATI | |
| 06. Estudo para Mocidade | 18. Estudo para Casais | 30. Conferência Missionária | 43. Anv. Conj. Infantil | 60. Seminário para Família | |
| 07. Anv. Camp. Evangeliiz. | 19. Estudo para Crianças | 31. Congresso de Mocidade | 44. Anv. Coral Juvenil | 66. Inaug. Campo Evang. | |
| 08. Est. p/ Orgão de Louvor | 20. Estudo p/ Adolescentes | 32. Congresso de Adolescente | 46. Noite Missionária | 69. E B D | |
| 09. Anv. Orgão de Louvor | 21. Encontro de Jovens | 33. Encontro de Mulheres | 47. Culto Festivo | 70. Reunião de Obreiros | |
| 10. Culto para Mocidade | 22. Seminário P/ Discipulado | 34. Leitura em Círculo Oração | 48. Estudo para Professores | 71. Círculo de Oração | |
| 11. Abertura de Festividade | 23. Seminário de Evangelismo | 35. Ação de Graças | 49. Reun. de Eq. de Ap.Casais | 72. Consagração - Jenum | |
| 12. Culto de Louvor | 24. Ensaio Com Mocidade | 36. Escola Animada | 50. Anv. Circ. Oração Infantil | | |
| LISTA DE CULTO OFICIAL | | | | | |
| SEGUNDA-FEIRA 22/05/2023 | | | | | |
| CONGREGAÇÃO | COD | 1º ESCALADO | 2º ESCALADO | 1º PORTEIRO | 2º PORTEIRO |
| LACERDÓPOLIS | 4 | PB. ERIVALDO FRAZÃO | DC. FELIPE PEREIRA | AUX. BRITO | DIACONOS PARA SERVIR A SANTA CEIA |
| MORADA NOBRE | 4 | PB. SÉGIO RICARDO | PB. JORGE PEREIRA | AUX. DAVID RICARDO | CONGREGAÇÃO - PARK FENIX II |
| PARK FENIX II | 3 | PB. JAIRO B. NUNES | PB. SAMUEL GALINDO | AUX. ROGERIO ROSENDO | DC. JOSIAS FERREIRA - DC. JUCELIO DA SILVA |
| REPARTIÇÃO | 4 | PB. CARLOS ANDRÉ | PB. ALEX SERPA | DC. MANOEL SÉRGIO | CONGREGAÇÃO - CACH. DOS FRANCISCOS |
| S. CACH. DOS FRANCISCOS | 3 | PR. LUIZ DE SOUZA | PB. PAULO ROBSON | AUX. JOÃO ALEXANDRE | DC. LUIZ CESAR |
| VARZEA | 3 | PB. WESLEY MARLON | | AUX. ERIVALDO BISPO | CONGREGAÇÃO - VARZEA |
| | | | | | DC. JAILSON SIMPLICIO - DC. MANOEL FERREIRA |
| TERÇA-FEIRA 23/05/2023 | | | | | |
| CONGREGAÇÃO | COD | 1º ESCALADO | 2º ESCALADO | 1º PORTEIRO | 2º PORTEIRO |
| ALUISIO PINTO II | 3 | EV. JOSIAS LUIZ | PB. JOCMAR B. NUNES | AUX. WELLIAN DOS SANTOS | DIACONOS PARA SERVIR A SANTA CEIA |
| BOA VISTA I | 4 | PB. JAILSON LINS | DC. ALAN MARTINS | AUX. JOÃO BEZERRA | CONGREGAÇÃO - ALUISIO PINTO |
| INDIANO I | 4 | PB. PAULO ROBSON | AUX. LUIZ GONÇALVES | AUX. MANOEL ODILON DA SILVA | DC. BENEDITO JOSE - VALDERLAN ALMEIDA |
| JARDIM PETRÓPOLIS I | 3 | PR. ALBÉRICO INÁCIO | PB. JOSEILTO M. TAVARES | AUX. JANIO ROBERTO PIERRE | CONGREGAÇÃO - JARDIM PETROPOLIS I |
| JOSÉ LEITÃO | 4 | PB. OSMAR MORAES | PB. JOEL LUIZ | AUX. FÁBIO HENRIQUE | DC. EDINALDO CARNEIRO - DC. RINALDO LEANDRO |
| LUIZ GONZAGA | 4 | PB. EDMARIO CAVALCANTE | PB. SEVERINO LUIZ | AUX. JOSÉ AILTON | CONGREGAÇÃO - MUNDAU I |
| MANOEL CHEU | 4 | PB. ROBERIO DE MARÁES | DC. JAILSON SIMPLICIO | AUX. LUCIANO DA SILVA | DC. JOSE AUGUSTO - DC. MANASSES FRANCISCO |
| MONTE BELO | 4 | PB. ERIVALDO FRAZÃO | DC. JOBSON SANTIAGO | AUX. JOÃO SEBASTIÃO GOMES | |
| MUNDAU I | 3 | PB. JAILSON BEZERRA | PB. SÉGIO RICARDO | AUX. ANTÔNIO CAETANO | |
| PLANALTO | 4 | PB. ALUIZIO ROLIM | DC. AGILDO DE AQUINO | AUX. JOSÉ PEREIRA LUIZ | |
| VILA DO QUARTEL | 4 | PB. ADALTO FRANCISCO | PB. SEVERINO TIMÓTI | AUX. ADALBERTO CAMPELO | |
| VILA INÁCIO | 4 | DC. JOSÉ RICARDO | DC. RENATO BARROS | AUX. JOSÉ GENIVAL | |
| RES. ANTONIO CORDEIRO (NILO COELHO) | 4 | PB. CÉLIO BEZERRA | AUX. ADDAN MONTEIRO | AUX. ÁQUILA CABRAL | |
| MASSARANDUBA | 4 | PB. JOSÉ CARLOS | DC. GILMAR DE FREITAS | AUX. MARIO JOSÉ | |
| ROSA DE SARON | 4 | PB. ADALTO COSTA | PB. JORGE PEREIRA | AUX. ANDESON MASSERA | |
| QUARTA-FEIRA 24/05/2023 | | | | | |
| CONGREGAÇÃO | COD | 1º ESCALADO | 2º ESCALADO | 1º PORTEIRO | 2º PORTEIRO |
| MATRIZ | 5 | PR. ALBÉRICO INÁCIO | PB. SAMUEL GALINDO | DC. ELIABE SILVA | DC. EDILSON PEREIRA |
| ALUISIO PINTO II | 1 | DC. BENEDITO JOSÉ | AUX. MARCOS DOS SANTOS | AUX. CLAUDIO JÚLIO | ESCALA DO CÍRCULO DE ORAÇÃO |
| BOA VISTA I | 1 | DC. VALDERLAN ALMEIDA | AUX. JOSÉ ANSELMO | AUX. JOSIAS BATISTA | NO TEMPLO MATRIZ |
| BRASILIA I | 1 | DC. GUIMARÃES | DC. ADALTO DA SILVA | AUX. MARCELO JOSÉ | QUARTA - FEIRA - 17/05/2023 |
| CAMBIRIMBA | 3 | PB. ELISEU AUGUSTO | PB. EDMARIO CAVALCANTE | AUX. ANDESON MASSERA | OBREIRO PARA LEITURA DA PALAVRA |
| CÉCILIA RODRIGUES | 1 | AUX. MANOEL GOMES | AUX. AILTON MELO | AUX. DENIVAL FELICIANO | DC. ALBERTO RAMOS |
| COHAB II | 1 | DC. ALBERTO RAMOS | AUX. FLÁVIO LUIS O. DE SOUZA | AUX. KILDERE RICARDO | PORTARIA |
| INDIANO I | 1 | AUX. JAEAN PIERRE BATISTA | AUX. LUIZ GONÇALVES | AUX. ALTAIR LOPES DE SOUZA | AUX. JOSEILDO FRANCISCO |
| INDIANO II | 1 | DC. JOÃO DA SILVA | DC. DAVINILSON DUARTE | AUX. SEVERINO CASSIANO | AUX. LUIZ GONÇALVES |
| IRATAMA | 1 | AUX. LUIZ FERNANDES | AUX. MANOEL MESSIAS | AUX. MARCELO DE MELO FARIAS | das 10:00s as 16:00h |
| JARDIM PETRÓPOLIS I | 1 | DC. RINALDO LEANDRO | AUX. EMERSON DOS SANTOS | AUX. VALDEZ DA SILVA (VAL) | DIA 25/05 - FESTA DO CIRCULO DE ORAÇÃO |
| JARDIM PETRÓPOLIS II | 1 | AUX. JOSÉ ANDRÉ DA SILVA | AUX. ERINALDO JOSÉ GOMES | AUX. EDVALDO CORDEIRO | CONGREGAÇÃO - JOSÉ LEITÃO |
| JOSÉ LEITÃO | 1 | AUX. SIDNEY JUNIOR | AUX. ROMARIO BARROS | AUX. JOSÉ ROBERTO AGRELES | ESCALDO - PR. ALBÉRICO INACIO |
| LACERDÓPOLIS | 1 | AUX. EDINALDO HENRIQUE | AUX. EDINALDO HENRIQUE | AUX. BRITO | |
| LIBERDADE | 1 | DC. ALEX GUEDES | DC. LAFAIETE RIBEIRO | AUX. ALVARO DOS S. DANTAS | |
| VILAGE | 1 | PB. ADALTO FRANCISCO | AUX. GERALDO PEREIRA | AUX. JOÃO ALEXANDRE | |
| LUIZ GONZAGA | 1 | DC. MARCOS AURELIO | AUX. GILMAR DE FREITAS | AUX. JOSÉ AILTON | |
| MASSARANDUBA | 1 | DC. LUCAS DEOGO | AUX. JOSIEL | AUX. JOÃO VITOR MIRANDA | |
| MAGANO I | 1 | DC. ALEXANDRE OLÍMPIO | AUX. MARCIO CRISTIANO | AUX. CÍCERO ARAÚJO | |
| VIANA & MOURA | 77 | AUX. CLEUDO FRAZÃO | AUX. LUCIANO DA SILVA | AUX. JOSÉ MIGUEL | |
| MANOEL CHEU | 1 | DC. MANOEL F. ANDRADE | AUX. LUCIANO DA SILVA | AUX. ERIVALDO BISPO | |
| MIRACICA | 1 | DC. ANTÔNIO EDSON | DC. JOSÉ DERNILSON | AUX. ANTÔNIO NUNES | |
| MONTE BELO | 1 | AUX. EDMO ALEIXO | AUX. RICARDO OLIVEIRA | AUX. JOÃO SEBASTIÃO GOMES | DIA 24/05 - REUNIÃO COM OS DIRIGENTES |
| MORADA NOBRE | 1 | AUX. RONALDO ADRIANO | AUX. JAILSON GALINDO | AUX. EDSON FERREIRA FREITAS | DE CONGREGAÇÃO E ADMINISTRATIVO |
| MUNDAU I | 1 | AUX. JOSEMILSON DOS SANTOS | AUX. ERONILDES LOURENÇO | AUX. ANTÔNIO CAETANO | NA MATRIZ AS 19:00H |
| MUNDAU II | 1 | DC. JOSÉ AUGUSTO | AUX. SEVERINO ANDRADE | AUX. MANOEL DE ARAÚJO | |
| NILO COELHO | 1 | DC. ELIDOMILSON VIEIRA | AUX. ÁQUILA CABRAL | AUX. JOSÉ EDSON DE SOUZA | |
| OLIVEIRA LIMA | 1 | DC. ORLANDO FERREIRA | DC. FERNANDO GALDINO | AUX. MIGUEL JUNIOR | |
| OSVALDO CRUZ | 1 | DC. RENATO BARROS | AUX. JOSÉ MARCELO | AUX. FILIPE CESÁRIO | |
| PARK FENIX I | 1 | DC. MARCOS RODRIGUES | AUX. CARLOS ANDRÉ | AUX. JOSÉ GONÇALVES | |
| PARK FENIX II | 1 | DC. JOSIAS FERREIRA | AUX. JOAIS HERCULANO | AUX. EDILSON TAVARES | DIACONOS PARA SERVIR A SANTA CEIA |
| PLANALTO | 1 | DC. AGILDO DE AQUINO | AUX. PEDRO TORRES | AUX. JOSÉ PEREIRA LUIZ | CONGREGAÇÃO - CAMBIRIMBA |
| REPARTIÇÃO | 1 | PB. CARLOS ANDRÉ | | DC. MANOEL SÉRGIO | DC. JURANDIR DE SOUZA |
| ROSA DE SARON | 1 | AUX. JOSÉ HELIUI GONÇALVES | AUX. ARNON ALVES PORFIRIO | AUX. LENILSON CORDEIRO | |
| SÃO PEDRO | 1 | PB. ELIAS VITOR | | DC. ALAN DOS SANTOS | CONGREGAÇÃO - SITIO OLHO D AGUA |
| SITIO BOM RETIRO | 77 | AUX. JOSÉ LUCAS | | AUX. HIGOR DE ALBUQUERQUE | DC. ALAN MARTINS |
| SITIO MICHILA | 77 | DC. SÉRGIO SALES | | AUX. AUX. EDSON FERREIRA | |
| SITIO OLHO D'AGUA | 3 | PB. JAIRO B. NUNES | PB. JOEL LUIZ | AUX. JOSÉ ARNALDO | |
| VARZEA | 1 | AUX. MARCELO FERNADO | | AUX. KELLYTON ÂNGELO | |
| VILA DO QUARTEL | 1 | DC. DENIVALDO MIGUEL | AUX. CARLOS ROBERTO | AUX. ADALBERTO CAMPELO | |
| VILA INÁCIO | 1 | AUX. JOSÉ GENIVAL | AUX. DANIEL FERREIRA | AUX. DANIEL DA SILVA ARAÚJO | |

| 100% DIZIMISTA NADA ME FALTARÁ | | | | | |
|---|-----|--------------------------|----------------------------|------------------------------|---|
| QUINTA-FEIRA 25/05/2023 | | | | | |
| CONGREGAÇÃO: | CÓD | 1º ESCALADO | 2º ESCALADO | 1º PORTEIRO | 2º PORTEIRO |
| CAPOEIRAS | 4 | PB. VALDINEI NUNES | OBREIRO LOCAL - CAPOEIRAS | AUX LOCAL - CAPOEIRAS | |
| BRASILIA I | 4 | PB. MIGUEL BARBOSA | PB. MAXIMINIANO | AUX GIVANILDO CARDOSO | DIACONOS PARA SERVIA A SANTA CEIA |
| CECÍLIA RODRIGUES | 4 | PB. SAMUEL GALINDO | PB. ROSIVAN CARNEIRO | AUX JOSÉ ALEXANDRE | CONGREGAÇÃO - INDIANO II |
| COHAB II | 4 | EV. JOSIAS LUIZ | PB. ADALTO COSTA | AUX. KILDERE RICARDO | DC. JOÃO DA SILVA - DC. DIVANILSON DUARTE |
| Indiano II | 3 | PB. ROMÃO COSTA | PB. JORGE PEREIRA | AUX. JOSÉ REGINALDO | |
| IRATAMA | 4 | DC. ROBENSPIERRE ALBANY | DC. JOSÉ RICARDO | AUX. DENTVANILDO RUFINO | CONGREGAÇÃO - OLIVEIRA LIMA |
| JARDIM PETRÓPOLIS II | 4 | PB. EVERALDO BALBINO | DC. RINALDO LEANDRO | AUX. ERINALDO JOSÉ GOMES | DC. FERNAMDO GALDINO - DC. ORLANDO FERREIRA |
| LIBERDADE | 4 | PB. JOCMAR B. NUNES | PB. ROBERIO DE MARÃES | AUX. CARLOS ANTÔNIO | |
| MAGANO I | 4 | PB. JOEL LUIZ | PB. DANIEL PONCIANO | AUX. JOSUEL | CONGREGAÇÃO - PARK FENIX I |
| MIRACICA | 4 | PB. HELIO ANDRADE | DC. ANTÔNIO EDSON | AUX. AUX. EDSON FERREIRA | DC. RILDO NOGUEIRA - DC. MASCOS RODRIGUES |
| MUNDAÚ II | 4 | PB. LUIZ FERREIRA | PB. SEVERINO LUIZ | AUX. SEVERINO ANDRADE | |
| NILO COELHO | 4 | PB. CÉLIO BEZERRA | PB. JAILSON LINS | AUX. MARCOS FERREIRA | |
| OLIVEIRA LIMA | 3 | PB. AUDAIR LESSA | PB. SEVERINO TIMÓTIO | AUX. LUIZ PAZ DE O. FILHO | CONGREGAÇÃO - SÃO PEDRO |
| OSVALDO CRUZ | 4 | PB. JOSÉ VIEIRA | DC. ELIABE SILVA | AUX. JADSON LOURENÇO | DC. ALAN DOS SANTOS - |
| PARK FENIX I | 3 | PB. RONALDO CARNEIRO | PB. EDMARIO CAVALCANTE | AUX. PEDRO LUCIANO | |
| SÃO PEDRO | 3 | PB. ELIAS VITOR | PB. OSMAR MORAES | DC. ALAN DOS SANTOS | |
| VILAGE | 3 | PB. ADALTO FRANCISCO | PB. JOSÉ CARLOS | AUX. BRITO | CONGREGAÇÃO - VILAGE |
| | | | | | DC. DENIVALDO MIGUEL |
| SEXTA-FEIRA 26/05/2023 | | | | | |
| CONGREGAÇÃO: | CÓD | 1º ESCALADO | 2º ESCALADO | 1º PORTEIRO | 2º PORTEIRO |
| MATRIZ | 4 | PR. ALBÉRICO INÁCIO | PRESBITEROS | AUX. ADDAN MONTEIRO | AUX. LUCAS TIMÓTIO |
| ORGAOS ESCALDOS PARA O CULTO DE DOCTRINA | | | | | |
| COMISSÕES: LIBERDADE - JOSÉ LEITÃO | | | | | |
| CAMPANHA EVANGELIZADORA DA CONGREGAÇÃO DO PLANALTO | | | | | |
| CONGREGAÇÕES ESCALADAS PARA O CULTO DE DOCTRINA MATRIZ | | | | | |
| | | | | | |
| SÁBADO 27/05/2023 | | | | | |
| CONGREGAÇÃO: | CÓD | 1º ESCALADO | 2º ESCALADO | 1º PORTEIRO | 2º PORTEIRO |
| OSVALDO CRUZ | 25 | PB. JOSÉ CARLOS | PB. VALDINEI NUNES | AUX. WENIO HENRIQUE | |
| CAMBIRIMBA | 2 | DC. JURANDIR DE SOUZA P. | DC. ALAN MARTINS | AUX. JOSÉ HELIEL GONÇALVES | DIACONOS PARA SERVIA A SANTA CEIA |
| REPARTIÇÃO | 2 | PB. CARLOS ANDRÉ | | DC. MANOEL SÉRGIO | |
| COHAB II | 9 | EV. JOSIAS LUIZ | PB. GILVAN CATÃO | DC. MANASSES FRANCISCO | |
| JARDIM PETRÓPOLIS II | 9 | PB. EVERALDO BALBINO | AUX. AMAURY NETO | AUX. ERINALDO JOSÉ GOMES | |
| DOMINGO 28/05/2023 | | | | | |
| CONGREGAÇÃO: | CÓD | 1º ESCALADO | 2º ESCALADO | 1º PORTEIRO | 2º PORTEIRO |
| MATRIZ | 9 | PR. ALBÉRICO INÁCIO | PB. JAIRO B. NUNES | DC. ANDERSON MATOS | DC. DAVI XAVIER |
| ALUISIO PINTO II | 10 | PB. WAMBERTO FERREIRA | PB. GIVANILDO DIMAS | AUX. CLAUDIO JÚLIO | |
| BOA VISTA I | 2 | PB. JAILSON LINS | PB. JOSELITO M. TAVARES | AUX. JOSIAS BATISTA | |
| BRASILIA I | 10 | PB. MIGUEL BARBOSA | PB. ROBERIO DE MARÃES | AUX. GIVANILDO CARDOSO | |
| CECÍLIA RODRIGUES | 2 | PB. SAMUEL GALINDO | AUX. DENIVAL FELICIANO | AUX. MANOEL GOMES | |
| COHAB II | 2 | EV. JOSIAS LUIZ | PB. DANIEL PONCIANO | DC. MANASSES FRANCISCO | |
| INDIANO I | 2 | PB. PAULO ROBSON | AUX. LUIZ GONÇALVES | AUX. ALTAIR LOPES DE SOUZA | |
| INDIANO II | 2 | PB. ROMÃO COSTA | DC. DAVINILSON DUARTE | AUX. HERCULANO PEDRO | |
| IRATAMA | 2 | DC. ROBENSPIERRE ALBANY | AUX. LUIZ FERNANDES | AUX. DENTVANILDO RUFINO | |
| JARDIM PETRÓPOLIS I | 2 | PB. ALEX SERPA | AUX. ADEILDO PÓRFIRIO | AUX. UELITON MENDES | |
| JARDIM PETRÓPOLIS II | 2 | PB. EVERALDO BALBINO | AUX. GIVALDO FERREIRA DA | AUX. EDVALDO CORDEIRO | |
| JOSÉ LEITÃO | 10 | PB. OSMAR MORAES | AUX. SIDNEY JUNIOR | AUX. FÁBIO HENRIQUE | |
| LACERDÓPOLIS | 2 | PB. ERIVALDO FRAZÃO | AUX. FILIPE PEDRO | AUX. EDINALDO HENRIQUE | |
| LIBERDADE | 2 | PB. JOCMAR B. NUNES | DC. ALEX GUEDES | AUX. CARLOS ANTÔNIO | |
| VIANA & MOURA | 2 | AUX. ALLAN MONTEIRO | AUX. JOSEILDO FRANCISCO | AUX. JOSÉ MIGUEL | |
| LUIZ GONZAGA | 2 | PB. EDMARIO CAVALCANTE | AUX. JANAÍDO SANTOS | AUX. EDILSON DE OLIVEIRA | |
| MASSARANDUBA | 10 | PB. JOSÉ CARLOS | DC. GILMAR DE FREITAS | AUX. JOÃO VITOR MIRANDA | |
| MAGANO I | 2 | DC. PAULO SERGIO GOMES | | AUX. MARIVALDO JOSÉ | |
| MANOEL CHEU | 2 | DC. JAILSON SIMPLICIO | AUX. MARCELO FERNADO | AUX. LUCIANO DA SILVA | |
| MIRACICA | 2 | PB. HELIO ANDRADE | DC. JOSÉ DERNILSON | AUX. AUX. EDSON FERREIRA | |
| MONTE BELO | 2 | DC. JOBSON SANTIAGO | AUX. RICARDO OLIVEIRA | AUX. IVANILDO VICENTE | |
| MORADA NOBRE | 10 | PB. SÉGIO RICARDO | AUX. RONALDO ADRIANO | AUX. EDSON FERREIRA FREITAS | |
| MUNDAÚ I | 2 | PB. JAILSON BEZERRA | AUX. JOSEMILSON DOS SANTO | AUX. ERONILDES LOURENÇO | |
| MUNDAÚ II | 2 | PB. LUIZ FERREIRA | DC. ALBERTO RAMOS | AUX. MANOEL DE ARAÚJO | DIACONOS PARA SERVIA A SANTA CEIA |
| NILO COELHO | 2 | PB. CÉLIO BEZERRA | DC. ELIDOMILSON VIEIRA | AUX. JOSÉ EDSON DE SOUZA | |
| OLIVEIRA LIMA | 10 | PB. AUDAIR LESSA | DC. ORLANDO FERREIRA | AUX. LUIZ PAZ DE O. FILHO | |
| OSVALDO CRUZ | 76 | PB. JOSÉ VIEIRA | PB. MAXIMINIANO | AUX. JOSÉ MARCELO | |
| PARK FENIX I | 10 | PB. RONALDO CARNEIRO | AUX. JOSÉ HÉLIO | AUX. JOSÉ ANCHIETA | |
| PARK FENIX II | 76 | PB. GILVAN CATÃO | AUX. ADDAN MONTEIRO | AUX. EDILSON TAVARES | |
| PLANALTO | 2 | PB. ALUIZIO ROLIM | PB. SEVERINO LUIZ | AUX. PEDRO TORRES | |
| ROSA DE SARON | 2 | PB. ADALTO COSTA | AUX. JOSÉ HELIEL GONÇALVES | AUX. JOSÉ MARIA | 56. INAIG. ORGÃO DE LOIIVOR |
| SÃO PEDRO | 2 | PB. ELIAS VITOR | DC. EDILSON PEREIRA | AUX. ADONIAS FILIPE | 78 - EBD ANIMADA |
| SÍTIO BOM RETIRO (09H ÀS 21H) | 2 | DC. JOÃO SIMÕES | DC. JOÃO DA SILVA | AUX. JOSÉ REGINALDO | 66. Inalg. De Campanha Evangelizadora |
| SÍTIO MUCHILA (04H ÀS 16H) | 2 | PB. HELIO ANDRADE | DC. SÉRGIO SALES | AUX. ANTÔNIO NUNES | 73. Encontro de Crianças |
| SÍTIO OLHO D'ÁGUA | 10 | DC. ALAN MARTINS | AUX. JOSÉ RICARDO COIMBRA | AUX. JOSÉ ARNALDO | 74. Projeções |
| VÁRZEA | 2 | PB. WESLEY MARLON | AUX. ERIVALDO BISPO | AUX. KELLYTON ÂNGELO | 75. Seminário de Aplogia Cristã |
| VILA DO QUARTEL | 10 | DC. EVERALDO ROMÃO | AUX. CARLOS ROBERTO | AUX. ADALBERTO CAMPELO | 73. Encontro de Crianças |
| VILA INÁCIO | 2 | DC. JOSÉ RICARDO | DC. JOSÉ MESSIAS | AUX. SAMUEL TEIXEIRA DE LIMA | 76. CULTO PARA ADOLESCENTES |
| S. CACH. DOS FRANCISCOS | 2 | DC. LUIZ CÉSAR SOARES | AUX. JOÃO CARLOS | AUX. JOÃO ALEXANDRE | 77. ORAÇÃO / DOCTRINA |
| VILAGE | 2 | PB. ADALTO FRANCISCO | AUX. JOSÉ LUCAS | AUX. LEONARDO SANTOS | 79 - SIMPÓSIO DE MÚSICA |

ANEXO 2:



OBREIROS ESCALADOS
PARA O CIRCULO DE ORAÇÃO 14/08/23 A 19/08/23

| SEGUNDA-FEIRA 14/08/2023 | | |
|--------------------------|--------------------------------|---------------|
| CONGREGAÇÃO | OBREIRO ESCALADO | HORA |
| Aluisio Pinto II | Aux. Sidney Junior | MANHÃ / TARDE |
| Boa Vista I | Dc. Marcos Aurelio | MANHÃ / TARDE |
| Cecília Rodrigues | Aux. José Hélio | MANHÃ / TARDE |
| Indiano I | Pb. Paulo Robson | MANHÃ / TARDE |
| Village | Pb. Adalto Francisco | MANHÃ / TARDE |
| Luiz Gonzaga | Pr. Albérico Inácio | FESTA |
| | | |
| | | |
| TERÇA-FEIRA 15/08/2023 | | |
| CONGREGAÇÃO | OBREIRO ESCALADO | HORA |
| Brasília I | Pb. Jailson Lins | MANHÃ / TARDE |
| Lacerdópolis | Aux. Eronildes Lourenço | MANHÃ / TARDE |
| Liberdade | | MANHÃ / TARDE |
| Mundaú II | Aux. Ramias Breno | MANHÃ / TARDE |
| Nilo Coelho | Pb. Manoel Rufino | MANHÃ / TARDE |
| Osvaldo Cruz | Dc. Carlos José de Souza | MANHÃ / TARDE |
| Park Fenix II | Aux. Everaldo Ávila | MANHÃ / TARDE |
| | | |
| QUARTA-FEIRA 16/08/2023 | | |
| CONGREGAÇÃO | OBREIRO ESCALADO | HORA |
| Matriz | Pb. Adalto Francisco | MANHÃ / TARDE |
| Indiano II | Aux. José do Nascimento (Nino) | MANHÃ / TARDE |
| Cohab II | Dc. Alberto Ramos | MANHÃ / TARDE |
| São Pedro | Dc. Alan dos Santos | NOITE |
| | | |
| | | |
| QUINTA-FEIRA 17/08/2023 | | |
| CONGREGAÇÃO | OBREIRO ESCALADO | HORA |
| Jardim Petrópolis I | Pb. Luiz Ferreira | MANHÃ / TARDE |
| José Leitão | Aux. Bronildes Lourenço | MANHÃ / TARDE |
| Rosa de Saron | Dc. Marcos Aurelio | MANHÃ / TARDE |
| Vila Inácio | Aux. Joseildo Francisco | MANHÃ / TARDE |
| | | |
| | | |
| SEXTA-FEIRA 18/08/2023 | | |
| CONGREGAÇÃO | OBREIRO ESCALADO | HORA |
| Jardim Petrópolis II | Pr. Albérico Inácio | MANHÃ / TARDE |
| Manoel Cheu | Dc. Manoel F. Andrade | MANHÃ / TARDE |
| Morada Nobre | Dc. Alberto Ramos | MANHÃ / TARDE |
| Monte Belo | Aux. Everaldo Ávila | MANHÃ / TARDE |
| Mundaú I | Dc. Clevson Teles | MANHÃ / TARDE |
| Oliveira Lima | Pb. Jailson Lins | MANHÃ / TARDE |
| Park Fenix I | Pb. Luiz Ferreira | MANHÃ / TARDE |
| Planalto | Aux. Wellington Emanuel | MANHÃ / TARDE |
| Massaranduba | Dc. Carlos José de Souza | MANHÃ / TARDE |
| Miracica | Pb. Helio Andrade | MANHÃ / TARDE |
| | | |
| | | |
| SABADO - 19/08/2023 | | |
| CONGREGAÇÃO | OBREIRO ESCALADO | HORA |
| Iratama | Dc. Robenspieire Albany | TARDE |
| Sítio Muchila | Dc. Sérgio Sales | MANHÃ / TARDE |
| Viana & Moura | Aux. Addan Monteiro | TARDE |
| Magano I | Dc. Luiz César Soares | TARDE |
| S. Cach. dos Franciscos | Pb. Adalto Francisco | TARDE |
| Sítio Olho d'água | Dc. Alan Martins | TARDE |
| | | |
| | | |

ANEXO 3:**ENTREVISTA SIZELI BRITO****DATA: 07/06/2023**

- 1) Quem é Sizely Brito?
- 2) Conte-nos sobre a sua história na Assembleia de Deus.
- 3) Como você se sente em relação as características que fundamentam a Assembleia de Deus em relação ao Credo assembleano? E como você se sente em relação a Comissão Especial para esse documento, no caso os sujeitos que as escreveram?
- 4) Quais especificidades locais e regionais em Pernambuco você consegue perceber a partir dos convites que recebe?
- 5) Sobre a hierarquia administrativa e eclesiástica, o que você tem a nos dizer em relação as funções determinadas para os homens e para as mulheres?
- 6) Na sua visão, quais são os espaços de poderes que as mulheres exercem na Assembleia de Deus em PE? E em que ponto as mulheres poderiam ter mais atuação?
- 7) Sobre as decisões no que compete a Assembleia de Deus, as mulheres são consultadas, ouvidas? Você acredita que as mulheres tem vozes principalmente sobre aspectos que estão diretamente relacionadas a elas?
- 8) Você já participou de alguma reunião de obreiros como convidada?
- 9) Que importância você dá para o seu trabalho na instituição?
- 10) Como se desenvolveu a ruptura com a Assembleia de Deus em PE? Quais foram os motivos dessa mudança? Caso se sinta confortável para falar.
- 11) Qual a sua opinião sobre os usos e costumes assembleianos em especial para as mulheres? Existem diferenças em relação ao cumprimento para os homens e para as mulheres?
- 12) Na sua opinião existe um processo de flexibilização em relação as regras estabelecidas pelos líderes assembleianos ao estilo de vida de seus membros?
- 13) Quais mudanças mais latentes você consegue visualizar sobre as mulheres assembleianas a partir dessas duas últimas décadas?
- 14) Para você quem é a mulher assembleiana com o advento da pós-modernidade? E quais desafios ela enfrenta na difícil tarefa de permanência?
- 15) O que é ficar em “disciplina”? quais relatos você poderia trazer?
- 16) Disciplina é punir?
- 17) Em relação a atividades físicas e até mesmo sobre profissões desportivas, como você acha que a igreja influencia nesse aspecto da vida de seus membros, uma vez que os usos e costumes proíbem determinadas práticas, tais como jogar futebol, a dança e etc.
- 18) Sobre os corpos femininos assembleianos, o que você tem a nos dizer?
- 19) Em sua perspectiva, os usos e costumes podem ser utilizadas como ferramenta de opressão ou podem também serem utilizados como um instrumento de modelo a ser seguido?
- 20) A mulher no mercado de trabalho tem influenciado de que maneira na mentalidade assembleiana?
- 21) Sobre a liturgia do culto, poderia nos dizer os pontos positivos e negativos? Caso haja.
- 22) Sobre as Lições Bíblicas, você consegue enxergar a atuação das mulheres de que maneira?

- 23)** As mulheres assembleianas possuem apoio da instituição caso desejem ingressar na carreira política?
- 24)** Sobre os conflitos internos e ministeriais desde a fundação da Assembleia de Deus no Brasil, como no caso de Frida Vingren e Samuel Nyström, você tem algum conhecimento sobre esse período, ou sobre a bibliografia de Frida Vingrem?
- 25)** Em que ponto você percebe a negação das mulheres e, por outro, quais pontos podem ser considerados como negociações?
- 26)** Caso haja em sua percepção, em que ponto você considera que as mulheres são vigiadas e/controladas?
- 27)** O que você a nos dizer sobre a atuação das mulheres nos Círculos de Orações?
- 28)** O embasamento bíblico frequentemente utilizado para a ordenação das funções administrativas e eclesiásticas para as mulheres nas igrejas: “E disse o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele” Gênese, 2:18. Para você o que é ser adjutora para as mulheres assembleianas?
- 29)** O que é ser uma preletora na Assembleia de Deus? Como foi para você transpor os desafios e não desistir dessa “vocação”? conte-nos como foi seu processo?
- 30)** Quais projetos você tem levantado e quais parcerias tem encontrado?

ANEXO 4:**ENTREVISTA NATÁLIA MORAES****DATA: 06/01/2024**

- 1) Quem é Natália Moraes?
- 2) Qual é sua relação com a Assembleia de Deus?
- 3) De que localidade você é?
- 4) Quais experiências religiosas você considera mais valiosas sendo membro da Assembleia de Deus em PE?
- 5) Quais aspectos positivos você encontra na Assembleia de Deus?
- 6) Na sua opinião, quais são os desafios que a mulher assembleiana enfrenta para a permanência nessa instituição?
- 7) Você é batizada com o “Espírito Santo” e nas águas?
- 8) Qual sua idade?
- 9) Qual sua profissão e escolaridade?
- 10) O que você acha dos usos e costumes assembleianos em relação as mulheres?
- 11) O que você acha da atuação feminina na Assembleia de Deus?
- 12) Qual é a sua opinião em relação a mulheres preletoras e missionárias?
- 13) Você lê o jornal ADnews?
- 14) Sobre a divisão administrativa e eclesiástica em relação aos trabalhos desenvolvidos pelos homens e pelas mulheres na igreja, qual seu posicionamento?
- 15) Sobre as decisões no que compete a Assembleia de Deus, as mulheres são consultadas, ouvidas? Você acredita que as mulheres tem vozes principalmente sobre aspectos que estão diretamente relacionadas a elas?
- 16) Você já exerceu ou exerce alguma função na igreja?
- 17) Quais mudanças mais latentes você consegue visualizar sobre as mulheres assembleianas a partir dessas duas últimas décadas?
- 18) O que é ficar em “disciplina”? quais relatos você poderia trazer?
- 19) Disciplina é punir?
- 20) Em relação a atividades físicas e até mesmo sobre profissões desportivas, como você acha que a igreja influencia nesse aspecto da vida de seus membros, uma vez que os usos e costumes proíbem determinadas práticas, tais como jogar futebol, a dança e etc.
- 21) Sobre os corpos femininos assembleianos, o que você tem a nos dizer?
- 22) Em sua perspectiva, os usos e costumes podem ser utilizadas como ferramenta de opressão ou podem também serem utilizados como um instrumento de modelo a ser seguido?
- 23) A mulher no mercado de trabalho tem influenciado de que maneira na mentalidade assembleiana?
- 24) Sobre a liturgia do culto, poderia nos dizer os pontos positivos e negativos? Caso haja.
- 25) Sobre as Lições Bíblicas, você consegue enxergar a atuação das mulheres de que maneira?
- 26) As mulheres assembleianas possuem apoio da instituição caso desejem ingressar na carreira política?

27) Sobre os conflitos internos e ministeriais desde a fundação da Assembleia de Deus no Brasil, como no caso de Frida Vingren e Samuel Nyström, você tem algum conhecimento sobre esse período, ou sobre a bibliografia de Frida Vingren?

28) Em que ponto você percebe a negação das mulheres e, por outro, quais pontos podem ser considerados como negociações das mulheres?

29) Caso haja em sua percepção, em que ponto você considera que as mulheres são vigiadas e/controladas?

30) O que você tem a nos dizer sobre a atuação das mulheres nos Círculos de Orações?

31) O embasamento bíblico frequentemente utilizado para a ordenação das funções administrativas e eclesiásticas para as mulheres nas igrejas é: “E disse o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele” Gênesis, 2:18. Para você o que é ser adjutora para as mulheres assembleianas?

ANEXO 5:

| Membros da Assembleias de Deus em Pernambuco por residência | | | | | |
|--|--------|-----------------|---------|---------------------------|-----------|
| Abreu e Lima | 94.429 | Flores | 22.169 | Petrolândia | 32.492 |
| Afogados da Ingazeira | 35.088 | Floresta | 29.285 | Petrolina | 293.962 |
| Afrânio | 17.586 | Frei Miguelinho | 14.293 | Poção | 11.242 |
| Agrestina | 22.679 | Gameleira | 27.912 | Pombos | 24.046 |
| Água Preta | 33.095 | Garanhuns | 129.408 | Primavera | 13.439 |
| Águas Belas | 40.235 | Glória do Goitá | 29.019 | Quipapá | 24.186 |
| Alagoinha | 13.759 | Goiana | 75.644 | Quixaba | 6.739 |
| Aliança | 37.415 | Granito | 6.855 | Recife | 1.537.704 |
| Altinho | 22.353 | Gravatá | 76.458 | Riacho das Almas | 19.162 |
| Amaraji | 21.939 | Iati | 18.360 | Ribeirão | 44.439 |
| Angelim | 10.202 | Ibimirim | 26.954 | Rio Formoso | 22.151 |
| Araçoiaba | 18.156 | Ibirajuba | 7.534 | Sairé | 11.240 |
| Araripina | 77.302 | Igarassu | 102.021 | Salgadinho | 9.312 |
| Arcoverde | 68.793 | Iguaracy | 11.779 | Salgueiro | 56.629 |
| Barra de Guabiraba | 12.766 | Inajá | 19.081 | Saloá | 15.309 |
| Barreiros | 40.732 | Ingazeira | 4.496 | Sanharó | 21.955 |
| Belém de Maria | 11.353 | Ipojuca | 80.637 | Santa Cruz | 13.594 |
| Belém de São Francisco | 20.253 | Ipubi | 28.120 | Santa Cruz da Baixa Verde | 11.768 |
| Belo Jardim | 72.432 | Itacuruba | 4.369 | Santa Cruz do Capibaribe | 87.582 |
| Betânia | 12.003 | Itaíba | 26.256 | Santa Filomena | 13.371 |

| | | | | | |
|-------------------------|---------|-------------------------|---------|--------------------------|---------|
| Bezerros | 58.668 | Ilha de Itamaracá | 21.884 | Santa Maria da Boa Vista | 39.435 |
| Bodocó | 35.158 | Itambé | 35.398 | Santa Maria do Cambucá | 13.021 |
| Bom Conselho | 45.503 | Itapetim | 13.881 | Santa Terezinha | 10.991 |
| Bom Jardim | 37.826 | Itapissuma | 23.769 | São Benedito do Sul | 13.941 |
| Bonito | 37.566 | Itaquitinga | 15.692 | São Bento do Una | 53.242 |
| Brejão | 8.844 | Jaboatão dos Guararapes | 644.620 | São Caitano | 35.274 |
| Brejinho | 7.307 | Jaqueira | 11.501 | São João | 21.312 |
| Brejo da Madre de Deus | 45.180 | Jataúba | 15.819 | São Joaquim do Monte | 20.488 |
| Buenos Aires | 12.537 | Jatobá | 13.963 | São José da Coroa Grande | 18.180 |
| Buíque | 52.105 | João Alfredo | 30.743 | São José do Belmonte | 32.617 |
| Cabo de Santo Agostinho | 185.025 | Joaquim Nabuco | 15.773 | São José do Egito | 31.829 |
| Cabrobó | 30.873 | Jucati | 10.604 | São Lourenço da Mata | 102.895 |
| Cachoeirinha | 19.819 | Jupi | 13.705 | São Vicente Ferrér | 17.000 |
| Caetés | 26.577 | Jurema | 15.541 | Serra Talhada | 79.232 |
| Calçados | 11.125 | Lagoa do Carro | 16.007 | Serrita | 18.331 |
| Calumbi | 5.648 | Lagoa de Itaenga | 20.659 | Sertânia | 33.787 |
| Camaragibe | 144.466 | Lagoa do Ouro | 12.132 | Sirinhaém | 40.296 |
| Camocim de São Félix | 17.104 | Lagoa dos Gatos | 15.615 | Moreilândia | 11.132 |
| Camutanga | 8.156 | Lagoa Grande | 22.760 | Solidão | 5.744 |

| | | | | | |
|----------------------|---------|----------------|---------|------------------------|---------|
| Canhotinho | 24.521 | Lajedo | 36.628 | Surubim | 58.515 |
| Capoeiras | 19.593 | Limoeiro | 55.439 | Tabira | 26.427 |
| Carnaíba | 18.574 | Macaparana | 23.925 | Tacaimbó | 12.725 |
| Carnaubeira da Penha | 11.782 | Machados | 13.596 | Tacaratu | 22.068 |
| Carpina | 74.858 | Manari | 18.083 | Tamandaré | 20.715 |
| Caruaru | 314.912 | Maraial | 12.230 | Taquaritinga do Norte | 24.903 |
| Casinhas | 13.766 | Mirandiba | 14.380 | Terezinha | 6.737 |
| Catende | 37.820 | Moreno | 56.696 | Terra Nova | 9.278 |
| Cedro | 10.778 | Nazaré da Mata | 30.796 | Timbaúba | 53.825 |
| Chã de Alegria | 12.404 | Olinda | 377.779 | Toritama | 35.554 |
| Chã Grande | 20.137 | Orobó | 22.878 | Tracunhaém | 13.055 |
| Condado | 24.282 | Orocó | 13.180 | Trindade | 26.116 |
| Correntes | 17.419 | Ouricuri | 64.358 | Triunfo | 15.006 |
| Cortês | 12.452 | Palmares | 59.526 | Tupanatinga | 24.425 |
| Cumaru | 17.183 | Palmerina | 8.189 | Tuparatema | 7.925 |
| Cupira | 23.390 | Panelas | 25.645 | Venturosa | 16.052 |
| Custódia | 33.855 | Paranatama | 11.001 | Verdejante | 9.142 |
| Dormentes | 16.917 | Parnamirim | 20.224 | Vertente do Lério | 7.873 |
| Escada | 63.517 | Passira | 28.628 | Vertentes | 18.222 |
| Exu | 31.636 | Paudalho | 51.357 | Vicência | 30.732 |
| Feira Nova | 20.571 | Paulista | 300.466 | Vitória de Santo Antão | 129.974 |
| Fernando de Noronha | 2.630 | Pedra | 20.944 | Verdejante | 14.093 |
| Ferreiros | 11.430 | Pesqueira | 62.931 | | |

Fonte: IBGE, 2010.